



**Silvia Margarita Reyes Corea**

**A Serviço da Santa: Uma Etnografia dos Guardas de  
Nossa Senhora de Nazaré**

**Dissertação de Mestrado**

**Belém, Pará**

**2016**



**Silvia Margarita Reyes Corea**

**A Serviço da Santa: Uma Etnografia dos Guardas de  
Nossa Senhora de Nazaré**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, área de concentração em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Gontijo  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Renata Godoy

**Belém, Pará**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

---

Corea, Silvia Margarita Reyes

A serviço da santa: uma etnografia dos guardas de Nossa Senhora de Nazaré / Silvia Margarita Reyes Corea. - 2016.

Orientador: Fabiano Gontijo

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2016.

1. Nazaré, Nossa Senhora de. 2. Etnologia. 3. Antropologia. 4. Devoção. 5. Sociabilidade. 6. Religiosidade. I. Título.

CDD 22. ed. 306.6098115

---



**Silvia Margarita Reyes Corea**

**A Serviço da Santa: Uma Etnografia dos Guardas de  
Nossa Senhora de Nazaré**

**Dissertação de Mestrado**

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Hugo Menezes Neto (UFPA)  
Examinador Externo

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna Ferreira Alencar (PPGA/UFPA)  
Examinador Interno

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcia Bezerra (PPGA/UFPA)  
Examinador Suplente

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Fabiano Gontijo (PPGA/UFPA)  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Godoy (PPGA/UFPA)  
Coorientadora

**Belém, Pará**

2016

## AGRADECIMENTOS

*Utilizando a ordem cronológica como critério para começar a dar as graças a todos os que me ajudaram a concluir um dos sonhos mais importantes de minha vida, agradeço então ao grupo Coimbra que junto a OEA criaram esta grande oportunidade para que eu e milhes de Americanos tivéssemos a oportunidade de nos formar em prestigiosas universidades brasileiras. De igual forma, a CAPES também tem adesão a este nobre projeto, oferecendo o financiamento para pagar a estadia neste país.*

*No momento em que eu recebi esta grata noticia, pensei que minha vida por dois anos estava concertada, mas me equivoquei. Nesse momento iniciavam os desafios e as aventuras onde a incerteza era minha única certeza. Por isso, impossível não agradecer ao padre Carlinho da Silva, um homem de grande coração, que por haver morado em Honduras tinha um apego por todo hondurenho que encontrava em seu caminho. Foi ele quem me procurou uma casa para que eu vivesse num ambiente de comunidade religiosa, a casa das freiras da Vicenta Maria onde me acolheram com grande carinho.*

*Ali tive a oportunidade de conhecer a irmã Helena, que dia após dia me fornecia muitas bênçãos, e graças a suas preces meus dias foram mais leves. Também conheci a Tania, Maria e Claudia, como não agradecer se eram elas as que me proveriam não só minha alimentação e um ambiente limpo e cheiroso, mas também sua amizade e carinho. Agradeço também minhas amigas do pensionato pelas conversas logo do almoço, saboreando uma gostosa xícara de café, especialmente a Bernadete, Liziane e Thaires.*

*Sou grata à minha família por suas constantes orações e por estarem sempre atentos para com a minha vida no Brasil e de meus avanços na área acadêmica.*

*Obrigada a minha irmã Yesse por acompanhar-me nos momentos de frustração e tristeza. Também agradeço a Gustavo, por ser sempre prestativo, durante 22 meses o som do telefone me acordava, e a mesma voz falava: “Buenos dias!”, interessado em saber como amanheci; ao anoitecer nossas conversas estendiam-se, descrevendo até o mínimo detalhe nossas atividades cotidianas; outras vezes o silêncio nos embargava, pelo o cansaço ou momentos de desesperanças, por isto minha gratidão, obrigada, obrigada, você fez menos cruel a solidão.*

*No aspecto acadêmico agradeço a meus professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia por aceitarem como aluna. Todos eles têm meu respeito, admiração e gratidão por adentrar-me no desafiador e fascinante mundo da antropologia e arqueologia.*

*Agradeço especialmente á professora Edna, obrigada por revisar meu trabalho, por sua disponibilidade manifesta desde o que eu tive a fortuna de conhecê-la, por sua dedicação*

*e contribuição para este trabalho. Gratidão pelas suas indicações de leituras, gratidão por sua empatia.*

*Sou grata com meus orientadores, professor Fabiano Gontijo e professora Renata de Godoy. Obrigada por aceitar o desafio de serem meus orientadores, ainda sem conhecer-me pessoalmente. Meu esforço e dedicação neste projeto foi para compensar em certa forma a confiança que depositaram em mim.*

*Agradecimento especialmente ao professor Dr. Hugo Menezes, e a professora Dra. Edna F. Alencar, e a Professora Dra. Marcia Bezerra, por terem aceitado o convite de participarem da banca de defesa desta dissertação. As professoras Edna F. Alencar e Professora Marcia Bezerra meu agradecimento extra por terem participado da banca de qualificação do projeto e pelas valiosas sugestões apresentadas.*

*Aos meus amigos e colegas de PPGA, eu agradeço por compartilhar comigo seus conhecimentos, a Thay Freitas, graças por transmitir-me coragem, segurança e confiança, mas eu acho que preciso ainda de muitas lições, por isso gostaria que nossa amizade continuasse e se fortalecesse ainda mais. Aproveito também para agradecer ao Hermes Veras por identificar-se comigo nesta causa, quem também revisou este documento.*

*Agradeço à minha amiga, irmã Rosa Correia, a qual conheci através do padre Carlinho. Obrigada por revisar e fazer a correção detalhada deste documento. Seu conhecimento e grande experiência possibilitaram as observações muito pertinentes e enriqueceram este trabalho. Sei que não foi nada fácil trabalhar comigo, uma hispano falante com costumes e modos diferentes, mas no final foi tão gratificante que até esqueci os tropeços que tivemos no caminho.*

*E desde logo meu agradecimento especial é para Denise Vale, Seu Guilherme, Seu Icoaraci, Seu Zé Maria, Marcelo e aos mais de 1500 homens GNSN (Guardas de Nossa Senhora de Nazaré), eu gostaria de citá-los nominalmente, mas sendo impossível, espero que compreendam que o caráter coletivo desde agradecimento em nada diminui o reconhecimento e a gratidão que eu tenho por cada um de vocês por disponibilizar seu tempo e abrir seus corações, compartilhando comigo suas experiências, histórias, sonhos, suas esperanças, mostrando-me muitas formas de ser devotos de Nossa Senhora de Nazaré. Gratidão por ensinar-me a amar e respeitar à rainha da Amazônia. Acredito que foi ela, e só ela, que me levou perto de seus filhos, movendo todas as peças para armar este complexo quebra-cabeça.*

*Obrigada Brasil, obrigada brasileiros, e me perdoem por não dedicar mais tempo aos que queriam conversar comigo, os que convidaram a passear ou a tomar um cafezinho, gesto que eu adorei, mas tinha um prazo para cumprir....*

## ***RESUMO***

Este trabalho analisa a devoção manifestada pelos Guardas de Nossa Senhora de Nazaré, grupo de homens brasileiros católicos que de forma voluntária se sentem consagrados a esse trabalho santo. Ao mesmo tempo se analisa a devoção como geradora de capital de prestígio, pois é a partir dela que se revela a competição passiva entre os atores envolvidos nas celebrações em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré. As análises estão baseadas nas premissas de Georg Simmel e Pierre Bourdieu, que além de serem subsídios teóricos para a pesquisa, fornecem possibilidades teórico-metodológicas para a aplicação de procedimentos convencionais da prática etnográfica, no sentido de construir junto com os sujeitos pesquisados dados qualitativos que permitam conhecer as formas de interação social nas ações microscópicas devocionais.

**Palavras-Chave:** Guardas de Nossa Senhora de Nazaré; Sociação; Devoção; Prestígio.

## ***RESUMEN***

Este trabajo analiza la devoción manifestada por los guardas de Nuestra Señora de Nazaré, un grupo de hombres brasileiros católicos que de forma voluntaria se sienten consagrados a éste trabajo santo. Al mismo tiempo se analiza la devoción como generadora de capital de prestigio, pues a partir de ella es que se revela una competición pasiva entre los actores envueltos en las diferentes celebraciones que realizan en homenaje a Nuestra Señora de Nazaré. Este analisis está fundamentado en las premisas de Georg Simmel y Pierre Bourdieu, que además de ser los contribuyentes teóricos de ésta investigación, ofrecen posibilidades teórico – metodológicas para la aplicación de los procedimientos convencionales de la práctica etnográfica, en el sentido de construir junto a los sujetos de esta investigación datos cualitativos que permitem conocer las formas de interacción social en las micro acciones devocionales.

**Palabras Clave:** Guardas de Nuestra Señora de Nazaré; Asociación; Devoción; Prestígio.



## **ABSTRACT**

This work analyses devotion of to the Guards of Nossa Senhora de Nazaré, a group formed by catholic Brazilian men who faithfully and voluntarily are dedicated to this job. At the same time, it analyses devotion as creator of symbolic capital, since devotion motivates a passive competition among them as ways to honor Nossa Senhora de Nazaré. Based on Georg Simmel's and Pierre Bourdieu's premises, the theoretical approach of this research, whose contribution guided throughout conventional methodological and theoretical approaches to the ethnographic practice, as a way to construct a qualitative data collection, which allowed me to understand their social interaction routine thought the microscopic lens of devotion.

**Key-words:** Guards of Nossa Senhora de Nazaré; Sociation; Devotion; Prestige

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – A berlinda no círio 2016 .....	27
Figura 2 – Imagem peregrina de NSN. ....	29
Figura 3 – Imagem “original” de NSN.....	30
Figura 4 – Manto utilizado por NSN no Círio 2015.....	34
Figura 5 – Frente da Corda.....	44
Figura 6- Estrutura Núcleo da Cabeça .....	45
Figura 7 - Estrutura das estações 1,2,4 e 5 .....	46
Figura 8 – Estrutura do Núcleo da Berlinda.....	47
Figura 9 - Estrutura da Berlinda.....	48
Figura 10 — Volante da Corda .....	49
Figura 11 – Estrutura completa da Procissão: a locomotiva da Fé. Fonte: Diretoria da GNSN 2015.	50
Figura 12 – Selfie tomada por seu Raimundo com seu Guilherme Azevedo, Coordenador da GNSN – no Círio 2016.....	61
Figura 13 – Denise Vale dando atenção o Osorio GNSN .....	62
Figura 14 – Desenho de Denise Vale que ilustra posição de seu irmão e dela durante o Círio .....	64
Figura 15 – Seu Icoaraci Castro revisando a corda dias antes do Círio 2016 .....	70
Figura 16 – Seu Zé Maria, Diretor de Patrimônio da GNSN - 2016.....	73
Figura 17 – Vista parcial do interior da Basílica NSN, lugar onde guardam parte do patrimônio de NSN.....	77
Figura 18 – Outro ângulo do interior da Basílica NSN, lugar onde guardam parte do patrimônio de NSN.....	77
Figura 19 - GNSN batendo papo.....	80
Figura 20 – Organograma da GNSN 2016. Fonte: Arquivos da Diretoria da GNSN 2016. ....	84
Figura - 21 Gráfico: Faixa etária dos guardas em 2015. Fonte: dados da Secretaria da GNSN. ....	86
Figura 22- Gráfico 2 - Local de moradia dos guardas. Fonte: dados da Secretaria da GNSN. ....	87
Figura 23-Gráfico 3: porcentagem dos guardas por anos de serviço na GNSN. Fonte: dados da Secretaria da GNSN. ....	88
Figura 24- Gráfico 4: Porcentagem dos GNSN por área de profissão ou emprego. Fonte: dados da Secretaria da GNSN. ....	89
Figura 25 -Gráfico 5- Porcentagem do Estado Civil dos GNSN. Fonte: dados da Secretaria da GNSN. ....	89
Figura 26- Gráfico 6- Porcentagem dos GNSN por número de filhos. Fonte: dados da Secretaria da GNSN.....	90

Figura 27 – GNSN e guardas em formação participando duma atividade pratica: reconhecimento de instrumentos utilizados durante o Círio. ....	91
Figura 28 Novos guardas apresentando sua camisa de GNSN. ....	94
Figura 29 Novo guarda apresentando seu diploma de GNSN.....	94
Figura 30 Novos Guardas esperando a missa de Formatura 2016 .....	96
Figura 31 Guarda uniformado entregando boletins na entrada da Basílica de Nazaré.....	100
Figura 32 Acompanhando a NSN na peregrinação no bairro 40 horas. ....	104
Figura 33- Guarda junto com NSN em sua visita parquia de Lourdes, bairro 40 Horas. Belém do Pará.....	105
Figura 34 - Guardas participantes do ritual da descida de imagem original de NSN da gloria – Maio 2016.....	106
Figura 35 - Ritual da descida de imagem original de NSN da gloria, maio 2016.....	107

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Porcentagem de participação da GNSN e de GP em equipes de trabalho.....	43
--	----

## LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

A	Atrelamento
B	Berlinda
BS	Basílica Santuário
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
E1	Estação 1
E2	Estação 2
E3	Estação 3
E4	Estação 4
E5	Estação 5
FC	Frente da Corda
GCUB	Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras
GNSN	Guarda de Nossa Senhora de Nazaré
GP	Guardas de outras paróquias
I	Imprensa
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
NB	Núcleo de Berlinda
NC	Núcleo de Cabeça
NSN	Nossa Senhora de Nazaré
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONG	Organização Não Governamental
RB	Retaguarda de Berlinda
RIG	Regimento Interno da GNSN
S	Salude
VC	Volante de Corda

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
1. <i>A Construção do Campo e Objeto de Pesquisa</i> .....	5
2. <i>Esclarecendo o Problema</i> .....	7
3. <i>Métodos e Técnicas de Pesquisa</i> .....	15
CAPÍTULO I .....	23
1.1 <i>(Re)Conhecendo a Origem do Serviço à Santa: O Círio de Nazaré</i> .....	23
1.2. <i>As Várias Formas da Devoção</i> .....	30
1.3. <i>A Cúspide do Grande Ritual</i> .....	39
1.4. <i>A Atuação da GNSN Durante a Trasladação e o Círio</i> .....	40
1.5. <i>E os Ritos Continuam</i> .....	53
CAPÍTULO II .....	56
2.1 <i>Um Homem Diferente</i> .....	56
2.2 <i>Uma Guarda Mulher</i> .....	61
2.3. <i>De Estivador a Guarda Santo</i> .....	67
2.4. <i>Um Guarda com Muito Zêlo</i> .....	72
2.5. <i>O orgulho de ser um Guarda de NSN</i> .....	78
CAPÍTULO III .....	82
3.1. <i>Um Perfil da GNSN em 2015</i> .....	86
3.2. <i>Formando Guardas para Nossa Senhora de Nazaré</i> .....	91
3.3. <i>A Missa: Ritual e Espaço de Sociabilidade</i> .....	98
3.4. <i>Acompanhando NSN: Um Ato de Devoção e de Reconhecimento</i> .....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	115
Anexos.....	120

# INTRODUÇÃO

Domingo, 28 de junho de 2009, amanheceu calmo, não se ouvia nem os ruídos dos carros, nem o barulho dos vizinhos, nem o ventinho do mar, parecia que tudo se tinha ficado quieto. O silêncio era até desconfortável. “*O que estava acontecendo?*” Não tinha eletricidade, e justamente por isso a televisão nada podia me informar. Nós hondurenhos fomos convocados pelo Governo da República a uma espécie de referendo, no qual a população deveria dizer se aceitava ou não a reforma da Constituição. “*Então, por que a tranquilidade? Por que tudo estava tão sossegado?*”. Estava se desenrolando um evento que envolvia todo o país, que estava determinando em silêncio a vida de muitas pessoas. Como não queria lidar com tão vasto silêncio que parecia preceder um golpe voraz ao governo e já sentia a preocupação de tomar-me de ponta à cabeça, liguei a meus amigos, vizinhos, ninguém sabia mais do que eu e todos estavam preparando-se para participar da consulta popular<sup>1</sup>.

Procurei o rádio de pilhas que meu pai me deu há muito tempo, de cor branca, pequeno, leve, com um bom som, que me tinha acompanhado sempre, mas o havia usado muito pouco. Todas as emissoras de rádio àquela hora já estavam em cadeia nacional. Fiquei apavorada, o golpe de Estado havia se perpetrado<sup>2</sup>. Eu como muitos hondurenhos já sabia, posto que os editoriais da imprensa tinham se encarregado de criar um clima adverso ao Presidente Manuel Zelaya<sup>3</sup> e a seu projeto de consulta. A imprensa há tempo o vinha qualificando como inimigo do Estado de Direito, forjando desde então a tomada do seu governo, ação que segundo eles evitava um conflito maior e, quem sabe, uma guerra civil.

O governo deposto contou com o apoio dos governos de muitos países. O presidente Luís Inácio Lula da Silva se manifestou imediatamente, demonstrando solidariedade ao povo hondurenho e ao presidente desterrado. Nesse momento, o Brasil, envergando bem o nome de

---

<sup>1</sup> Aqui, estou falando sobre Honduras, país onde nasci localizado na América Central.

<sup>2</sup> O exército invadiu às 6:00 h da manhã a casa do Presidente Zelaya, de onde o levaram à força para o prédio da Força Aérea Hondurenha, de onde foi posteriormente levado à Costa Rica.

<sup>3</sup> José Manuel Zelaya Rosales foi o 53º Presidente de Honduras, eleito Presidente o 27 de janeiro do 2006, e deposto o 28 de junho 2009.

batismo hondurenho, “Colosso do Sul”, abriu as portas da sua embaixada<sup>4</sup> em Honduras para que Manuel Zelaya e outros mais de 300 refugiados ali vivessem em segurança por um bom tempo.

As relações diplomáticas e de troca entre os dois países somente saíram do âmbito exclusivamente político-governamental e passaram a ser de conhecimento popular com a deposição de Manuel Zelaya em 2009. Porém, descobri que as relações diplomáticas entre as duas nações eram bem mais antigas, começaram há cerca de cem anos, por volta de 1906, quando da III Conferência Internacional de América no Rio de Janeiro. Neste evento o presidente brasileiro Afonso Augusto Moreira Pena autorizou um grupo de funcionários a irem para Havana, para que estabelecessem relações com o governo de Cuba e com as outras nações da América Central (Ávila 2008).

Os vínculos formais entre Honduras e Brasil se caracterizaram por serem cordiais e amistosos, mas bastante moderados. O reconhecimento da amizade entre os dois países tem contribuído para a construção de um potencial de oportunidades para os hondurenhos. Carlos Ávila afirma que essa relação está baseada em acordos tácitos e podem se sintetizar em um “intercâmbio de votos hondurenhos favoráveis às propostas brasileiras em organismos internacionais é pela troca de intercâmbios de oportunidades de estúdio para hondurenhos em universidades e academias militares brasileiras” (2008:18).

O encontro entre os Presidentes Manoel Zelaya Rosales e Luiz Inácio Lula da Silva no dia 7 de agosto de 2007 selou o acordo de boas relações entre os países e ratificou antigos comprometimentos entre ambos, tais como “o compromisso de parte de Honduras de apoiar a candidatura brasileira num possível posto permanente no Conselho de Seguridade das Nações Unidas” (Ávila 2008: 21). Um claro exemplo da dádiva exposta por Marcel Mauss (1974), uma das primeiras formas de economia e de solidariedade sociais que une os grupos humanos. Segundo ele, as doações recíprocas estabelecem relações de fortes alianças, hospitalidade, proteção e assistência mútua.

Mesmo tão próximo da ideologia da generosidade e do altruísmo, o ato de dar, mostramos Mauss, não é um ato desinteressado, tampouco se limita à prática dos governantes. Ele está associado, em maior ou menor grau a ela, mas não é por isso definido, o que o determina é a expectativa de retribuição, que é para a dádiva um ato simultaneamente espontâneo e

---

<sup>4</sup> Exatamente por isso o lugar tornou-se um grande atrativo turístico do país. Além de ser local obrigatório para aqueles que precisam solicitar um passaporte também é local de rememoração política. Muitos hondurenhos visitam a embaixada brasileira para conhecer e saudar os funcionários que conviveram com o ex-presidente.



obrigatório (Mauss 1974). Assim, as oportunidades de estudo no Brasil que recebem os hondurenhos são também um exemplo do ato retributivo brasileiro pelo apoio político de Honduras.

Eu e 10 hondurenhos mais fomos privilegiados a receber a retribuição do governo brasileiro. Em 2014 fomos selecionados para fazer cursos de pós-graduação no Brasil, através do Grupo Coimbra<sup>5</sup> e da Organização de Estados Americanos<sup>6</sup>. Desde 2011 estas organizações reafirmam junto ao governo brasileiro seu compromisso de ampliar oportunidades educativas e de contribuir com o desenvolvimento da educação nas Américas.

Os outros hondurenhos foram se aperfeiçoar em Ciências Ambientais, Ciências Agrárias, Biológicas, em fim uma diversidade. No meu caso, escolhi os estudos da Antropologia, área das Ciências Sociais não oferecida nas universidades de Honduras. A experiência tem sido proveitosa porque tenho entrado em contato com professores, pesquisadores, estudantes e diversos tipos de profissionais que têm me dado oportunidades de ampliar meu conhecimento pessoal e acadêmico-científico, que, assim que estiver de volta à terra natal, será de grande valia para a educação no país.

Experimentar outro país, outras culturas, tem lá seus percalços e problemas. São muitos. Necessidades as mais vastas, especialmente de ser compreendida. Porém, fiz a escolha certa pela Antropologia, visto que ela me permite debruçar e dispor desse olhar e sentir diferenciado, “livre” de preconceitos, de uma reflexão sobre as relações entre Brasil e Honduras juntamente com a construção de um conhecimento acerca da religiosidade e sociabilidade brasileira, belenense, numa amálgama inovadora e transcendente de saber.

Belém do Pará é, assim, outro mundo que se abre para mim. Quem diria que aquela cidade brasileira que ouvi o nome pela primeira vez em um curso sobre Gênero, promovido pela Universidade Nacional Autônoma de Honduras, no qual se analisava o cumprimento dos acordos assinados na Convenção para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, realizada ali há dez anos, seria agora meu lar? Assim como a embaixada brasileira acolheu

---

<sup>5</sup> O Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) foi formalmente constituído como associação de dirigentes universitários em 27 de novembro de 2008, durante solenidade acadêmica no Salão Nobre da Reitoria da Universidade de Coimbra. O GCUB é composto por algumas das mais importantes universidades brasileiras da atualidade, composto de 72 instituições associadas, com 51 Universidades Federais, 15 Universidades Estaduais e 6 Universidades Comunitárias e Confessionais, que acolhe mais de um milhão de alunos nos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* e Grupos de Pesquisa. (Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras, 2016).

<sup>6</sup> A Organização dos Estados Americanos (OEA) é uma organização de âmbito continental criado no 30 de abril do 1948, com o objetivo de ser um espaço político para a tomada de decisões, diálogo multilateral e a integração da América. A OEA apoia o desenvolvimento social e económico favorecendo o crescimento sustentável nas Américas. (Organização de Estados Americanos, 2016).

Manuel Zelaya há seis anos, eu, Sílvia Corea, fui abraçada e muito bem recebida por paraenses e outros brasileiros da Universidade Federal do Pará.

Com minha mala cheia de ilusões e de ideias soltas iniciei em terras amazônicas meu trabalho de pesquisa relacionado com o campo do turismo, por ser a categoria econômica que nos últimos anos o povo hondurenho tem depositado suas esperanças, já que ele tem sido uma estratégia de desenvolvimento impulsionada pelos governos nas últimas três décadas, direcionando projetos para uma grande quantidade de comunidades pobres. Nesse sentido, uma perspectiva antropológica da prática do turismo, poderia lançar uma melhor compreensão do fenômeno, mais ampla do que a perspectiva estritamente econômica, que no geral, não enxerga os impactos negativos que um turismo não reflexivo traria.

Porém, tratar de turismo no Brasil não é tratar de turismo em Honduras. As coisas, os ambientes, as pessoas, as atividades não se parecem, não se encaixam. Então como criar uma homologia entre os dois espaços?

Provavelmente pela preocupação em encontrar as semelhanças entre meu país e a terra onde, temporariamente, tinha que chamar de lar, comecei a procurar lugares, pessoas, objetos que lembrassem meu cantinho, La Ceiba<sup>7</sup>, e fizessem sentir-me identificada, que pudessem fazer emergir um certo sentimento de pertencimento que descarregasse o peso dos dias nostálgicos e aliviassem meu espírito repleto de emoções e novidades.

Foi aí que, a princípio apenas apreciando e em seguida acompanhando amigos e vizinhos, descobri a grande devoção que professa o povo belenense por seus santos, principalmente por Nossa Senhora de Nazaré. Encontrei neste ato de fé, nesta sentimentalidade e busca da ligação com as coisas divinas e sagradas, a associação que buscava. Pareceu-me o mesmo carinho e respeito que também mostram os hondurenhos a Nossa Senhora de Suyapa, nossa virgem idolatrada, um símbolo da força da minha gente desde que foi convertida ao catolicismo há mais de 500 anos.

Assim, a participação e o envolvimento afetivo em atividades de caráter religioso, além dos variados conhecimentos obtidos com as disciplinas que cursei, novas ideias surgiram e pouco a pouco me foram afastando do tema do turismo e aproximando-me mais de outro campo: o das práticas religiosas.

---

<sup>7</sup> Cidade hondurenha, localizada na costa norte do país, é a terceira cidade mais populosa de Honduras. É famosa pela celebração do carnaval internacional da amizade, que acontece em maio, e com algumas diferenças dos carnavais do Brasil.

## ***1. A Construção do Campo e Objeto de Pesquisa***

Depois de perambular tanto e não ter clareza do que deveria pesquisar, em outubro de 2015 fui convidada a assistir à missa e à procissão de transladação da Santa imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, que sai da Paróquia de São Raimundo Nonato, no bairro do Umarizal, com destino à Basílica de Nazaré, no bairro de Nazaré. Recebi dois convites para a mesma atividade: o primeiro foi feito pelas freiras da congregação Vicente Maria, administradoras da casa onde eu estou morando desde agosto 2015, o qual eu recusei porque tinha muito trabalho acadêmico a fazer; o segundo convite foi feito por uma amiga doutoranda em Antropologia, a Rosa Correia, e, embora eu também o tenha rechaçado, ela foi insistente, posto que me disse: “*É muito provável que você encontre seu campo lá, só tem que saber olhar*”.

E, efetivamente, eu o encontrei. Marquei com Rosa um encontro às 15:30h na frente da Paróquia de São Raimundo Nonato, mas não consegui chegar até igreja porque a rua estava lotada, com muita gente caminhando, outros vendendo água e refrigerantes; outros rezando, falando, cantando... E no meio disso tudo, eu me senti confusa. Não sabia como chegar até lá, tampouco para onde olhar. Eram muitas coisas a ouvir e ver. Então, resolvi fotografar o evento. Meu desconcerto aumentou quando pensei que realmente poderia estar ali meu campo e objeto de estudo. Dei mais uma olhada ao meu arredor e me senti mais tranquila quando vi a Rosa, em meio à toda aquela gente. Ela estava parada, os olhos fixos na rua. “*O que ela está vendo?*” Em balde busquei a resposta. Coisa nenhuma vi além da multidão dispersa em várias direções e de carros desviados de sua rota por homens que, não fossem pelos trajes tricolores, se assemelhavam à polícia.

Pensei: “*Como posso encontrar um campo aqui, nesta desordem?*” E Thayanne Freitas, minha colega de turma, veio à minha cabeça: “*Deixe que o campo fale para você*”. Mas eu sentia que o campo não me falava, ou, pelo menos, eu não o ouvia. Estava desconsertada, beirando o desespero. Latejava em minha mente o fato de eu já ter cursado quase 4 disciplinas obrigatórias, ter praticamente 8 meses de curso, e ainda não conseguir “domesticar” teoricamente meus sentidos. Neste momento as palavras de Roberto Cardoso de Oliveira soaram-me forte:

Seja qual for esse objeto [de pesquisa], ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. Esse esquema conceitual, disciplinadamente apreendido durante o nosso itinerário acadêmico, funciona como uma espécie de prisma por meio

do qual a realidade observada sofre um processo de refração permitindo a imagem (Oliveira 2000:19).

Mas em minha vista talvez nenhum fato etnográfico observável ou possível de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina que delinear meu itinerário acadêmico até aqui, se formava. A pressão que eu fazia sobre mim aumentava, porque de uma ou outra forma eu queria encontrar um campo de pesquisa prontamente, e seria muito bom se, além disso, pudesse pesquisar um grupo mais ou menos próximo ou familiar, e fazer como sugeriu Pierre Bourdieu ao afirmar que não é uma condição obrigatória da etnografia fazer uma viagem longínqua, em ambientes remotos, para encontrar uma observação participante válida, sendo possível realizar um “Tristes Trópicos ao contrário” (Wacquant 2006: 20).

Encontrar um tema de pesquisa em meio a uma manifestação católica não se trata de pesquisar um ambiente tão familiar assim, porque apesar de crescer em uma família que se define como católica, de residir na casa das freiras e de ser muito apoiada pelos sacerdotes e funcionários da igreja de São Raimundo Neonato, não me considero uma católica ativa. Além disso, e o mais importante, não sou brasileira, o que torna ainda mais culturalmente distante o campo. Porém, por estas mesmas circunstâncias, trabalhar com estas condições ainda é menos intimidador.

Pierre Bourdieu afirma que ao estudar campos e objetos familiares (ou, neste caso, menos distantes culturalmente) se diminui a violência simbólica produto da relação etnográfica, assim como é possível fazer um diagnóstico de perto, realizando, desta feita, uma análise que favorece a “compreensão genérica e genética de cada informante (...) baseada num conhecimento (prático e teórico) sobre as condições sociais de que ele é o produto” (Wacquant 2006: 20).

Em certo momento da tarde de 17 de outubro, aquele dia em que eu encontrei meu tema e campo de pesquisa, e que coincidiu com a visita da Nossa Senhora de Nazaré à paróquia do bairro onde eu moro, enquanto meu olhar ainda vagueava em meio à aglomeração, absorvo em vários pensamentos, deparei-me com a cena a qual os olhos de Rosa tinham esbarrado: era justamente aquele grupo de homens fardados que desviavam o trânsito nas vias principais, a Avenida Senador Lemos, e na paralela, a Rua Soares Carneiro.

Esses participantes bem peculiares trajavam camisa com as cores amarela, branca e azuis, e calças e sapatos sociais<sup>8</sup>. Destacavam-se na multidão, ora concentrando-a, ora

---

<sup>8</sup> No curso de formatura o coordenador da GNSN o descreveu como confortável, simples e discreto.

dissipando-a, mas sempre precedendo a fileira de gente que seguia em direção à Basílica de Nazaré. Seus intentos pareceram-me voltados para assegurar a passagem da Santa. “*Como não havia notado antes aqueles personagens, sua singularidade?*”. Não era somente as roupas que os faziam sobressair-se da maioria, mas a exclusividade do gênero de quem as envergava: eram unicamente homens, com idades estimadas entre 18 e 60 anos. “*Mas quem são eles?*”, “*Por que fazem isso?*”, “*Quem lhes outorgou essa autoridade que exibem?*”, “*E por que a gente toda o reconhece?*”, “*Porque somente homens?*”. Mil questões pulularam em meu íntimo, assim como o sentimento de que finalmente havia ouvido um sussurro do campo que me falava, e visto os borrões de uma imagem etnograficamente observável.

## **2. Esclarecendo o Problema**

O Brasil é conhecido por seu alto grau de religiosidade, especialmente de católicos. Segundo o pesquisador Carlos Navarro (2007) é superado a nível latino-americano unicamente pelo México, com 88% de católicos, e pela Argentina, com 77%, respectivamente. O Círio de Nazaré contribui para esta imagem por ser uma das maiores celebrações católicas do Brasil e uma das maiores festas religiosas do mundo. Ele ocorre anualmente no segundo domingo do mês de outubro, estendendo-se durante todo o mês. Sua estrutura ritualística tem suas origens no catolicismo de Portugal e foi trazida pelos jesuítas nos primeiros tempos da colonização (Rocque 1981: 23).

O Círio é uma celebração em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré<sup>9</sup> que leva cerca de dois milhões de participantes às ruas de Belém do Pará, duplicando o número de pessoas circulando pela cidade no período de sua realização. A celebração, constituída de procissões por algumas ruas da cidade, revive de certa forma o mito de origem desta festa. Mas para explicar este fato é necessário considerar os dados históricos junto com o imaginário popular, não obstante que o limite entre ambos é quase imperceptível.

Conta a história oficial que Plácido José de Souza morava junto com sua esposa, Ana Maria de Jesus, na região conhecida por estrada do Utinga, ou estrada do Maranhão<sup>10</sup>. O sítio

---

<sup>9</sup> Segundo Rocque (1981:31-32) a pequenina imagem encontrada por Plácido, era uma Santa de feições portuguesas, vestida de escarlate e azul, sustentando nos braços um menino a brincar com um globo; era uma cópia fiel da imagem venerada em Portugal, na vila de Nazaré, freguesia de Perdeneiras, Conselho de Alcobaça, na Província da Extremadura, achada em 1179 por uns pastores no alto do monte Siano (São Bartolomeu).

<sup>10</sup> Atualmente bairro de Nazaré.

que habitavam tinha um igarapé chamado Murutucu<sup>11</sup> e foi justamente em sua margem onde, em 1700, o caboclo encontrou a imagem da santinha (Rocque 1980:30; Bonna 1993:18). O homem, muito religioso, levou a imagem para sua casa, mas em nenhum momento a associou com um milagre. Acreditava que ela possivelmente pertencia a algum viajante oriundo de Vigia<sup>12</sup> que, como muitos outros, parou para tomar água naquela região e acabou esquecendo sua santinha ali, ou que ela poderia ter sido escondida por algum caminhante que fora atacado por “selvagens que infestavam o lugar” (Rocque 1981:30).

Os fatos não documentados, mas reconhecidos pela voz popular, narram uma história não muito dessemelhante:

Um dia errava pelas mattas da tortuosa estrada do Utinga, hoje transformada na bella avenida Nazareth, um destemido caçador, acossado pela sêde, em vão buscava um igarapé onde bebesse. Na infrutífera pesquisa descobriu umas pedras cobertas de virentes trepadeiras, entre as quaes, em uma espécie de nicho natural, deparou com uma pequena imagem da Virgem de Nazareth. Tomado de surpresa, supersticioso e crente, viu o caçador n'aquelle achado um facto sobrenatural que o seu cérebro não sabia explicar; e logo acudiu-lhe á mente a idéia de conduzir a imagem para sua pobre choupana. Sem mais pensar na caça que a sua certa pontaria podia ainda entregar-lhe, e na água que tão avidamente buscara, tratou de regressar com o valioso achado. O fato como era de esperar, causou grande alvoroço na família do caçador e nos vizinhos, chamados a ver o prodígio, todos extasiaram-se ante aquella obra de esculptura que, para maior assombro, nenhum vestígio apresentava das intempéries, expostas a ellas, como achava-se em meio de brutas pedras: o manto de sêda brilhava tal qual outro que estivesse sob a abobada de um templo. Não tinha, porém, de ficar aí o espanto dos admiradores: no dia seguinte quando a família despertou, o lugar onde ficara a santa estava vasio! Desaparecera a imagem, sem deixar vestígios, e foi debalde que a procuraram por todos os escaninhos da palhoça. Em meio do desapontamento geral, alguém lembrou o alvitre de voltar o caçador ao sitio onde havia as pedras e o nicho. Tomou o homem as suas armas e, em passo estugado, embrenhou-se da densa floresta que elle conhecia perfeitamente. No seu oratoriozinho natural, lá estava a santinha, na mesma posição, do mesmo modo, brilhando no seu manto de seda, como que a protestar contra a mudança forçada de véspera. Trouxe-a de novo consigo o caçador, de novo a recolheu em sua casa, e, no dia seguinte, de novo a foi encontrar no primitivo sitio (Vianna 1968: 230-231).

A narração da fuga da santinha (que escapulia do oratório que lhe fora construído para voltar ao seu lugar preferido na mata) ganhou mais notoriedade que o fenômeno do seu achado no meio da mata, de forma que o Governador da Província<sup>13</sup> à época ao ouvir sobre o

<sup>11</sup> Passava por traz da área onde se edificou a Basílica de Nazaré, cujo remanescente é o atual canal da Travessa 14 de Março.

<sup>12</sup> Vigia é uma das cidades mais antigas do Pará, fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco durante sua expedição de conquista do Grão-Pará, em 06 de janeiro de 1616, seis dias antes da fundação de Belém. A uma distância de 102 km da capital paraense.

<sup>13</sup> “No lendário o seu nome não é citado” (Rocque 1980:31)

fato decidiu tirar a prova. Ele mandou trazer a imagem para seu palácio e ali encerrou-a em uma sala fechada e com guardas vigiando. No outro dia, ao abrir a sala, viu que a imagem já não se encontrava, embora ninguém tivesse entrado ou saído do local durante toda a noite. Ao procurá-la, encontrou-a no mesmo local onde fora achada quando da primeira fuga da casa de Plácido. Seu manto estava úmido de orvalho e com muitos carrapichos, amostra da grande caminhada noturna que fez desde o palácio presidencial até o igarapé de Murutucu. A repetição do fato fez acreditar a todos que era melhor cumprir o desejo da Santa de continuar no local onde foi encontrada, o que levou Plácido a construir nele uma capela para lhe abrigar.

A notícia do milagre difundiu-se rapidamente, atraindo para a casa de Plácido seus vizinhos, crédulos e incrédulos e assim quase todos os habitantes da cidade passaram a engrossar as fileiras dos devotos da Santa milagrosa. A cada ano aumentava o número dos que iam até sua cabana a fim de ofertarem os “ex-votos<sup>14</sup>” aos pés do altar da imagem.

A presença da imagem na casa de Plácido tornou-se ponto de atração não só para os viajantes como também para os moradores da pequena Belém colonial, iniciando, dessa forma, o culto a Nossa Senhora de Nazaré<sup>15</sup>. Porém, foi realmente através do mito das fugas da imagem que a estrutura do ritual de celebração se consolidou no imaginário popular e ficou conhecido como uma grande caminhada para rememorar o trajeto feito pela Santa de volta ao seu “oratoriozinho natural”.

Por causa disso é que o ritual consistia numa caminhada com a imagem da Santa que saía da casa de Plácido até a capela do Palácio do Governador na véspera do rito principal que é a procissão que ficou conhecida como Círio (segundo sábado de outubro), numa referência às grandes velas de cera, que tal e como eram utilizadas nas peregrinações em Portugal, passaram a ser usadas na procissão feita em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré na capital do Pará<sup>16</sup>.

Para se referir ao Círio, é comum a utilização do termo festa, definido como um ato coletivo extraordinário, extra-temporal e extra-lógico. Significa dizer que: “a condição da festa é dada pela confluência de três elementos fundamentais, interdependentes um do outro, que se confundem uns com os outros, a saber: 1) um grupo em estado de exaltação (leia-se

---

<sup>14</sup> O termo ex-voto vem do latim, significa expressões votivas, o voto ou a promessa cumprida.

<sup>15</sup> Ainda que seja uma repetição de outras lendas de imagens milagrosas este fato é reconhecido como original pela tradição popular e transmitido ano após ano, de forma que é sempre revivido na celebração do Círio.

<sup>16</sup> Segundo Carlos Rocque, (1981:32) este relato, por ele reproduzido, tem como fonte primária o testemunho do próprio Plácido (72 anos depois do achado, com quase 90 anos) ao 5º Bispo do Pará, D. João Evangelista, que governou o bispado de 1772 a 1782, registrado em um manuscrito que se encontra arquivado no convento da Estrela, em Portugal.

fusão coletiva e efervescência) 2) que consagra sua reunião a alguém ou a uma coisa (toda festa é sacrifício) e que, 3) assim procedendo, liberta-se das amarras da temporalidade linear e da lógica da utilidade e do cálculo, pois a festa é uma sucessão de instantes fugidios, presididos pela lógica do excesso, do dispêndio, da exacerbação, da dilapidação” (Perez 2002, p. 19).

Embora Émile Durkheim (2008) não desenvolva uma teoria sobre a festa, a ele deve-se a ideia deste fenômeno e o estabelecimento de uma distinção entres ritos religiosos, que são sagrados, e atos técnicos, que são profanos, expressando que existe uma estreita relação entre o ritual e as festas:

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. (Durkheim 1912: 547 -548).

E para compreender o caso específico do Brasil, é preciso valorizar as análises que fez Roberto DaMatta (1997) sobre as festas, que indicam que as estruturas simbólicas profanas<sup>17</sup> e sagradas<sup>18</sup> aparecem combinadas conforme se trate de uma ou outra manifestação, isto é, certos elementos que operam na linguagem de uma festa religiosa podem também aparecer numa festa mundana. Isso é bem o que acontece no Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Durante todo o mês de outubro se percebe uma mudança no ambiente da cidade de Belém, uma sentimentalidade envolve seus moradores, e a gente transpira emoção e devoção, além de uma aparente confusão que paira no ar. As instituições públicas, o comércio, os colégios, muitas residências, se enfeitam e se esforçam para realizar um ritual de saudação e homenagem à Nossa Senhora de Nazaré.

---

<sup>17</sup> É a representação do que é mais comum, cotidiano, repetitivo, enfim, daquilo que não deve se misturar com sagrado, sob o risco de profaná-lo. (Ferreira 2015:8).

<sup>18</sup> O sagrado é um conjunto de crenças e ritos que formam certa unidade – ao que se pode chamar genericamente “religião”; ou de “igreja” quando as crenças religiosas são compartilhadas pelo grupo. Destarte, a religião envolve tanto uma dimensão cognitiva/cultural (crenças) quanto uma dimensão material/institucional (ritos). O que caracteriza o sagrado é o fato de estar apartado das coisas cotidianas. E exatamente por este afastamento da realidade imediata que o objeto sagrado desperta reações, sentimentos e emoções em sua defesa quando profanado. (Ferreira 2015:8).



O Círio marca a presença da Santa no meio do povo, momento no qual os devotos mantêm uma relação estreita com o sagrado, o que lhes permite uma vivência extraordinária. Nas procissões se projeta de forma mais evidente o caráter sacrificial e purificador dos que dela participam.

É difícil definir este ritual composto de numerosos outros ritos<sup>19</sup> interligados e que funcionam como uma única celebração<sup>20</sup> e que tem tanto características ritualísticas como de solenidades comemorativas. Para Isidoro Alves (2005: 315) ele é “Um complexo ritual, pois reúne não só várias procissões, mas completa-se com o arraial (originalmente uma grande feira) e o almoço do Círio”. Já Eidorfe Moreira (apud Alves 2005: 322) o define como “uma festa dos paraenses, intrinsecamente regional”, e que “Reflete os desejos e anseios de uma população que se orgulha do compartilhamento de valores comuns, sejam eles afetivos, desejados ou idealizados, essencializados na condição humilde daquele que achou a imagem de Nossa Senhora de Nazaré”.

Segundo o antropólogo Romero Ximenes (Apud Lopes, 2011: 166) o Círio trata-se de uma “festa da casa, de uma festa das ‘comidinhas amazônicas’”. Essa experiência de comensalidade que une as pessoas em torno da mesa e dos sabores da Amazônia funciona como uma celebração da fé e renova o sentido da união das pessoas em grupos como a família, e dessa com os amigos e outras pessoas que marcam a vida em comunidade, o que é um registro importante da sociedade paraense. José Rogério Lopes (2011) corrobora com esta ideia quando afirma que o verdadeiro Círio é celebrado em casa: na partilha dos alimentos, na fraternidade da mesa. É possível, então, depreender que o Círio é uma festa e um ritual comemorados em nível familiar, local e regional. Contudo, conforme desenvolverei na dissertação, o Círio não deve ser compreendido apenas por esse lado familiar e comensal. Além desse aspecto, há todos os aparatos públicos e materiais das festas e dos rituais.

---

<sup>19</sup> Nessa questão, estou pensando com Mariza Peirano (2002), que em diálogo com Stanley Tambiah, esclarece as especificidades do evento e do ritual: “na análise de eventos, matem-se o instrumental básico da abordagem de rituais, mas implicações são redirecionadas e expandidas” (2002: 17). Conforme argumenta Peirano, se faz necessário termos em mente as divergências entre eventos e rituais, embora ambos possuam determinadas características semelhantes. Apesar dos eventos serem momentos imprevisíveis e caóticos, dentro deles é possível encontrar estruturas que se assemelham aos rituais. O Círio de Nazaré, e os rituais que o compõe, é um exemplo disso, sendo um todo composto por ritos e eventos.

<sup>20</sup> É composto de atividades como procissões, missas, feiras de brinquedos regionais, arraial, festas, encenações teatrais, salões de arte, show pirotécnico, musicais e muitas outras manifestações envolvidas na festa a Nossa Senhora de Nazaré em Belém, que se apresentam de forma consecutiva todos os anos, a partir do segundo domingo de outubro a mais de 223 anos.

Portanto, é a essas características mais concretas que concebo atenção, pois é a partir delas que meus interlocutores são constituídos e fazem constituir diversas relações.

Para que essas diversas relações – entre os devotos, a Santa, os objetos sagrados que compõe o ritual: a imagem da Santa, a Berlinda, a Corda, dentre outros – se concretizem, diversas interações rituais entram em jogo. O Círio como ritual principal, pode ser explicado pela definição feita por Victor Turner (Ramos e Peirano 1973:2), como um "comportamento prescrito e formal para ocasiões fora da rotina tecnológica, que se refere a crenças em seres ou poderes místicos", ou na perspectiva de Alcida Rita Ramos e Marisa Peirano (1973), baseados em Edmund Leach, que o designam como um comportamento não puramente técnico, mas formas de comportamento comunicativas e mágicas, que podem vir a se constituir como um tipo de ação que marca a estrutura social onde está inserido.

Além de não deixar o conceito de ritual restrito ao âmbito sagrado, essa concepção demonstra-o como uma declaração da estrutura social, justamente porque “serve para manifestar o status do indivíduo enquanto pessoa social no sistema estrutural em que se encontra no momento atual” (Ramos e Peirano 1973:2). Também serve, ideia expressa em Edmund Leach (1965), "para se evitar anarquia, [isso porque] os indivíduos que compõem uma sociedade devem, pelo menos de maneira simbólica, ser, de vez em quando, lembrados da ordem subjacente que, supõe-se, orienta suas atividades sociais” (Ramos e Peirano 1973:4). Adentrando em Victor Turner em si, o ritual é composto por “moléculas”, que são denominadas por ele, de “símbolos” (1974), tendo cada “molécula” um conjunto de gestos e objetos que simbolizam em toda a estrutura ritual, agenciando efeitos diversos.

A esse respeito Roberto Da Matta (1997: 37) em sua análise sobre ritual afirma que

o ritual constitui um domínio privilegiado para manifestar aquilo que se deseja perene ou mesmo eterno numa sociedade. E salienta que os ritos não se definem somente pela repetição, que é um dado de toda a vida social, nem por uma fórmula rígida, pois existem rituais que abrem o mundo, pulverizando todas as regras.

Assim, pode-se dizer que o Círio de Nazaré é a um só tempo um conjunto de atos (ritos) litúrgicos que celebram um santo padroeiro e também atos (ritos) de encontro, de solidariedade, de neutralização de diferenças sociais (Alves 1980). Há nele uma linha tênue, ou mesmo um hiato, que torna quase imperceptível o limite entre festa e ritual, praticamente invisível para uma pessoa que assiste pela primeira vez ao evento. Isso porque, explica Alves (1980), a devoção, a ordem consagrada própria do rito sacral, e a informalidade, a

descontração, a alegria da festa, atuam juntas e simultaneamente ali. O sagrado e o profano, assim, longe de serem opostos absolutos, constituem-se categorias que operam simultaneamente.

Compreender as duas dimensões, sagrada e profana, significa compreender o verdadeiro sentido do que seja essa festa, pois, ao conduzir a anta padroeira, os devotos estabelecem com ela uma relação direta, não mediada pela hierarquia religiosa. Esse ato, ao longo da história do Círio de Nazaré, sempre foi um ponto de tensão instaurador de muitas questões polêmicas sobre o ritual religioso (Alves 1980: 94). Uma dessas questões tem a ver com a corda que separa os devotos da berlinda, elemento simbólico mais representativo do Círio depois da própria imagem de Nossa Senhora de Nazaré e também o mais polêmico desde a oficialização do evento, em 1868, quando foi integrado ao ritual da procissão<sup>21</sup>. Essas questões, para retomar Mariza Peirano (2002), ainda são referentes às semelhanças e divergências entre os eventos e os rituais. Por exemplo, embora os aspectos não devocionais possam aparecer, ao um olhar desatento, como eventos caóticos, ou menos ordenados que o aparato religioso do Círio, ainda há uma estruturação nesses eventos que compõem os aspectos não devocionais da festa, tornando também possível o estudo desses eventos<sup>22</sup>.

Em 1924, Dom João Irineu Jofily, que tinha acabado de assumir a Diocese de Belém, ao assistir o Círio ficou chocado com o empurra-empurra entre os devotos para segurar a corda e seguir ao lado da Santa. Considerando aquilo um comportamento nada católico, o bispo, em abril de 1926, fez divulgar uma circular fazendo alterações na realização do Círio: retirava a berlinda e eliminava a corda do ritual. Quis transformar a romaria da alegria de estar com Nossa Senhora de Nazaré em uma procissão apropriadamente católica, ou convenientemente ordenada aos olhos da igreja.

A decisão provocou insatisfação geral e acabou em enfrentamento com a polícia, somente em 1931, com muito protesto, a ordenança do bispo se desfez (Bonna, 1993:37). Algo não apropriado ou fora de ordem também apareceu aos olhos do Pe. Giovanni Incampo quando assistiu ao Círio pela primeira vez em 1973. Nesta época a Berlinda era puxada por duas cordas, uma era para as mulheres e outra somente para homens. A disciplina na corda era controlada pela polícia, que estava em maior quantidade do lado das mulheres, onde não se precisava de muita atenção, isso o fez imaginar que os policiais tinham “segundas intenções”.

---

<sup>21</sup> Em 1926, por exemplo, o bispo D. João Irineu proibiu a corda e a berlinda foi transformada em andor e carregado nos ombros dos bombeiros com uma escolta de policiais em volta.

<sup>22</sup> Destaco a tentativa de análise da Festa da Chiquita, feita por Milton Ribeiro (2015).

Além disso, percebeu que os promesseiros que estavam sem sapatos eram empurrados e pisoteados pelas botas fortes dos policiais.

Essa percepção deu emergência à ideia de criação de um grupo de homens, cooptados, retirados entre os devotos – selecionados como os mais dignos<sup>23</sup>, como destacados servidores fiéis da Santa<sup>24</sup>, e justamente por isso prestigiados com essa função –, que não somente ordenasse a multidão, garantindo sua segurança e a da Santa, como também tentasse formatar a procissão no molde dos rituais católicos, a fim de diminuir a sua característica profana. Assim surgiu a Guarda de Nossa Senhora de Nazaré (GNSN), com o propósito de ajudar a Diretoria do Círio<sup>25</sup> na organização e desenvolvimento do evento, mas também de fazer o ritual sagrado seguindo a estrutura estabelecida por a igreja.

A criação da GNSN como “corporação de voluntários” aos quais caberá acercarem-se da berlinda (Alves, 1980:34), que deverá ser por eles diretamente puxada, e como zeladores da disciplina na corda e no arraial, é uma demonstração do poder político e simbólico da igreja, revela sua tentativa de controlar o ritual, de mantê-lo unicamente em sua dimensão religiosa, em contraposição à comemoração de cunho altamente popular ou mundano<sup>26</sup>. Quem segura/direciona a Santa, ordena os devotos. A igreja ao depor a polícia militar do acompanhamento da procissão em lugar da sua guarda, assume oficialmente o controle da comemoração. Está aí, portanto, exposto o conflito e a lógica que estruturam o Círio e a

---

<sup>23</sup> De acordo á perspectiva da igreja esses indivíduos devem ter uma vida exemplar, ser modelo em suas atividades e funções em qualquer ambiente em que se encontrem, sendo testemunhas vivas do Evangelho, ao qual devem se comprometer a conhecer e a praticar. E no regimento interno da Guarda em parágrafo único diz que aquele que se voluntaria na guarda santa é mais que um devoto ou simples católico; é um homem que está disponível a servir aos desígnios dos sacerdotes da Igreja Católica, a quem devem respeito e obediência, e dispostos a atender e cuidar dos paroquianos, tendo a responsabilidade de agir com postura moral inabalável – tudo isso reduzido na premissa de amor incondicional para com Nossa Senhora de Nazaré e no cuidado do seu santuário.

<sup>24</sup> Servidores da Santa porque dela são devotos, não da igreja. A devoção é voltada para o ser que é capaz de religar à divindade, que a representa de fato e de direito. A igreja e seus eventos, pode-se dizer, é o *locus* da devoção. Por isso a guarda não é da basílica, mas de Nossa Senhora de Nazaré. Os homens que a compõe, católicos e fiéis exemplares, portanto, servem aos desígnios dela; é porque ela quer que esteja tudo em ordem na homenagem que lhe é feita que eles estão ali.

<sup>25</sup> A partir de 1910 e em substituição às irmandades de Nazaré, a Diretoria da Festa é a instituição responsável de organizar todos os eventos aceitos pela Igreja Católica como componentes do Círio. Esta composta por um Conselho Consultivo, uma Diretoria Colegiada e as seguintes Diretorias: Executivas, Administrativo-Financeira, de Decoração, de Evangelização, de Eventos, de Marketing, de Patrimônio e de Procissões, de Recursos Sócio-Econômicos e Filantrópicos. Cada diretoria está conformada de entre três ou quatro membros, chegando em seu conjunto a um total de 35 leigos; todos de formação católica e reconhecidos por sua participação ativa na Basílica de Nazaré como em outras paróquias. A diretoria da Festa á a responsável de organizar e executar todas e cada uma das atividades “oficiais” do Círio, apoiados desde 1974 pela GNSN.

<sup>26</sup> A igreja entende o Círio como ritual religioso, o povo a toma muito além disso, como uma festa, no sentido do senso comum, uma grande comemoração popular. Não é à toa a briga com os organizadores da festa da Chiquita (evento LGBT realizado durante o período do Círio), para que esta comemoração seja realizada em outra data e local, que não os utilizados pela igreja católica.

própria GNSN. Nessa perspectiva a devoção é um capital de prestígio e é sob ela que se revela a disputa por poder entre os atores envolvidos na celebração em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré.

Se assim podemos supor que pertencer à GNSN é muito mais que ser um devoto reconhecido, é ser um homem de prestígio social, não importando a que classe social, profissão ou faixa etária pertença. Embora essa suposta igualdade, dada pelo serviço prestado à Santa, e homogeneidade dada pela aparência (por conta da farda), entre os guardas há uma ordem de hierarquia, uma relação de subordinação entre os membros estabelecida pela proximidade que se tem com a Santa e/ou pelas responsabilidades/funções ordenadas em nome dela. Dessa forma, as interações estabelecidas entre os guardas, as formas de sociação entre eles, seus locais de sociabilidade, delineiam a microesfera daquele movimento do poder antes referido.

Diante desta consideração, podem-se inferir as seguintes perguntas: Como se dá a disputa de poder e prestígio entre os homens que compõem a Guarda de Nossa Senhora de Nazaré? De que modo o grau de devoção<sup>27</sup> estrutura a hierarquia entre os guardas?

Estas questões que aqui se submetem para investigação engendram os objetivos de análise desta pesquisa, que além de tentar respondê-las pretende analisar as formas de sociação e a sociabilidade dos integrantes deste grupo, a fim de compreender se o serviço à Santa, sua devoção é um capital de prestígio que além de definir a estrutura hierárquica da guarda determina a coesão do grupo.

### ***3. Métodos e Técnicas de Pesquisa***

Para realizar a pesquisa proposta, foram utilizadas metodologias e técnicas que consistiram em revisão da literatura sobre o tema, com o mapeamento de etnografias e outros trabalhos acadêmicos com temáticas análogas a esta, posto que o diálogo com outros

---

<sup>27</sup> Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico, Devoção é definido a partir de cinco formas que podem ser complementares: 1) Ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou algo; 2) Sentimento religioso; 3) Culto, prática religiosa; 4) Dedicção íntima; 5) Objeto de especial veneração. Eduardo Quadros define a devoção como a dimensão da prática do voto, um conjunto sistemático de atitudes empírica, nem sempre materiais, que envolvem o falar o rezar, o cantar, acompanhar nas procissões a imagem, os encontros, as vigílias, etc. A devoção também comporta certa conotação de proselitismo, a arregimentação de pessoas em torno a uma força divinizada, que objetiva aumentar, cada vez mais o número de devotos de tal ou qual devoção (2006:35).

pesquisadores serviu para iluminar meu caminho de pesquisadora recém-chegada ao campo e para alargar a compreensão do problema de pesquisa.

Dentre as etnografias consultadas destaco aqui os trabalhos de Isidoro Alves (1980) e de Vanda Pantoja (2004). O primeiro se refere à Guarda de Nossa Senhora de Nazaré como Guarda Santa, explicando as causas de sua criação e também sua função. Alves faz uma abordagem a partir da década do 70, momento em que surgem novas transformações na estrutura da procissão e organização do Círio, incluindo a criação da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré. O autor se inspira nas análises empreendidas por Roberto DaMatta, no final dos anos 1970 e início de 1980, sobre a sociedade brasileira, mostrando a estrutura de um amplo sistema de relações sociais que se vive antes e durante o Círio. O segundo trabalho, o de Vanda Pantoja, coloca os guardas como seus primeiros interlocutores, possibilitando pensar sobre o processo de organização do Círio, além de serem eles o canal de acesso para que a pesquisadora se aproxime dos membros da Diretoria do Círio. A descrição que a autora faz dos membros da guarda: “são todos homens comuns, com exceção dos que compõem a coordenação e diretoria (...) são alegres, falantes, e muito atenciosos quando solicitados” (Pantoja 2006:21), foi importante para que eu pudesse perceber a distinção entre os cargos e funções dentro da GNSN.

De igual forma outros pesquisadores também fazem menção à Guarda Santa por estar ela inserida na festa-ritual do Círio, no entanto, não se aprofundam nos diferentes estilos de vida e diversas práticas sociais compartilhadas por estes homens, que somente parecem se coadunar por causa da semelhante visão de mundo católica e por ter como foco de sua devoção Nossa Senhora de Nazaré.

Assim, o caminho metodológico utilizado para a realização desta investigação consistiu, a princípio, em esclarecer o que é o Círio de Nazaré, posto que é ali onde está inserido meu objeto de estudo. Tal fato que tem sido abordado desde o ponto de vista geográfico, econômico, turístico e desde a perspectiva histórica com os textos de Mizar Bonna e Carlos Rocque.

Para ampliar minha perspectiva considere importante ler alguns livros, artigos ou outras publicações emitidas pela Basílica de Nazaré como, por exemplo, o livro das Peregrinações do Círio o que me permitiu contrastar datas e/ou eventos com os publicados por outros autores. Além disso, revisei a documentação da Guarda de Nossa Senhora, incluindo as

fichas de cadastro com o propósito de saber seu perfil sócio-demográfico, o que me permitiu dessa forma, entender como interação entre si e com o mundo à sua volta.

As fichas de cadastro contêm dados quantitativos. Através delas foi possível identificar o lugar de residência, idade, anos de serviço como guarda, profissão, estado civil entre outras particularidades dos membros da guarda. Estes dados foram de grande utilidade para desenhar o perfil da GNSN.

Mas devo esclarecer que muitas fichas estavam desaparecidas. Por isso tive que procurar as pessoas para completar as informações. Aproveito para destacar que sempre contei com o apoio das autoridades da Guarda, e neste fato em particular tive o apoio de Seu Guilherme, coordenador da guarda que incitava a seus colegas guardas, nas reuniões, a procurar-me para que cada um me desse as informações faltantes.

O resultado foi que cheguei a interagir com uma grande quantidade de guardas, seja porque eu os procurava ou porque eles me procuravam perguntando se seus dados estavam completos. Foi assim que confirmei minhas suposições: algumas fichas continham dados defasados referente ao lugar de residência e estado civil, por exemplo. Isto motivou a coordenação da Guarda a realizar um novo cadastramento e incluir os guardas que se formaram em 2016.

Por conseguinte, a pesquisa empírica consistiu na imersão no cotidiano da Basílica Santuário de NSN, no prédio do Centro Social, espaço onde funciona o escritório da GNSN, além de algumas procissões com a Santa. As observações registradas contêm desde gestos, comunicação falada e corporal dos atores, demonstrando como cada ação é influenciada pelo contexto, além da incorporação e reprodução do comportamento “aceitável”, tendo em vista conseguir a coesão do grupo.

Porém, eu me enfoquei em cinco momentos representativos na vida da GNSN, em cada um se apresenta os atores sociais envolvidos relacionados à estrutura física que influencia a interação: Centro Social, Basílica, praça Santuário, imagem de Nossa Senhora de Nazaré e uniforme da guarda. Fez-se uma descrição de tudo o que acontece na interação destes atores durante as atividades devocionais; da forma como os guardas atuam para com outros guardas, membros da diretoria, autoridades da igreja e também pessoas que frequentam estes lugares.

Estes momentos foram escolhidos por ter a característica de obrigatoriedade, como o ritual da missa, por exemplo; ou pela particularidade de exclusividade como o ritual da

Descida de Imagem Original, onde os guardas elegidos foram os que apresentaram maior devoção. Também foi realizado o acompanhamento em algumas peregrinações ou visitas que NSN faz no decorrer do ano, e o curso de formação dos futuros guardas, complementando com o ritual de formatura com o propósito de conhecer o ponto de vista das autoridades religiosas e da diretoria da Guarda referente ao comportamento ideal e os valores que devem primar os integrantes.

Na pesquisa fez-se uso da etnografia. Por tanto, foi conveniente utilizar os procedimentos convencionais na prática etnográfica, no sentido de construir, junto com os sujeitos pesquisados, dados qualitativos que permitiram conhecer as formas sociais de ações microscópicas devocionais. Para refinar meu olhar me apoiou nas premissas de Georg Simmel e Pierre Bourdieu, sobretudo os apresentados nos livros: Sociologia (1983) e A economia nas trocas linguísticas (2008) respectivamente; no qual expõem os fatores que influenciam nosso comportamento quando interagimos com outros.

Além disso, foram selecionados cinco guardas, considerados como meus interlocutores principais (quatro homens e uma mulher, na categoria de guarda de apoio), com idade entre 23 e 55 anos, todos do estado do Pará e residentes em Belém, em bairros próximos à Basílica ou distantes até 20 km de distância. Eles foram escolhidos não somente pela proximidade afetiva comigo, mas sobretudo por terem muita presença nas atividades da igreja, encontrando-nos quase sempre. Também por terem funções dessemelhantes e perfis diferentes dentro da GNSN: uns tem formação acadêmica, outros não; uns trabalham de forma independente, outro como funcionário público, outro é funcionário privado e ainda um está desempregado.

Nas primeiras aproximações obtive dados sobre cada um dos atores selecionados: onde moram, atividades que realizam na igreja, tempo que dedicam a estas atividades, motivos para converter-se em guarda, lugares onde os guardas se reúnem, etc. Estes dados foram registrados no diário de campo e aprofundados em entrevistas mais intimistas.

Para completar a investigação fiz entrevistas semiestruturadas, principal instrumento de registro das expressões orais dos guardas interlocutores com o objetivo de conhecer sua trajetória de vida e sua experiência na GNSN. O questionário complementa os dados obtidos através da observação direta. Posteriormente, realizei o trabalho de interpretação atenta, considerando os detalhes sutis, como silêncios, gestos e hesitações, para obter uma definição do objeto da representação. De igual forma se considerou a entrevista dirigida ao padre



Giovanni Incampo, criador da guarda, e a Seu Guilherme Azevedo, coordenador atual da GNSN.

Enquanto as narrações dos entrevistados forem colocadas em estilo itálico dentro do corpo de texto, incluindo aquelas compostas de até cinco linhas, tomando como referência o assinalado por Manzani (2016) que afirma que a fonte em estilo itálico também garante uma singularidade à fala do entrevistado, corroborando, assim, para uma não monotonia estética do texto, além de enfatizar que a fala é de outro e não o resultado de minhas reflexões.

Os dados obtidos nas entrevistas, juntamente com as observações de campo<sup>28</sup>, me permitiram entender as interações sociais entre os membros da GNSN, considerando as apreciações de George Simmel (2006), que expressa que toda forma de interação entre seres humanos deve ser considerada uma forma de socialização. Para o autor, a sociedade não é uma simples soma dos indivíduos, e sim a soma de indivíduos em interação, através das mais diversas relações e ligações. Numa interação um indivíduo é influenciado por outros, mas ao mesmo tempo ele também é influenciador, tendo como resultado uma relação de troca. De igual forma Simmel faz ênfase na importância da reciprocidade para conseguir a unidade ou a coesão social, posto que permite manter as interações sociais, e com isto a sociedade mesma.

Como a pedra fundamental da sociedade é a interação entre os indivíduos, são eles que a transformam e a estruturam através da socialização<sup>29</sup>. Segundo Simmel os elementos inseparáveis que compõem os fenômenos sociais são as formas e os conteúdos da interação. “O conteúdo é tudo quanto existe nos indivíduos, como instinto, interesses, fim, inclinação, estado ou movimento psíquico” (Simmel 1983: 60); é tudo o que é inerente ao indivíduo e que lhe permite gerar ações sobre os outros e ao mesmo tempo receber o efeito dessas ações. Além disso, o autor esclarece que as motivações que impulsionam a ação individual, por si mesmas, não tem um caráter social, este se forja, emerge, no momento em que começa a ação interativa.

E as formas, ou maneiras de interação entre os indivíduos, são o meio pelo qual os conteúdos alcançam a realidade social, ou seja, se concretizam como tal. No momento em que

---

<sup>28</sup> É através da observação de campo que “o pesquisador busca interpretar - ou compreender - a sociedade e a cultura do outro ‘de dentro’, em sua verdadeira interioridade. Ao tentar penetrar em formas de vida que lhe são estranhas, a vivência que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivência só é assegurada pela observação, estando lá” (Oliveira 1998:34)

<sup>29</sup> A socialização é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados casualmente ou induzidos teleologicamente que os indivíduos constituem tais unidades. (Simmel, 1983, p. 60).

as formas ganham vida “são liberadas de todos os laços com os conteúdos” e passam a existir pelo prazer da relação: “Este processo gera, por consequência, o fenômeno da sociabilidade” (Simmel 1983:168).

Para que a socialidade se produza é necessário que esses indivíduos, além de estarem sociados por conteúdos específicos, se relacionem em função de um “sentimento e satisfação recíproca de estarem socializados” (Simmel 1983:168). Melhor dizendo, para que a interação se converta em sociabilidade é preciso que os indivíduos experimentem um bem-estar nessa socialização. Se esta sensação é experimentada apenas por um, então, explica Simmel, isso é simplesmente uma interação.

Nos processos de sociabilidade ou somente de interação entre os indivíduos da GNSN é possível, com um olhar mais atento, perceber as relações de poder e a devoção como determinantes da escala das hierarquias entre eles. Diante deste fato, são úteis as abordagens de Pierre Bourdieu (2002) sobre poder simbólico, partindo da noção de campo, por ser este um conceito mais global. O campo é como um espaço de jogo, historicamente determinado no qual os participantes se juntam, se relacionam ou lutam por capital simbólico<sup>30</sup>.

Estes espaços, segundo Bourdieu, são mais ou menos restritos e as ações individuais ou coletivas se dão dentro de uma normatização, que é criada e transformada constantemente pelas ações dos agentes que ostentam o poder e os que o aspiram. Uma luta com meios e fins diferenciados, conforme sua posição na estrutura desse campo (Bourdieu, 1994). Portanto, o sociólogo prevê lutas em vários espaços, em várias relações, que se estabelecem como campo por causa da disputa por capital simbólico.

O capital simbólico é produzido e reproduzido por instituições ou meios dirigidos pelos agentes que ostentam o poder, com a finalidade de garantir sua permanência e continuidade na estrutura social, assegurando seu estatuto de dominação. Não obstante o autor enfatiza que os indivíduos pertencentes às classes dominantes não exercem o poder completamente senão em comum convênio com a classe dominada. Daí define como poder simbólico o “poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber quem lhe estão sujeitos ou mesmo quem o exerce” (Bourdieu, 1983:25). Nesta assertiva se percebe a necessidade de legitimação de poder pelo outro para que surta efeito.

---

<sup>30</sup> Capital simbólico outorga legitimidade, prestígio, honra a uma pessoa ou agente que o possuir. (Bourdieu, 2002).

Nessa perspectiva, o que assegura a interiorização da exterioridade e adequa a forma de atuar de cada agente dentro de seu campo é o *habitus*. Bourdieu define como *habitus* a um “Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura, as práticas e as representações que podem ser objetivamente regulamentadas e reguladas sem que por isso sejam o produto de obediência de regras” (1983:15). E que vincula uma dimensão objetiva e outra subjetiva, ou seja, é ele [o *habitus*] quem vai mediar a estrutura objetiva, o campo social no qual está inserido, o sujeito e a sua percepção dentro desse campo. Portanto, a forma de agir e de pensar dos indivíduos vai depender da posição que ocupam dentro de um campo.

O *habitus* concede ao sujeito formas de pensar, sentir e atuar, no sentido em que o sujeito aprende as regras, valores que já estão definidas na estrutura em sua condição objetiva e as internaliza em sua subjetividade. O agente aprende socialmente a partir da participação que ações são permitidas ou aceitáveis dentro desse campo. Assim, o *habitus* pode ser entendido como um conjunto de disposições que permitem aos indivíduos agirem dentro de uma estrutura social determinada para a preservação de sua dinâmica social.

O *habitus* é, então, o resultado das relações sociais que asseguram a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o produziram. Se assim, “cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é produtor e do qual ele não possui o domínio consciente: as ações encerram, pois, uma intenção objetiva, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes” (1983:15). O *habitus*, dessa forma, manifesta-se como um tipo de dominação suave ou violência simbólica, onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade (Bourdieu 1983:25).

Os pressupostos de Bourdieu somados ao de Simmel me permitiram analisar as relações estabelecidas entre os guardas, entre eles e as autoridades da igreja (a verdadeira estrutura estruturante da GNSN), decifrando quais comportamentos ganham significado de poder no fluxo das interações, quais são valoradas de forma positiva ou negativa, revelando, assim, os níveis de prestígio possíveis de conquistar.

Para chegar até esta análise tive antes que discutir algumas questões-chaves, como a vida e as motivações de alguns indivíduos integrantes da GNSN, bem como a origem deste serviço prestado a Nossa Senhora de Nazaré: o Círio. De forma a entender melhor esta minha explanação apresento abaixo a estrutura desta dissertação.

No **primeiro capítulo** elaboro um panorama geral do lugar onde os GNSN atuam, sendo o Círio de Nazaré o evento de maior destaque, especialmente porque foi a partir desta festa que a Guarda se originou. Aqui, portanto, se traz discussões que consideram as reflexões de antropólogos, historiadores, dentre outros investigadores sociais, para conseguir compreender a complexidade deste ritual, bem como também se apresenta o ponto de vista dos guardas, por serem eles quem vivenciam ano após ano o desenvolvimento da celebração (antes, durante e depois).

No **segundo capítulo** apresento a vida de cinco guardas, seu lugar de origem, sua família, o caminho percorrido para converter-se em guarda, as formas de sociação, a participação nas atividades, as estratégias para estar perto da Santa, suas aspirações e o cotidiano. E partindo das relações microscópicas com seus colegas, se expõe como a ordem de interação possui as mesmas estruturas da ordem social e contém regras bem estabelecidas que se deve seguir dentro da GNSN.

No **terceiro capítulo** apresenta-se de forma geral os integrantes da GNSN, de onde procedem, suas ocupações, idades, o tempo de serviço na guarda, estado civil, usando como fonte as fichas de cadastro de cada um deles. Aliás, discuto o significado do que é ser um Guarda dentro da estrutura maior que é a Igreja, através de alguns momentos importantes na vida de um guarda, com ênfase no ritual de ingresso e de formação, mostrando como este rito de instituição, ou rito de consagração ou de legitimação como o denomina Bourdieu (2008:97) produz efeitos reais, em vista que o novo guarda ao ser instituído pela Igreja sente-se comprometido e encorajado a atuar e a viver conforme a sua natureza social.

Aqui estabeleço um diálogo entre George Simmel e Pierre Bourdieu sobre as formas de interação estabelecidas, as formas de sociação, seus locais de sociabilidade, delineando a microesfera de disputa e poder a que está condicionada, desde cima, pelas restrições e limitações da estrutura e, desde baixo, pelas aptidões, habilidades, conhecimentos, interesses e atitudes dos membros da Guarda, além, é claro, das práticas e atividades de devoção.

# ***CAPÍTULO I***

## *A Origem da Guarda Santa*

A literatura sobre o Círio é extensa e não está restrita apenas ao aspecto religioso. Ele tem sido estudado desde a perspectiva histórica, econômica, turística até o ponto de vista antropológico, sendo este a base que dá sustento a essa diversidade de olhares.

Mas não pretendo trazer aqui um quadro exaustivo de autores, nem muito menos fazer um inventário do que já foi escrito, apenas quero contextualizar e descrever este ritual espetacular que dá origem a uma instituição bem peculiar, a qual me debruço nesse estudo: a Guarda de Nossa Senhora de Nazaré, que foi criada para proteger e servir<sup>31</sup> à Santa durante sua estada no santuário<sup>32</sup>, durante as romarias em sua homenagem e como prova de devoção. Para tanto, considero importante para esse relato as circunstâncias da origem deste grande ato de fé e apego sincero e fervoroso a Nossa Senhora de Nazaré.

### ***1.1 (Re)Conhecendo a Origem do Serviço à Santa: O Círio de Nazaré***

A primeira aproximação oficial que teve a Igreja Católica com Plácido, o homem que achou a santinha no igarapé localizado próximo as suas terras, foi através de D. Bartolomeu do Pilar, bispo do Pará entre os anos 1722 e 1733, que se interessou em conhecer a imagem pela qual muitos paraenses mostravam fé. O bispo ofereceu a Plácido seus bons desejos e sua intenção na construção de uma capela mais digna, além de “aconselhar-lhe a associar-se, nesse empreendimento, com outro devoto, chamado Antônio Agostinho<sup>33</sup>” (Rocque 1981:32).

---

<sup>31</sup> O Termo servir é utilizado entre os guardas e representa todas as ações que demonstram cuidado, amor, responsabilidade, respeito e dedicação a Nossa Senhora de Nazaré. Assim, servir à santa é participar das procissões, peregrinações, missas, zelando pela imagem da santa e em harmonia com a Diretoria da Festa do Círio de Nazaré e com os Padres e Irmãos Barnabitas. O serviço à NSN é um trabalho voluntário, de devoção e de disponibilidade de tempo e das habilidades individuais, não só aos designios da Divindade, como aos vigários e aos fiéis da Paróquia da Basílica Santuário (Regimento interno da GNSN 2016).

<sup>32</sup> Atualmente o termo santuário é usado para falar de uma estrutura que inclui igreja e outros espaços destinados a abrigar os devotos de um santo.

<sup>33</sup> Antônio Agostinho era um humilde colono que morava no Paul d'Água, mas que possuía grande influência entre os moradores da Belém colonial, chegando a ser vereador da Câmara (Rocque 1981: p. 33).

O mesmo autor disse que anos mais tarde, em 1772, Plácido foi visitado pelo quinto bispo do Pará, D. João Evangelista Pereira da Silva, que ouviu, na ocasião, da própria boca do “dono da Santa” a versão do achado da imagem. Em fevereiro de 1773 o bispo novamente voltou a vê-lo, desta vez para oficializar sua devoção à Santa, reafirmada, logo depois, em sermão a uma grande multidão. Esse ato, bastante significativo para muitos paraenses, simbolizou a proteção da cidade de Belém sob o manto da Senhora de Nazaré.

Até 14 de setembro de 1790, oito anos depois da solicitação feita pelo bispo D. João Evangelista, o Papa Pio VI autorizou uma celebração pública em homenagem à Santa. Em outubro do mesmo ano o novo chefe da Província do Pará, originário de Portugal, D. Francisco Souza Coutinho, acompanhado do arcebispo José Monteiro de Noronha, visitou a singela capela construída para a Santa e propôs a formação de uma comissão, que tinha à frente Antônio Agostinho<sup>34</sup>, cujo propósito era a construção de uma nova e maior ermida<sup>35</sup>.

É relevante também destacar que, neste mesmo período, o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro determinou que se estabelecesse uma feira geral de produtos agrícolas e industriais, onde pudessem estar presentes todos os agricultores e os índios. Essa feira passou a ser realizada no fim de setembro de cada ano, com a intenção de incentivar o comércio da região.

Este official portuguez ordenou, em 3 de junho de 1793, que no dia 8 de setembro d'esse anno, se inaugurasse no Largo de Nazareth uma grande feira dos produtos agrícolas e industriais do Estado, a qual concorressem livremente os agricultores, inclusive os índios (...). Ordenava-se que, em fins de agosto, de cada ano, deviam achar-se em Belém todas as canôas que tivessem subido ao commercio do sertão; (...) afim de virem à feira de Nazareth vender os seus produtos e os dos outros que lhe dessem incumbencia de vende-los (Vianna 1968: 234-235).

Segundo pesquisas realizadas por Bonna (1993:22), o governador havia providenciado tudo para que a feira fosse um sucesso. Mas quando ficou doente, em 24 de junho de 1793, e receoso de não poder inaugurar o evento, prometeu, caso melhorasse, levar a imagem da Santa para o Palácio do Governo, onde o capelão José Roiz de Moura celebraria uma missa em agradecimento pela restauração de sua saúde. Depois, acompanhado por todos os funcionários e o povo, levaria a imagem de volta à capela.

---

<sup>34</sup> Antônio era o responsável por guardar a imagem, visto que era o sucessor oficial de Plácido, instituído ainda antes de sua morte para continuar sua missão.

<sup>35</sup> Concluído em outubro de 1880 e inaugurado junto com as festividades do Círio.

Como o governador melhorou, cumpriu sua promessa. E em 7 de setembro realizou-se a missa na capela do Palácio do Governo e no dia seguinte, 8 de setembro, uma quarta feira, no horário vespertino, celebrou-se a primeira romaria, o primeiro Círio<sup>36</sup>. Segundo Rocque (1981:39) o trajeto foi o seguinte:

a romaria que saiu da casa do governador seguiu a margem do igarapé do Piri até a casa das Canoas (Ver-o-Peso), seguindo pela Rua da Praia (15 de Novembro) até o convento de Santo Antônio; dobrou pela estrada da Campina (avenida Presidente Vargas), Largo da Pólvora (Praça da República), e entrou na estrada do Maranhão (avenida Nazaré), até alcançar o arraial<sup>37</sup>.

Deste momento em diante ficava estabelecida a programação do primeiro Círio<sup>38</sup>:

Dali em diante deveria solenizar a festa do seu orago com novena, missa cantada e procissão; e que a imagem da Santa, na véspera do 1º dia da novena, fosse depositada na capela do Palácio do Governo, a fim de ser transferida, no dia seguinte, à tarde, em uma berlinda, para a sua ermida precedida por devotos de ambos os sexos concentrados em alas, uma de mulheres em sege e duas de homens a cavalo, e que ele pessoalmente, se adunaria ao religioso séquito indo também a cavalo logo após o veículo da imagem (Rocque 1981:38).

Foi assim que, noventa e dois anos depois de achada a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, realizou-se uma vultosa celebração de fé em razão da promessa do governador. Desta feita, o Círio, além do sentido de homenagem à Santa, passava também a ter o significado de agradecimento dos devotos pelas graças recebidas.

Até então o Círio não tinha uma data fixa de celebração, mas em 1901 o bispo d. Francisco do Rêgo Maia, instituiu o segundo domingo de outubro como data oficial do Círio. Também neste tempo o horário de realização sofreu modificações: inicialmente a procissão se fazia no período da tarde e à noite, mas por causa das chuvas que ocorrem em Belém, que geralmente aconteciam à tarde, mudou para a parte da manhã. Segundo Bonna (1993:24), em 1854 o Círio passou para o horário matinal, devido a uma torrencial chuva que caiu em Belém

<sup>36</sup> Esta procissão passou a ser denominado Círio porque o próprio governador D. Francisco Coutinho acompanhou o trajeto, portanto uma grande vela. (Bonna 1993:22).

<sup>37</sup> Esse percurso reconstitui as várias fugas da santa da casa de Plácido e do Palácio do Governo para o lugar onde foi encontrada.

<sup>38</sup> No período da celebração do primeiro Círio Antônio Agostinho já estava morto, e o novo presidente da irmandade de N.S. de Nazaré do Desterro era seu genro Ambrósio Henrique da Silva Pombo, quem era o protetor da imagem. (Rocque 1981:40; IPHAN 2004:22).

em 1853, justamente na hora em que a romaria passava pelo Largo da Pólvora (hoje Praça da República), dispersando a multidão.

Por cerca de nove décadas a procissão do Círio de Nazaré iniciava seu deslocamento a partir da Capela do Palácio do Governo, revivendo o caminho narrado no mito do achado da imagem. A partir de 1882 a procissão passou a ter início na Catedral da Sé, localizada próximo ao Palácio do Governo, como foi acordado entre o bispo d. Macedo Costa e o governador da província Justino Ferreira Carneiro. O bispo, que era um ferrenho lutador contra a autonomia dos devotos do catolicismo popular<sup>39</sup>, resolveu transferir a saída da procissão para a Catedral da Sé<sup>40</sup>, para que pudesse mais facilmente deter o controle sobre ela (IPHAN 2006).

Apenas uma única vez, em 1891, a procissão do Círio saiu da igreja de Santo Alexandre<sup>41</sup>, também localizada na Praça da Sé. Também uma única vez, no ano de 1973, quando era governador do Pará o engenheiro Fernando Guilhon, saiu, como antigamente, da Capela do Palácio, que havia sido restaurada graças às diligências feitas pelo historiador Augusto Meira Filho.

Ao longo do tempo, o Círio de Nazaré sofreu diversas modificações não só quanto à data e ao horário de realização, também enquanto à organização do cortejo, ao qual foram agregados diversos ritos, romarias, elementos novos e alegorias, embora seu itinerário tenha se mantido sem grandes alterações.

Nas primeiras procissões a imagem da Santa era transportada no colo de um representante da igreja, que ia sentado em carroça puxado por uma junta de bois ou cavalos. A partir de 1855 foi introduzida a berlinda, um tipo de carruagem pequena, de quatro rodas e

<sup>39</sup> Segundo Pedro Ribeiro de Oliveira (apud Araújo 2015:73), o catolicismo popular é o conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependiam da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotadas pelos fiéis. Assim, o culto aos santos ficou bem distinto dos sacramentos e da catequese formal. As práticas religiosas desenvolvidas pelo imaginário popular, a partir dos símbolos introduzidos no Brasil pelos missionários portugueses, aos quais se juntaram símbolos indígenas e africanos, são a essência do catolicismo popular brasileiro, um jeitinho bem peculiar das classes subalternas ressignificarem os códigos do catolicismo oficial.

<sup>40</sup> Atual Catedral Metropolitana de Belém, localizado no bairro da cidade velha, foi construída no início da colonização, sucessora da antiga capela de Nossa Senhora da Graça, se torna sede do bispado em 1719. As obras da atual edificação tiveram início no ano de 1748 e a construção foi dada como concluída em 1771. (Silveira 2011).

<sup>41</sup> Na igreja São Francisco Xavier, dedicada ao apóstolo do Oriente, e nos edifícios do colégio de Santo Alexandre, levantado em nome de Alexandre de Bérnago, opera na atualidade o Museu de Arte Sacra do Pará, onde se exhibe, além da arquitetura local, um rico acervo de pintura e escultura dos séculos XVII e XVIII da região amazônica. O complexo arquitetônico está localizado no bairro Cidade Velha. O museu foi construído pelos Jesuítas no final do século XVII, pelo fato de resguardar relíquias doadas pelo Papa Urbano VIII. Depois que os jesuítas foram expulsos do Brasil, em 1759, o espaço foi reformado para ser usado como palácio dos bispos (Melo 2012:88, 89).



vidraças laterais que era mais rápida que os meios de transporte de quatro rodas utilizados nessa época<sup>42</sup>. A berlinda apareceu no Brasil a partir da segunda metade do século XVII. Apenas o Vice-rei, os funcionários mais graduados da Justiça e da Fazenda e um ou outro proprietário rural abastado podiam dar-se ao luxo de adquirir e manter um veículo de circulação tão restrita que se tornava bastante dispendioso em lugares de ruas estreitas e de calçamento irregular<sup>43</sup>.

Por causa do uso da berlinda para transportar a imagem da Santa, foi introduzida a corda para puxá-la, tendo em vista a dificuldade de conduzi-la pelos atoleiros que existiam na rua que ligava a casa das canoas ao Largo das Mercês<sup>44</sup>. Como esta era uma situação que tendia a se repetir, a Igreja achou por bem oficializar o uso da corda em 1868<sup>45</sup>. Assim, a corda, depois da imagem da Santa, é atualmente o símbolo mais representativo deste evento, e também o mais polêmico, e o que historicamente tem sofrido maiores mudanças (Rocque 1981).



Figura 1 – A berlinda no círio 2016

---

<sup>42</sup> Que depois vai se transformar em um pequeno oratório envidraçado para imagens de santos.

<sup>43</sup> Museu Histórico Nacional. Site oficial. Do móvel ao automóvel: Transitando pela História. Acesso em: 20 nov. 2015.

<sup>44</sup> A condução da berlinda era, assim, delegada aos fiéis, que a puxavam por todo atoleiro a fim de que avançasse.

<sup>45</sup> “No Círio de 1868, a diretoria da Festa oficializou a corda; talvez, é bem provável, que em outros anos, inclusive em 1855, por acusa do atoleiro os diretores tenham improvisado a corda, mas oficializá-la no Círio, não”. (Rocque 1981:46).

A corda<sup>46</sup> já sofreu mudanças com relação ao formato, à extensão e a quais pessoas deveriam puxá-la. A cada ano seu tamanho precisa ser aumentado para atender ao crescente número de promesseiros devotos. A corda é um símbolo de união e de igualdade entre todos, pois para muitos representa as mãos de Nossa Senhora de Nazaré guiando o caminho. Outros guardas explicam que é como se fosse a continuação de seu manto envolvendo o povo e cobrindo-o com amor; ou também, ainda, representa um rosário/terço, onde cada um dos romeiros representa os mistérios, que estão presos a um fio grosso e forte, capaz de aguentar a tensão a que é submetido pelo grande número de mãos que lhe puxam daqui e dali<sup>47</sup>.

Mas o elemento principal deste acontecimento é a presença de Nossa Senhora de Nazaré em meio ao povo paraense, nas ruas de Belém. E é em torno dela que giram todos os acordos e desacordos entre os grupos e classes sociais aos quais pertencem seus devotos. Cada um tem um plano de pretensões e atos, muitas vezes antitéticos, sobre como a romaria e o devoto devem proceder. No entanto, como se costuma alegar, é em nome da Santa que essas indisposições e contrariedades são dissipadas.

Diante de tanta fé e carinho para com Nossa Senhora de Nazaré não é de se estranhar que ela reflita bem o tipo humano do Norte, o típico homem de feições amorenadas, cambiando entre o negro e o indígena, peculiarmente chamado de caboclo<sup>48</sup>, uma demonstração da regionalização da divindade, da sua proximidade/semelhança com o povo que lhe tem devoção.

A imagem da Santa que tem traços caboclos é conhecida como a imagem peregrina ou Senhora da Berlinda. Ela saiu em procissão pela primeira vez no ano de 1969, e substituiu a imagem “original” nas peregrinações. Por sua antiguidade há o temor por parte dos dirigentes da Basílica de que possa vir sofrer danos. Assim, essa imagem, a oficial, fica na Basílica Santuário o ano todo, resguardada por câmeras de vigilância. As últimas vezes que saiu foi

---

<sup>46</sup> Segundo o dossiê do IPHAN (2006) a extensão da corda passou de 50 metros de extensão, em 1982, para 350 metros em 1988, e para 420 metros em 1990.

<sup>47</sup> Justamente por este motivo a corda é feita de juta, planta utilizada como matéria-prima na indústria de sacaria e cordas, porque suas fibras são muito resistentes.

<sup>48</sup> O termo caboclo é amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social e também como uma categoria de “mistura racial” e refere-se ao filho do branco e do índio. É usado na literatura acadêmica para fazer referência direta aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica. No discurso coloquial, a definição da categoria social caboclo é complexa, ambígua e está associada a um estereótipo negativo. Na antropologia, a definição de caboclos como camponeses amazônicos é objetiva e distingue os habitantes tradicionais dos imigrantes recém-chegados de outras regiões do país. Ambas as acepções de caboclo, a coloquial e a acadêmica, constituem categorias de classificação social empregadas por pessoas que não se incluem na sua definição. (Lima 1999:5-6).

durante o Congresso Eucarístico Nacional de 1953, e para ser coroada durante a visita do Papa João Paulo II a Belém em 1980.



Figura 2 – Imagem peregrina de NSN.

A diferença física entre as duas imagens é muito visível: a imagem peregrina é 10 centímetros maior que a original, e é feita de resina. A cor da sua pele é morena e tem certa perfeição no rosto, de notável modéstia; sua aparência é a de uma jovem de uns 18 anos; seu cabelo é escuro, solto, caindo em cachos sobre o ombro direito. O menino Jesus está sobre seu braço esquerdo desnudo, brincando com um globo. A imagem “original”, por outro lado, tem o cabelo, os olhos e a pele mais clara, e seu rosto é mais redondo. Para os belenenses estas variações físicas não são importantes, pois o respeito, a devoção e o carinho tanto para uma como para outra imagem são os mesmos, demonstrados o ano todo, e que ficam muito mais visíveis durante o Círio<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Círio aqui se refere ao período, ao tempo, dias, que dura a celebração das homenagens, ou seja, os 15 dias de festa que termina com o Recírio.



Figura 3 – Imagem “original” de NSN.

## 1.2. *As Várias Formas da Devoção*

Os dados históricos coletados nos textos que tratam sobre o Círio mostram que este ritual com os anos não perdeu força, pelo contrário, cada dia se tem incrementado a fé e a devoção à Santa, manifestada de forma real, visível e concreta com todo o fervor religioso e festivo. Isso pode ser validado pelo ponto de vista quantitativo, seja pelo número de fiéis<sup>50</sup> que participam das festas ou mesmo pela diversidade de eventos programados com o fim de enaltecer a Santa<sup>51</sup>.

### **Rituais preparatórios**

Atualmente o Círio inicia na última semana de agosto, com a realização de um ritual religioso denominado Missa do Mandato<sup>52</sup> que geralmente é presidida pela autoridade eclesial máxima de Belém do Pará, o Arcebispo, ou pelo Reitor do Santuário. O objetivo dessa missa, além de marcar oficialmente o início da festa, é preparar um ambiente espiritual que permita uma conexão mais íntima entre os devotos e NSN durante toda a festa do Círio.

<sup>50</sup> O IPHAN apresenta uma estimativa de 400 mil participantes no ano 1975 e em 1992 (ano do aniversário de 200 anos do Círio), a estimativa é de 2 milhões de pessoas na procissão. (Dossiê Círio. IPHAN, 2004:98)

<sup>51</sup> Só nas últimas duas décadas do século passado foram criadas 19 celebrações, de uma ou outra forma contribuem no realce desta celebração e em todas elas se tem a participação da GNSN.

<sup>52</sup> Palavra do latim *mandatum*, que significa ordem ou autorização.

Neste evento, representantes de todas as paróquias da Arquidiocese de Belém recebem a autorização e a ordem (o mandato) para evangelizar: “ide e evangelizai”. É, então, feita a bênção e a entrega de uma imagem aos representantes de cada comunidade, a fim de que sejam realizadas as peregrinações e ladainhas locais. Centenas de réplicas da imagem de NSN são, desta feita, abençoadas nesta celebração solene realizada na Basílica Santuário de Nazaré – este ritual marca a abertura da programação oficial do Círio de Nazaré.

A Arquidiocese de Belém usualmente tem doado pelo menos uma imagem por comunidade, porém são muitos os fiéis que de forma independente compram imagens para que recebam a bênção e fiquem prontas para iniciar a peregrinação na circunvizinhança de onde residem. Um exemplo disso são os integrantes da Guarda de Nossa Senhora da Nazaré do grupo de “atrelamento da Berlinda”, que compraram sua imagem, levaram para ser abençoada e mandaram fazer um manto, e assim, começaram a fazer seus trabalhos de devoção e missão: levar a palavra de Deus e NSN às famílias belenenses.

Antes de partir para sua missão evangelizadora os missionários recebem da Diretoria da Festa uma preparação no tema do Círio, baseada em passagens da Bíblia e nos documentos da Igreja. Os leigos empoderados com os conhecimentos necessários, com a fé fortalecida e de mãos com NSN, saem dispostos a visitar pelo menos 20 famílias durante um mês. Esse tipo de evangelização segue o modelo (e o objetivo) criado pelo Padre Daniel Tamaccia, há mais de 40 anos, que teve a iniciativa de preparar um esquema de orações para que todos os frequentadores das Paróquias de Belém se orientassem quanto à realização das peregrinações que antecedem ao Círio e para que cuidassem de sua espiritualidade até o grande evento.

Assim, durante todo o mês de setembro até o Círio os fiéis caminham com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelas vilas, bairros, entrando nos lares belenenses anunciando o evangelho, revelando a vontade de se transpor o calor da devoção, da religiosidade, para atingir o ápice da fé.

Os fiéis abrem as portas de suas casas para recebê-la, rezar o terço, entoar cânticos em honra a Nossa Senhora de Nazaré, contar as bênçãos alcançadas e fazer novas e ou reavivar velhas amizades. Ao final das peregrinações vem a partilha: os amigos, vizinhos e familiares realizam um lanche com itens da culinária regional que são partilhados em sinal de solidariedade, fraternidade e renovação da devoção à Santa. Desta forma, os missionários cumprem com o compromisso assumido na Missa do Mandato. Para aqueles que atuam como evangelizadores (que levam a imagem da santa às casas e locais comunitários) este ritual é percebido como um privilégio que somente é dado aos escolhidos, àqueles que conseguem

superar seus obstáculos, que vencem as dificuldades e cumprem seu caminho sob as bênçãos de NSN.

Assim sendo, o comprometimento de quem evangeliza, de quem assume a missão do mandato, é maior do que o de qualquer outro devoto. A evangelização os torna os eleitos da Santa. E este é especialmente o sentimento que parece dar sentido a cada homem que compõe a Guarda de Nossa Senhora de Nazaré, grupo responsável pela segurança da imagem da Santa onde quer que ela se encontre ou aonde quer que vá, como também é a razão da sua existência – uma irmandade de eleitos.

Nesse mesmo período enquanto as imagens das Santas se deslocam pelas ruas e casas de vários bairros de Belém, acompanhadas de um séquito de peregrinos, devotos comuns em preparação espiritual, os guardas de Nossa Senhora caminham em direção ao complexo de Nazaré para estabelecer suas metas e atividades para o Círio. Nesse percurso não há nenhuma fala. Um completo silêncio os toma, deixando a maioria de olhos fixos no chão, enquanto todos caminham com os pés em um movimento ritmado até a porta da Basílica. E no momento em que ali chegam os rostos rapidamente se inclinam para o alto, mirando o vultoso santuário, e os corpos logo se curvam para pedir a bênção a NSN.

Muitos, mesmo cansados do trabalho, da distância que percorreram até ali ou quem sabe de quê, não desistem até entrarem na casa da Senhora de Nazaré. E quando ali chegam é como se se transformassem: sua alegria é perceptível, se erguem altivos, os sorrisos invadem e iluminam os semblantes, saudando de forma efusiva uns aos outros em apertos de mãos e abraços tão fortes que mais parecem que pretendem marcar de forma permanente sua imagem em seu próximo. Parece ser tal a pretensão que sempre rematam estes gestos com várias palmadas nas costas. Também neste momento recuperam sua capacidade de falar alegremente e, como em um coro, por todos os cantos se ouve a uma só voz: “*Ave Maria! Ave Maria!*” E assim começam seus planejamentos.

E assim, decorrida as horas de discussão para estabelecimento dos métodos de trabalho, dos novos compromissos espirituais, os guardas, como devotos a serviço da Santa, se preparam para se despedirem e se reencontrarem no outro dia, e depois e depois ainda, renovando os votos acordados com e pela divindade, até a grande celebração.

Setembro é, portanto, o tempo dos devotos de NSN se entregarem aos preparativos da festa que consagra Belém como uma grande comunidade espiritual. E isso é resultado da fraternidade e da solidariedade que faz com que cada indivíduo, onde quer que esteja, sintase

como uma centelha do corpo divino. Nas portas e janelas de lojas, residências e escritórios de todo tipo, desde os públicos como os privados, está pendurado o cartaz do Círio de Nazaré e/ou está exposta a imagem da Santa muito bem ornamentada com fitas e flores ou em berlindas minuciosamente enfeitadas.

As ruas e praças também são enfeitadas, especialmente aquelas que estão situadas próximas à Basílica, que são adornadas e belamente iluminadas. Imagens de NSN de dimensões extraordinárias e anjos de feições adoráveis deixam os diversos cantos de Belém com um charme próprio e bem peculiar. É difícil não perceber que algo importante está por acontecer, não obstante é possível sentir a magnitude que a celebração enverga quando chega o momento da revelação do manto<sup>53</sup> que ostentará a “dona da festa” nas 12 romarias<sup>54</sup> que compõem o Círio, e que já foram agendadas com meses de antecipação. É este um momento de admiração e alegria indescritível para os devotos.

Na noite da apresentação do manto<sup>55</sup> há uma grande expectativa, e certa ansiedade toma o coração de todos os devotos. Os fieis reunidos na basílica falam dos mantos anteriores, dos preferidos, e deixam claro que querem ser surpreendidos por nova mostra de beleza e demonstração de amor e devoção encarnados na nova veste da Santa. Entre os Guardas de Nossa Senhora de Nazaré a frase mais comum é: – *“Eu quero o melhor para nossa mãe<sup>56</sup>”*. E quando o manto lhes é revelado somente se ouve: – *“Ela merece!”*. Olinto, um guarda me comenta: – *“Estou orgulhoso de ver a nossa mãe com um manto bonito”*.

Um dia antes de sair a primeira romaria do Círio, ou seja, três dias antes da procissão do Círio, na missa, às 18:30h, o clero e os diretores da festa mostram a imagem com seu manto novo aos devotos. O diretor da festa pega a imagem e a alça um pouco para que todos possam contemplá-la, depois disso a entrega ao Arcebispo Metropolitano de Belém. É um momento de muita emoção, muito choro, as mãos se elevam sobre as cabeças o mais alto que se pode para, dessa forma, receber o olhar de NSN; outros chegam até tocar o manto em um

---

<sup>53</sup> Esta cerimônia foi realizada pela primeira vez em 1993 e desde então todos os anos se repete. Primeiramente os mantos são apresentados às esposas da diretoria da festa, que escolhem três deles. Depois é apresentado ao presidente da diretoria da festa, que sempre é o pároco da Basílica Santuário de Nazaré e quem seleciona entre os três mantos o que será usado na imagem peregrina das procissões do Círio. Um dia antes da primeira romaria do Círio e em um evento especial a veste da santa é, então, apresentada ao público em geral.

<sup>54</sup> 1. Traslado para Ananindeua – Marituba, 2. Romaria Rodoviária, 3. Romaria Fluvial, 4. Moto-romaria, 5. Trasladação, 6. Círio de Nazaré, 7. Ciclo-romaria, 8. Romaria da Juventude, 9. Romaria das Crianças, 10. Romaria dos Corredores, 11. Procissão da Festa, 12. Recírio.

<sup>55</sup> A apresentação do manto e a vigília de adoração ao Santíssimo são as duas cerimônias que marcam o início da festa de Nossa Senhora de Nazaré. A partir daí e durante todo mês de outubro os festejos tanto religiosos como profanos se multiplicam.

<sup>56</sup> Uma variação do termo mãe utilizado para se referir carinhosamente à santa é “mãezinha” ou “Nazinha”.

momento de descuido da GNSN, que está o tempo todo fazendo uma muralha humana com os braços fortemente entrelaçados, evitando que o povo, em seu afã de tocar a Santa, chegue a rasgá-lo ou sujá-lo.

O manto apresentado é uma peça de cetim branco, decorado com fios dourados e muitas pedras coloridas, é igual ao de anos anteriores, o que muda é o desenho do bordado e o tipo de pedras utilizadas. No manto do ano passado (2015) prevalecem os detalhes nas cores verdes, rosas e dourados, contendo símbolos maristas, imagens de anjos adoradores, uma coroa simbolizando a rainha da Amazônia, raios, cristais, pérolas e, para fechar a parte frontal, foi utilizado um broche que tem gravado o rosto do arcebispo emérito Dom Vicente Zico.



Figura 4 – Manto utilizado por NSN no Círio 2015.

O arcebispo, após o ritual de apresentação do manto, descreve e explica o significado de cada símbolo ali encrustado, explica o delicado trabalho com que foi feito, mas não ousa falar no valor monetário da peça<sup>57</sup>, apenas singelamente agradece o trabalho das pessoas que o confeccionaram e que o doaram<sup>58</sup>.

Para o catolicismo a simbolização do manto indica a representação e a presença da divindade entre os homens. Ele é, portanto, um símbolo da proteção espiritual da mãe sobre

<sup>57</sup> Os mantos são tão valorizados pelos desenhos criados e materiais usados em sua ornamentação que chegaram a ser tombado na mesma categoria que a imagem achada por Plácido e a coroa usada pela santa pela Lei estadual 5.629 de 20 dezembro de 1990.

<sup>58</sup> Não se sabe quando se iniciou a prática de doação do manto à imagem de NSN, porém se tem registrado que durante o 6º Congresso Eucarístico Nacional, celebrado em Belém em 1953, a imagem original recebeu um manto bordado a ouro e pedras preciosas. O nome da pessoa que fez tão significativo presente não foi revelado. Da mesma forma aconteceu com outros mantos, doados de forma anônima por promesseiros. Sabe-se, no entanto, que a irmã Alexandra, da congregação das Filhas de Sant'Ana (as freiras responsáveis pelo Colégio Gentil), confeccionou algumas destas importantes vestes até a sua morte, em 1973, deixando este legado a ajudante Ester Paes Franca, ex-aluna deste colégio, que elaborou, pelo menos, 19 peças (Bonna, 1993:44-47).



seus filhos. A tradição<sup>59</sup> da confecção do manto dá continuidade ao mito do encontro/achado da Santa: “A imagem estava intacta, com o seu manto de seda brilhando. Sobre ela, a ação do tempo não se fizera sentir” (Rocque 1980:31).

É justamente para dar continuidade a essa tradição, ao momento original, ou melhor, para manter a refundação do passado, a ação que não deixa a pátina do tempo desfigurar o objeto de culto (Riegl 1984), é que muitas pessoas dedicam vários meses da sua vida e do seu trabalho para elaborarem mantos sofisticados, de beleza irreduzível e valor pouco estimável, verdadeiras obras de arte e devoção.

A partir desta mesma perspectiva é que se esclarece o ritual da confecção, doação e apresentação do manto, bem como a vigília de Adoração do Santíssimo. Nesta última atividade os devotos, por mais de 48 horas, rezam como uma forma de preparação espiritual para o Círio. A celebração inicia-se na quarta-feira (que antecede a grande procissão do Círio) quando o bispo, em companhia do clero, leva o ostensório<sup>60</sup> da Basílica, situada no bairro de Nazaré, até a Capela do Bom Pastor<sup>61</sup>, situada no Centro Social do bairro Nazaré; termina na sexta-feira, minutos antes da romaria do Círio para Ananindeua e Marituba.

A adoração ao Santíssimo, embora pareça ser uma atividade aberta ao público e realizada espontaneamente, tem um caráter premeditado: é como se todos os atos e participantes estivessem em um tempo-espaço planejado, a cada hora um determinado grupo de pessoas assume a frente das orações, numa espécie de revezamento coordenado. Os integrantes destes grupos fazem parte dos diversos movimentos das várias igrejas de Belém ou de instituições a ela ligada, como a Diretoria do Círio, escolas e os colégios católicos. A esse respeito um integrante da GNSN falou-me: – *“Eu participo [da adoração ao Santíssimo] porque estou consciente do momento que me espera, preciso de força para fazer bem meu trabalho durante o Círio, e reconheço que a única que me dá*

---

<sup>59</sup> Afirma Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984:10) que a tradição é o conjunto de práticas fixas que por serem sempre repetidas de forma invariável alude ao passado, real ou imaginado. Os autores propõem a categoria de “tradições inventadas” para aquelas práticas que se caracterizam pelo estabelecimento de uma continuidade artificial com o passado, através da repetição obrigatória de um rito. É através dessa repetição que as tradições cumprem sua função de legitimar os valores de uma sociedade. Segundo Raymond Williams (2011), no processo de formação da tradição, antes de se efetuar a repetição é realizada a seleção dos elementos que farão parte de uma tradição, nessa atividade “certos significados são escolhidos e enfatizados, enquanto outros são negligenciados e excluídos” (William, 2011:54) de acordo com o gosto instaurado pela classe dominante. Para ele a tradição não é a sobrevivência do passado, mas sim a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos. O discurso da tradição, nesse sentido, constitui “uma versão do passado”, que nos oferece um “senso de continuidade predisposta” (apud Henrique Couto 2011: 339).

<sup>60</sup> Local onde se guardam as hóstias; símbolo de adoração através do qual o corpo e o sangue de Cristo são dados aos devotos em sinal de purificação e remissão dos pecados (Eucaristia).

<sup>61</sup> Capela de adoração, que pertence a Basílica Santuário de Nazaré.

*a força é Nossa Senhora de Nazaré*”. O que sugere que seja este o momento em que o devoto de forma pessoal e única confirma sua fé, se fortalece e se purifica.

A devoção, enquanto sentimento religioso, dedicação e consagração a uma entidade, tem caráter íntimo e individual, porém, o devoto não se satisfaz com essas características da fé. Ele precisa dos espaços públicos, das ruas tomadas em procissões, cortejos e festas, e dos templos e santuários, palco da realização dos rituais peculiares para expressar sua veneração. Isso pode ser facilmente confirmado ao observar os rostos dos devotos, prontos para dar continuidade a sua religiosidade, apesar do grande esforço físico que algumas atividades demandam.

Algumas dessas atividades dispendiosas de energia corporal, por causa da distância a ser percorrida e pela quantidade de horas nela investida, têm início na manhã da sexta-feira que antecede o domingo do Círio, na frente da Basílica. A imagem de NSN, sob a segurança da Polícia Rodoviária Federal e da GNSN, segue para Ananindeua e Marituba percorrendo vários cantos de Belém (Anexo 1). Sua peregrinação, pelas ruas, praças, igrejas e avenidas, afirma-me um devoto, têm a sagacidade de uma mãe que procura um filho necessitado, que não se esquece de fazer uma visita a todo aquele que precisa de sua graça. É para cumprir este objetivo que a romaria para várias vezes ao longo de seu percurso, um perímetro de aproximadamente 45 km<sup>62</sup>.

Durante todo o percurso<sup>63</sup> milhares de devotos seguem a imagem: alguns em seus carros, motos, bicicletas e muitos a pés. O trajeto é mais que uma grande caminhada em nome da fé, é uma homenagem a NSN que deixa o chão e o céu dos lugares onde passa ardendo em cores, cantos e luzes, assim como deixa os devotos em êxtase: ao som da sirene, que avisa que ela está próxima, as mãos se levantam certas para o alto, os olhos se derramam em pesadas lágrimas, as preces irrompem da boca aos borbotões e o coração é feito tambor no peito explodindo de alegria. Um momento raro, único, rápido e de indescritível intensidade.

---

<sup>62</sup> Uma das mais comovedoras paradas é quando a imagem visita os pacientes do hospital do câncer para dar a sua bênção.

<sup>63</sup> O percurso é o seguinte: primeiro passa pelas avenidas Nazaré, Magalhães Barata, Almirante Barroso e pela BR-316, depois segue pelos bairros da Cidade Nova, Paar e Icuí até chegar a Ananindeua. Logo após, a imagem peregrina segue para Marituba. O ponto final da romaria é novamente Ananindeua, na igreja Matriz Nossa Senhora das Graças.

A romaria acaba por volta das 20h em Ananindeua<sup>64</sup>, quando acaba o cortejo e começa a vigília, que vai até aproximadamente 5h30m da manhã, na igreja de Nossa Senhora das Graças. Todos ficam exaustos, especialmente os integrantes da GNSN, que, geralmente, fazem todo o percurso a pé.

A Romaria Rodoviária<sup>65</sup> tem início depois da vigília na igreja de Nossa Senhora das Graças, no sábado que antecede o Círio. A imagem junto com seu povo, faz um percurso de volta à Belém e se dirige em direção ao Trapiche de Icoaraci<sup>66</sup>, aonde chega por volta das 11h da manhã, e outra romaria começa, que, desta feita, se desenvolverá sobre as águas.

A bordo da embarcação da Marinha a imagem da Santa, escoltada por três integrantes da GNSN, é levada em direção à escadinha do cais do porto, no bairro da Campina. Diversas novas homenagens são então prestadas durante o percurso de aproximadamente 18,500 km pelas águas da Baía do Guajará<sup>67</sup>.

A quantidade de embarcações reunidas ali é impressionante: têm pesqueiros, rebocadores, iates, veleiros, canoas, balsas, lanchas todos ornamentados e sonorizados para dar maior realce à procissão. Vem gente de todos os lados e escaninhos da Amazônia para agradecer, cumprir promessas e receber as bênçãos de NSN. Esta é a oportunidade que têm os ribeirinhos, pescadores e todos os navegantes de homenagear a mãe do filho de Deus.

Sobre as águas um verdadeiro festival de cores e formas se desenha, um espetáculo de fé se adorna. São barcos de todos os portos de Belém seguindo o navio Garnier Sampaio, da Marinha. Algumas igrejas, congregações, comunidades ou grupos religiosos chegam a alugar seu próprio barco para prestarem sua homenagem à Santa. Como a romaria dura cerca 4 a 5h muitos barcos de grande porte têm atividades de entretenimento para os romeiros, tais como danças e café regionais, missa e apresentações de musica religiosa. Não é à toa que as

---

<sup>64</sup> O município de Ananindeua está situado no nordeste do Estado de Pará, e forma parte da Região Metropolitana de Belém. Tomando como referência a Prefeitura Municipal, são 14 km a distância entre a sede de Ananindeua e Belém.

<sup>65</sup> Esta romaria é parte da programação oficial do Círio desde 1989. Foi solicitada pelo Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas (SINDICARPA) à Diretoria da Festa.

<sup>66</sup> Icoaraci é um dos oito distritos em que se divide o município de Belém. Distante aproximadamente 20 km do Centro da capital estadual, com aproximadamente 300 000 habitantes.

<sup>67</sup> A baía de Guajará é formada pelas confluências dos rios Guamá e Acará, que fazem parte do estuário Amazônico. Seus limites encontram-se nas proximidades da ilha do Mosqueiro. Ela é o acidente geográfico que mais sofre com a influência urbana da região amazônica. Este ambiente se localiza em torno de Belém, capital do estado do Pará. É um corpo hídrico com intenso tráfego de embarcações dos mais variados portes, que concentra, em sua margem direita, o setor portuário e atividades de armazenamento de derivados de petróleo (Nascimento 1995:37, 38).

agências de turismo têm incluído esta romaria<sup>68</sup> como um importante atrativo para o período do Círio.

Concluída a navegação desde Icoaraci, a homenagem irrompe em fogos, gritos, aplausos, cantos e preces fervorosos, quando o prefeito de Belém recebe a imagem peregrina e se dirige até a Praça Pedro Teixeira, onde a entrega nas mãos do Arcebispo de Belém, para receber as honras de Chefe de Estado por um grupamento de Cadetes da Polícia Militar, de acordo com a lei de 1971<sup>69</sup>, que proclamou a Virgem de Nazaré, Padroeira do Pará, Rainha da Amazônia e merecedora desta homenagem.

Já neste momento os motociclistas estão aguardando à Santinha para transportá-la até o colégio Gentil Bittencourt, situado no bairro Nazaré. O ronco dos motores incrementa a demonstração de fé. É por volta de meio dia, num calor escaldante, quase insuportável, que o compromisso com a Santa e a devoção destes fiéis se apresenta. E ela é de tal maneira forte que parecem não se incomodarem com a agrura da temperatura, de forma que mais parece que ela é desfrutada e não sofrida. Assim, desde 13 de outubro de 1990 a Federação de Motociclistas de Belém decidiu que seus integrantes, com as motos enfeitadas com fitas de mil cores, a partir dali homenageariam também NSN, entrando no rol dos seus devotos.

No mesmo instante em que os motoqueiros estão chegando ao colégio Gentil Bittencourt com a imagem peregrina, outros devotos, estão com o olhar fixado no altar maior, participando de um ritual que está acontecendo na Basílica de Nazaré: o momento da descida da imagem original, a descida da “Glória”<sup>70</sup>.

Durante todo o tempo em que esta cerimônia se desenvolve os devotos mantém essa postura contemplativa, pois não querem perder nenhum detalhe, querem ser testemunhas do momento que a imagem é retirada de seu nicho e colocada mais perto de seus fiéis. Desde a

---

<sup>68</sup> Segundo Mizar Bonna (1993:59- 60), o turismo foi o que motivou a institucionalização da romaria fluvial. A proposta foi da Paratur, órgão do governo que cuida de turismo, ideia de seu presidente, historiador Carlos Roque, e a intenção era turística mesmo. Sendo o Pará um pedaço da Amazônia cortada por rios e as embarcações servindo de transporte ao povo, pensaram em organizar uma homenagem dos barqueiros e todos aqueles que se servem das estradas de água.

<sup>69</sup> A Lei nº 4.371, de 15 de dezembro de 1971, Proclama Nossa Senhora de Nazaré Patrona do Estado do Pará.

<sup>70</sup> Denomina-se Glória um bloco de 15.640 quilos feito de mármore estatuário de Carrara, com uma de dimensão de 5m de altura por 3m de largura. No painel de fundo raios de mármore contrastam com pastilhas de mosaico dourado. Separado da parede a uns 80 centímetros está uma auréola de nuvens de onde surgem vários anjinhos de efeitos festivos em estilo barroco. A iluminação, em contra luz, ressalta o mosaico dourado dos raios e torna leve e aéreo o nimbo, que de modo original, ornamenta a cabeça da venerada imagem original da Nossa Senhora de Nazaré. Para completar o conjunto estão dois grandes anjos, cada um pesando 870 quilos, de asas abertas, oferecendo o coração do povo fiel e flores à Rainha da Amazônia (Diretoria da Festa 2000).

primeira vez que aconteceu, pelos idos dos anos 1960, esta solenidade adquiriu muita importância porque, como explica Alves (2005), significa que a Santa está no meio do povo.

Ainda durante a tarde do sábado acontece a missa que antecede a transladação. De 1793 até 1986 essa era primeira procissão que abria o Círio. A partir dela, durante todo mês de outubro, os festejos tanto religiosos como profanos se multiplicam.

### **1.3. A Cúspide do Grande Ritual**

A procissão da Transladação começa por volta das 18h, mas os devotos<sup>71</sup> estão esperando desde o momento em que os guardas da Basílica começam a montar a estrutura que levará a corda que puxa a berlinda, com o objetivo de ser um dos puxadores, condição memorável para um devoto de NSN. Para tanto, as pessoas aguardam por mais ou menos quatro horas, sentadas no chão ou paradas sob o sol ardente de Belém (pois chegam com bastante antecedência), resguardando um pedacinho da corda, o objeto mais cobiçado durante toda a procissão.

O início da procissão é anunciado por fogos de artifício, gritos, cantos, palmas, demonstrando o regozijo dos espectadores por este momento. Simultaneamente os GNSN já estão posicionados fazendo uma muralha humana esperando que o bispo pegue a imagem peregrina, deixada ali mais cedo pelos motoqueiros, e desça-a para o palco, que foi assentado na frente do colégio Gentil Bitencourt, até ser entregue nas mãos do diretor da festa, que, por sua vez coloca-a na berlinda.

Depois que os GNSN fazem o atrelamento da berlinda<sup>72</sup>, as pessoas começam a puxar a corda<sup>73</sup>. Todo o trajeto é iluminado, são luzes de várias cores e intensidades estourando no céu e pelas ruas de Belém. Porém, nesse momento o caminho já está bem claro, como me afirma um integrante da GNSN, Icoaraci: - *“A luz da berlinda é mais que suficiente, ilumina tudo e a todos, só temos que deixar nos guiar”*.

<sup>71</sup> Geralmente as pessoas que seguem na corda estão pagando algum tipo de promessa, de forma que podem ser chamadas simplesmente de devotos, romeiros ou promesseiros. Não obstante Alves (1980:4) explica que romeiro é aquele que, sendo devoto de um Santo, se desloca de seu ponto de origem, de residência, para acompanhar uma procissão.

<sup>72</sup> Atrelamento é a ação que consiste em fazer o engate da corda na berlinda.

<sup>73</sup> O simbolismo da corda é múltiplo. Pode ser associado a uma cobra grande e, por tanto, aos mitos dos encantados, como acontece com o próprio Círio (Pantoja e Maués sd :9). Significa o lugar da promessa e do sacrifício, do despojamento do homem e da mulher que a seguram, que estão descalços, demarcando o espaço ritual onde desfila a berlinda da santa. Significa a própria separação, num certo nível, entre o sagrado e o profano, entre o formal e o informal, entre o poder e o não poder, e como isso reflete a própria estrutura de poder e de classes da sociedade brasileira (Maués 1995: 451).

A luz da berlinda a que se refere este devoto é uma metáfora, no entanto, há uma luz literal nesta procissão da Transladação, e ela é, na verdade, a que nomeia todo o espetacular ritual de devoção à Nossa Senhora de Nazaré: o círio, a grande vela de cera que guia o caminho dos devotos em sua adoração à Santa. Única e exclusivamente neste momento do evento ela é utilizada, servindo para guiar toda a gente até a Catedral da Sé, percorrendo uma distância de 3,8 Km. (anexo 2). A imagem é então ali recebida por muitos fiéis, onde vai passar a noite numa vigília, esperando o amanhecer.

Depois do ato litúrgico (a missa realizada às 5h da manhã) se inicia a procissão do Círio (Anexo 3). É feito, então, o isolamento para colocar a berlinda e abrir espaço na multidão para que a Santa possa seguir seu caminho de volta à Basílica. Junto a ela seguem o Clero e as autoridades civis e militares. Apesar de todos os empurrões, pisadas, cotoveladas que sofrem aqueles que seguem de perto a procissão em seu afã por pegar um pedacinho de corda, quase tudo é aceitável com tranquilidade. E assim vários pés descalços puxam a corda da berlinda para agradecer ou para renovar pedidos, conscientes de que as graças não são apenas recebidas, mas que também devem ser retribuídas através da devoção. É por isso que Seu Guilherme Azevedo, diretor atual da GNSN, enfatiza que a sua função “*é ajudar, cuidar também do romeiro, do promesseiro e de todas as pessoas que acompanham o Círio*”, ou seja, de todos os devotos de NSN.

Depois de percorrer o mesmo percurso feito na noite anterior e prestar homenagem das mais variadas e criativas, os devotos chegam a seu destino: a Praça Santuário. Agora, mesmo machucados, comemoram por haver conseguido seu objetivo, tendo entre os dedos um pedacinho de corda e o sentimento de cumprimento da obrigação, materializado no depósito dos ex-votos carregados, geralmente em cima da cabeça, nos carros dos milagres, que fica repleto de tijolos, livros, barcos e casas em miniatura, assim como de representações de partes do corpo humano, feitos em miriti, gesso e resina.

#### ***1.4. A Atuação da GNSN Durante a Trasladação e o Círio***

Entre uma reza e outra os homens da GNSN se preparam para cumprirem seus papéis e proverem os recursos, equipamentos e informações necessários à execução da maior festa/procissão católica do Brasil. A quarta-feira anterior ao Círio é um dia de movimentação

intensa na sala<sup>74</sup> da GNSN, assim como no galpão localizado no estacionamento da Basílica, aí estão guardados a berlinda, os carros alegóricos, os equipamentos e um ou outro instrumento de trabalho.

A disposição dos homens que compõem a Guarda da Basílica é perceptível e latente durante todo o ano, porém, desde os quatro dias que antecedem o domingo da festa em homenagem à NSN - quiçá o dia do ano mais importante para o paraense católico – há notoriamente uma maior expressividade de ânimo e motivação, no sentido das atividades religiosas de Clifford Geertz (2008)<sup>75</sup>, em suas faces e em seus movimentos.

A Trasladação e o Círio, o ponto alto da atividade da GNSN, o ato fundacional desta instituição, são momentos regidos por variadas honrarias à Nossa Senhora de Nazaré, ditas em alto e bom som, tanto para afirmar a devoção como para incentivar e motivar outros devotos ou pessoas que acompanharão o espetáculo. Isso acontece porque esses dois eventos são espaços-tempo especialmente dedicados ao serviço à Santa, ao exercício sublime de proteger sua imagem e os romeiros, função primordial daqueles homens.

Cabe, assim, à GNSN e à Diretoria da Festa o planejamento dessas atividades, não só como uma grande procissão, mas também como um complexo de rituais religiosos, e isso é feito com muitos meses de antecedência, a fim de executar a melhor estratégia para que eles sejam um sucesso. Nesse planejamento são determinados os guardas habilitados a serem alocados em cada ponto da procissão.

Como me disse Márcio, secretário da Guarda, para obter a categoria de guarda habilitado ou ativo ao trabalho na Trasladação e Círio não basta vestir a farda da GNSN ou doar seu tempo ao santuário de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, cada um deve assistir obrigatoriamente no mínimo 20 missas por ano, participar de 10 reuniões da coordenação da

---

<sup>74</sup> A sala ou escritório da guarda está localizado no Centro Social que faz parte do complexo de Nazaré.

<sup>75</sup> Geertz indica que “as atividades religiosas induzem a dois tipos de disposições: ânimo e motivação. A motivação é uma tendência persistente, uma inclinação crônica para executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimento em determinadas situações e os ânimos são significativos quanto a seu surgimento, são intensos enquanto duram, mas possuem menor duração que as motivações, que surgem e desaparecem com facilidade. Os motivos não são, portanto, nem atos (isto é, comportamentos intencionais), nem sentimentos, mas inclinações para executar determinados tipos de atos ou ter determinados tipos de sentimentos. Os motivos têm um molde direcional, um certo caminho amplo, gravitam em torno de certas consumações, geralmente temporárias. As disposições, porém, apenas variam em intensidade: elas não levam a coisa alguma. Mas a diferença mais importante entre disposições e motivações talvez resida no fato de que as motivações são ‘tornadas significativas’ no que se refere aos fins para os quais são concebidas e conduzidas, enquanto as disposições são ‘tornadas significativas’ no que diz respeito às condições a partir das quais se concebe que elas surjam” (Geertz 2008:71-72).

Guarda e estar presente pelo menos em um evento<sup>76</sup> programado pela Guarda. Isso é o que, de fato, garante a participação ativa (habilitação) no evento-ritual do Círio, que é o ponto culminante de todo trabalho que exercem, o momento de reconhecimento e prestígio.

No ano 2015 conseguiram a categoria de ativos ou habilitados 989 dos 1121 guardas que estão registrados nos arquivos da secretaria da GNSN, os restantes não puderam participar do Círio, isso porque eles não justificaram sua pouca ou nula participação nas atividades obrigatórias no período de novembro 2014 a agosto 2015.

A lista de guardas ativos trata-se de uma relação de homens religiosa e politicamente habilitados para o serviço à Santa e à igreja. E embora esse grupamento de devotos de NSN se veja apenas como seus servidores, sendo uma instituição independente ou pelo menos com liberdade de ação para realizar o que é necessário para a proteção da imagem e do seu santuário, não passam, na verdade, de trabalhadores da igreja, integrantes da complexa hierarquia religiosa da Igreja Católica, a instituição que, na verdade, lhes concede a identidade, o poder e o prestígio que detêm.

O número de guardas ativos/habilitados é o que vai definir a quantidade de homens por equipe de trabalho. Porém, sempre se respeita a distribuição já existente de anos anteriores, somente se que alguém estiver interessado em trocar de equipe, é possível uma mudança de locação, mas, para tanto, é necessário que também haja alguém interessado em permutar. O coordenador da GNSN, Guilherme Azevedo, afirma que os grupamentos mais requisitados são a Berlinda, depois o Núcleo da Berlinda, seguido da Retaguarda da Berlinda e do Núcleo da Cabeça, sendo as cinco estações (E1, E2, E3, E4, E5) as menos escolhidas para atuar porque ficam muito longe da Santa.

Além dos membros da GNSN, também foram alocados nos grupamentos de trabalho da Trasladação e do Círio cerca de 910<sup>77</sup> guardas de outras paróquias (GP)<sup>78</sup>. Esses homens e mulheres serviram como guardas de apoio e foram treinados 2 meses antes destes eventos pela direção da GNSN.

Assim, ao todo participou do Círio 2015 um total de 1903 guardas distribuídos nas seguintes equipes de trabalho, e aos que posteriormente me referirei só pela sigla: Frente de Corda (FC), Núcleo de Cabeça (NC), Estação 5 (E5), Estação 4 (E4), Estação 3 (E3), Estação

---

<sup>76</sup> A GNSN qualifica como evento: a limpeza da Basílica e a campanha de doação de sangue, praticada antes das procissões do Círio.

<sup>77</sup> Dados da secretaria GNSN no Círio 2015

<sup>78</sup> Tem-se 120 guardas paroquiais inscritas na Arquidiocese de Belém, contabilizado o total de 1440 guardas, destes 1240 são homens e 200 são mulheres.



2 (E2), Estação 1 (E1), Núcleo de Berlinda (NB), Berlinda (B), Retaguarda de Berlinda (RB), Volante de Corda (VC), Basílica Santuário (BS), Atrelamento (A), Imprensa (I), Salude (S). Os GNSN situam-se nas posições próximas à imagem da Santa, posto que sua segurança é exclusiva dos guardas da Basílica, sendo vetado aos demais devotos a proximidade da Berlinda. Na tabela 1 mostra-se, que a participação dos GP é nula nas equipes de proteção da Santa e da corda.

**Tabela 1 – Porcentagem de participação da GNSN e de GP por equipes de trabalho**

Equipe	FC	NC	E5	E4	E3	E2	E1	NB	B	RB	VC	BS	A	I	S	T
<b>GNSN</b>	0,26	2,41	1,26	1,16	1,53	1,68	2,31	4,78	1,16	22,02	1,89	8,67	2,15	0,16	0,53	51,97
<b>GP</b>	5,47	8,36	6,73	5,62	8,93	6,20	6,73	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	48,03
<b>Total</b>	5,73	10,77	7,99	6,78	10,46	7,88	9,04	4,78	1,16	22,02	1,89	8,67	2,15	0,16	0,53	100

Fonte: Secretaria da GNSN 2015.

A **Tabela 1** mostra que a equipe FC está representada por 5,73% do total de guardas participantes, dos quais o 0,26% são GNSN e o restante, 5,47%, são guardas de outras paróquias (GP). Segundo a Diretoria da Guarda o único lugar onde as mulheres (GP) podem ficar é na FC, o que é justificado pela necessidade de muita força física nas outras equipes de trabalho. Esse é um claro exemplo de um sistema social pautado no patriarcado, sendo evidente a hierarquização de sexo em prejuízo da mulher, reservando para elas papéis de menor expressão que os dos homens.

A FC é a equipe que abre a marcha solene dos devotos de NSN, sua função é a de agir como batedores de um cortejo: na frente vão dois guardas de NSN, seguidos de várias filas laterais de guardas representantes de outras paróquias (GP) e por mais três guardas de NSN na retaguarda. A novidade para o Círio 2016 é a incorporação de GP mulheres.

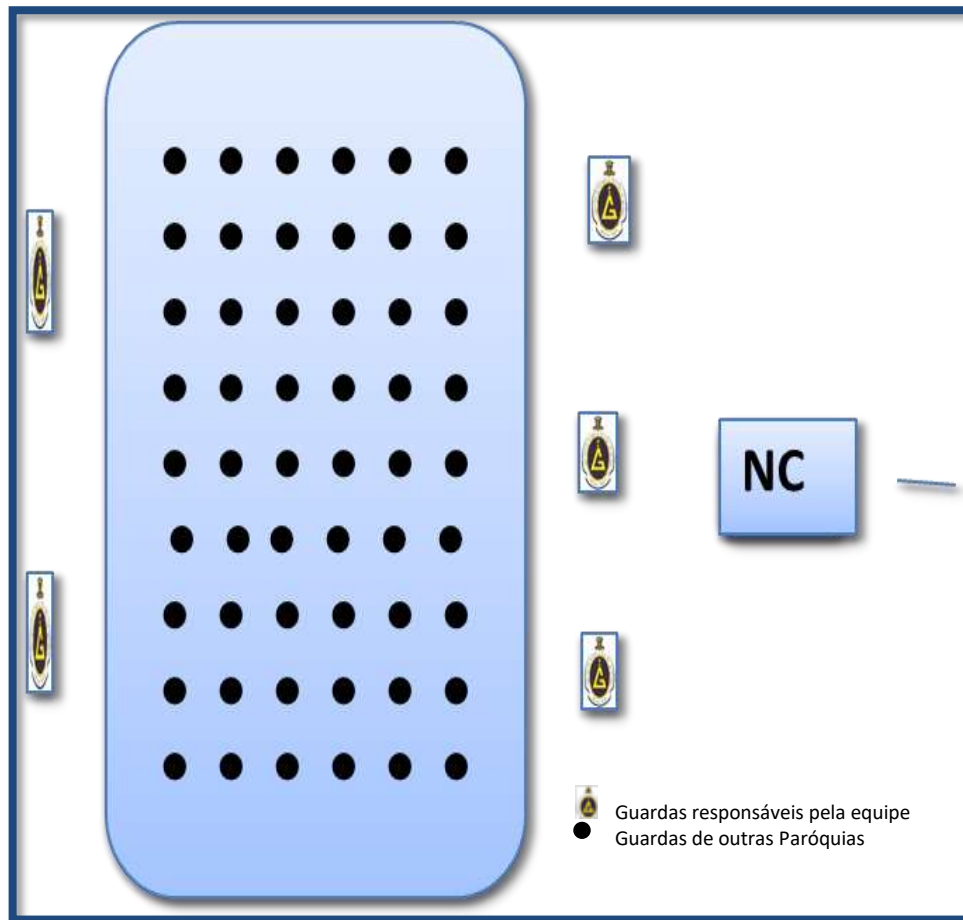


Figura 5 – Frente da Corda

A segunda equipe é denominada Núcleo da Cabeça<sup>79</sup> (figura 6), é integrado por 10,77% do total de guardas participantes, dos quais 8,36% são GP e 2,41% GNSN. Eles têm a responsabilidade de proteger e organizar os devotos situados numa peça de metal que tem uma dimensão de 10,67m de largura por 3,65m de comprimento, cortada ao meio por um eixo central, que lhe serve de suporte, e por mais 13 travessas, onde os promesseiros se agarram para puxá-la<sup>80</sup>. Cada espaço mede 1,10m por 0,25m, espaço suficiente para que dois romeiros/promesseiros fiquem de forma confortável, embora no momento da procissão ingressem de quatro a cinco neste espaço.

<sup>79</sup> A estrutura de Núcleo da Cabeça (NC) e a Estação três (E3) têm capacidade para 120 pessoas, mas no estardalhaço do cortejo entram muito mais. As demais estações restantes são menores, com capacidade para 80 pessoas.

<sup>80</sup> Estruturas feitas a partir de tubos de alumínio espacial utilizado em aeronaves, algumas com um cabo de aço ancorado nas pontas do tubo central com a finalidade de absorver uma parte considerável do esforço (Diretoria GNSN, 2016).

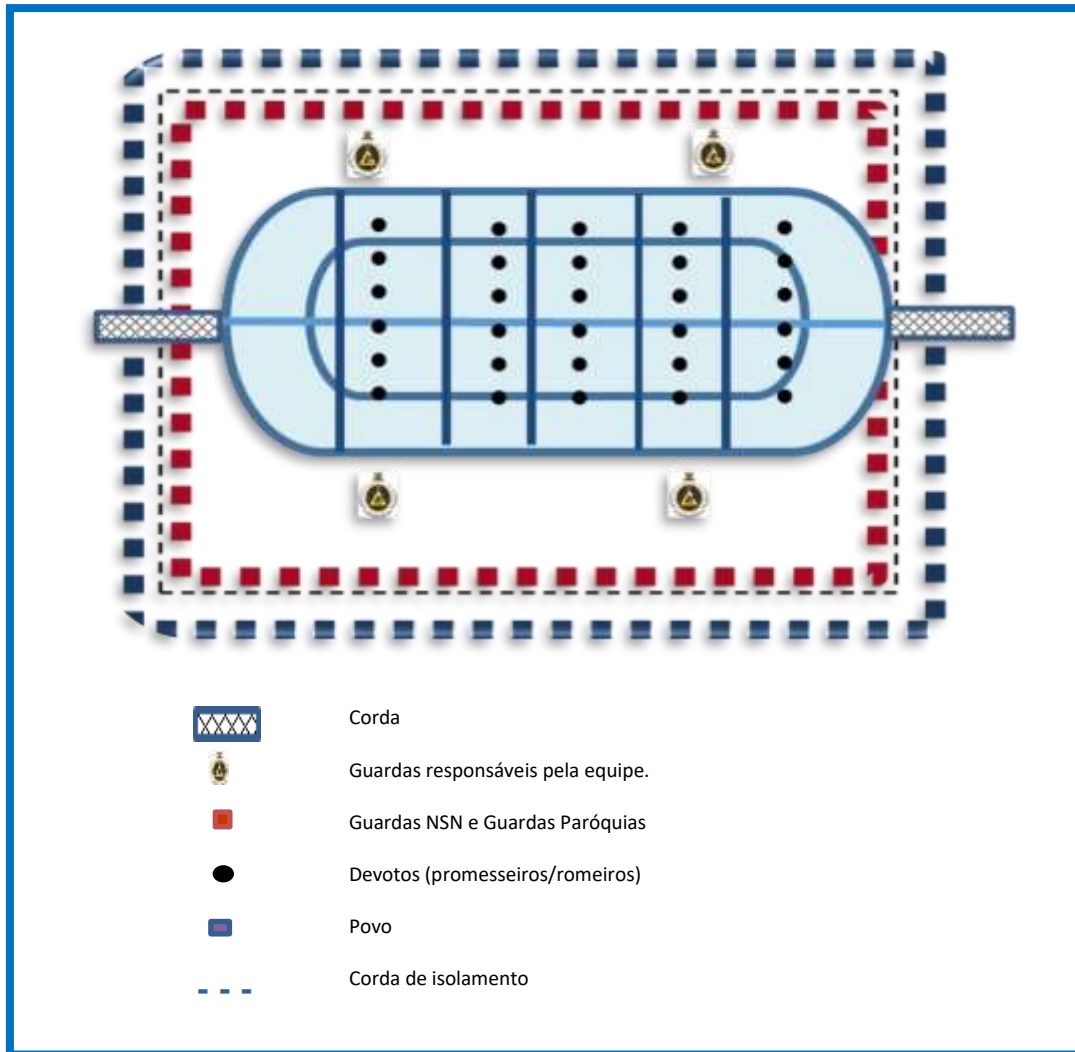


Figura 6- Estrutura Núcleo da Cabeça

Depois do NC seguem as equipes das Estações 5, 4, 3, 2 e 1, que recebem este nome porque a estrutura da procissão se assemelha a um terço. Os integrantes destas equipes também têm que proteger tanto aos promesseiros quanto as estruturas metálicas, que medem 3,53m por 5,49m e apresentam a forma de meia lua, como se mostra na **Figura 7**, com exceção da E3, que se assemelha em forma e dimensão à estrutura do NC.

A equipe da E3 é a que apresenta a maior porcentagem de guardas, se comparado com as outras estações, contando com 10,46% de integrantes, dos quais 8,93% corresponde a GP e 1,53% a GNSN. A equipe E4 é a que mostra menor porcentagem, com 6,78% do total dos guardas, sendo o 5,62% GP e 1,16% GNSN.

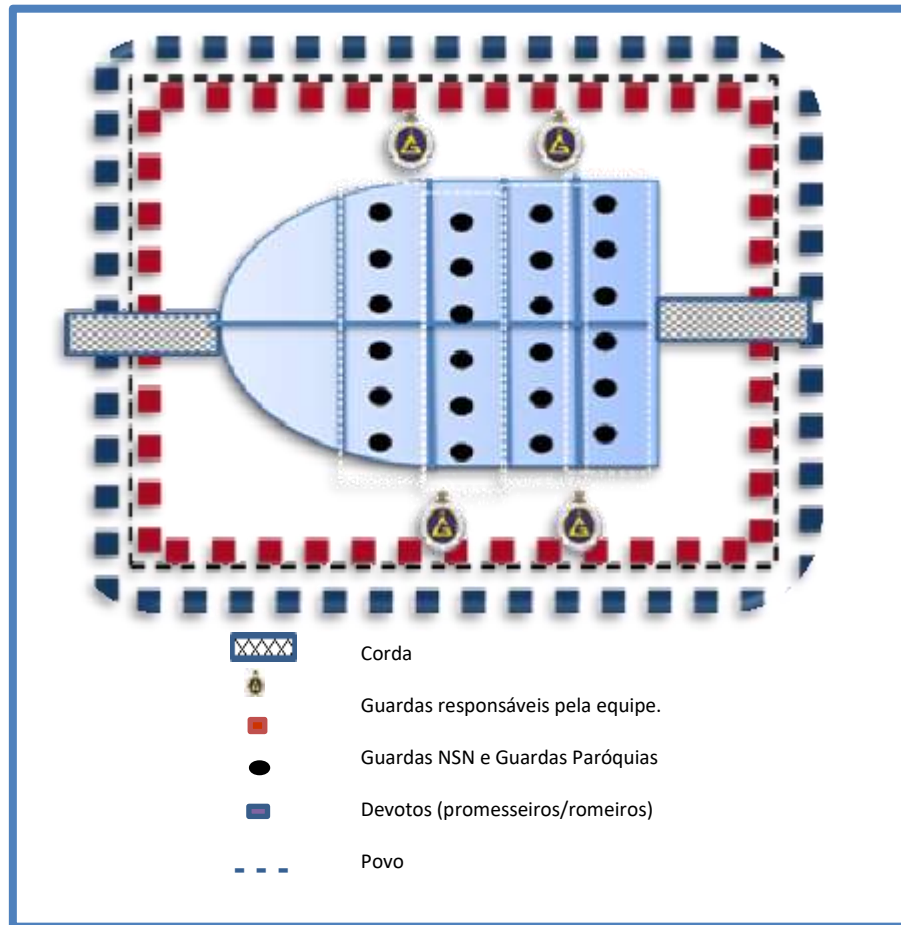


Figura 7 - Estrutura das estações 1,2,4 e 5

A seguir vem o Núcleo da Berlinda, esta equipe é formada por 4,78% do total dos guardas participantes. Eles têm a responsabilidade de puxar uma peça em forma de triângulo que mede 4,05m por 4,05 m, como se mostra na **figura 8**. É exatamente ela que vai atrelada à berlinda. Junto a eles estão o grupo de Atrelamento (A), que é composto por 2,15% dos guardas. Eles têm a função de fazer o acoplamento entre E1 e NB. Ambas as equipes têm integrantes exclusivos da GNSN, que foram cuidadosamente selecionados pela Diretoria da Guarda, sejam por sua motivação e/ou disposição nas atividades da Basílica durante todo ano, seja, especialmente, por sua força física e por sua experiência. Estas duas equipes tem uma maior permanência de seus membros, diferentemente das outras que a cada ano podem ter seus integrantes trocados.

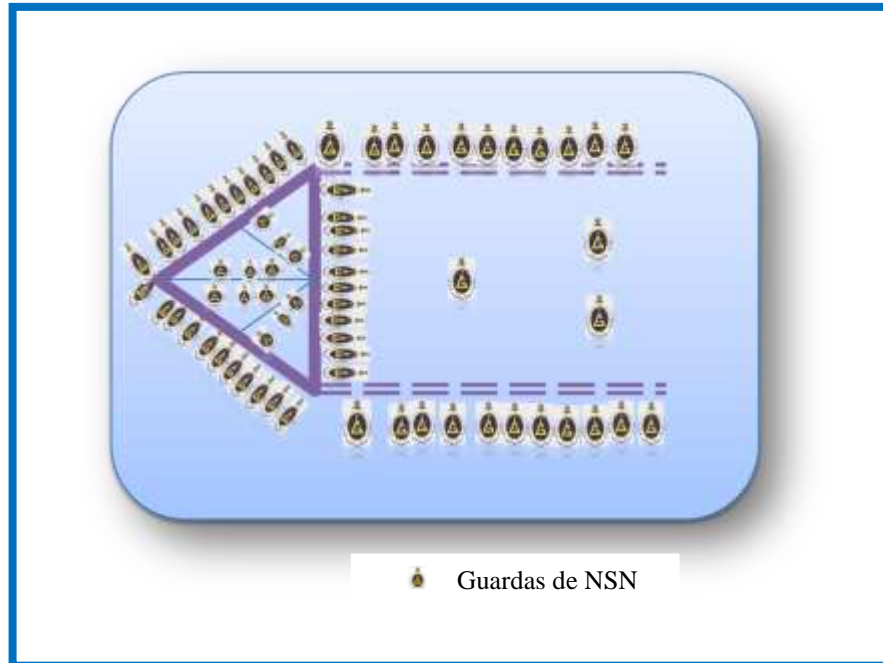


Figura 8 – Estrutura do Núcleo da Berlinda

A última estrutura é a Berlinda, que como se já se descreveu anteriormente, é uma peça no estilo barroco, esculpida em madeira, toda folheada a ouro, tendo seu teto forrado de cetim drapeado e bordado com pingentes de cristal, tendo no centro um ímã para fixar a imagem. Na transladação e no Círio ela é lindamente ornamentada com flores naturais, aparentando uma espécie de jardim ambulante. Assim é colocada sobre um automóvel bem peculiar, com tubos em volta e um cambão<sup>81</sup> por onde os guardas lhe puxam (figura 9).

A Berlinda é o lugar que os guardas de NSN mais aspiram estar, porém ali só tem 24 vagas, ou seja, comporta apenas 1,16% do total dos guardas participantes das procissões. Antigamente para integrar esta equipe bastava ser indicado por um dos diretores da GNSN. Na atualidade há uma seleção feita pelo coordenador da Guarda, considerando o seguinte: participação no terço dos homens, no terço da alvorada, nas missas, reuniões e o comportamento em cada uma destas atividades. Isso garante que haja sempre uma grande atividade de fiéis na igreja, mas é, especialmente, um estratagema que ao mesmo tempo em que incentiva o aprofundamento da religiosidade também incentiva a devoção, a verdadeira conversão cristã para os membros da Guarda Santa: – *“Minha intenção é trazê-los [os homens] para a igreja, depois que eles estão aqui Nossa Senhora de Nazaré faz a conversão deles”*, afirma Guilherme Azevedo, diretor-coordenador da GNSN.

<sup>81</sup> Um engate para reboque.

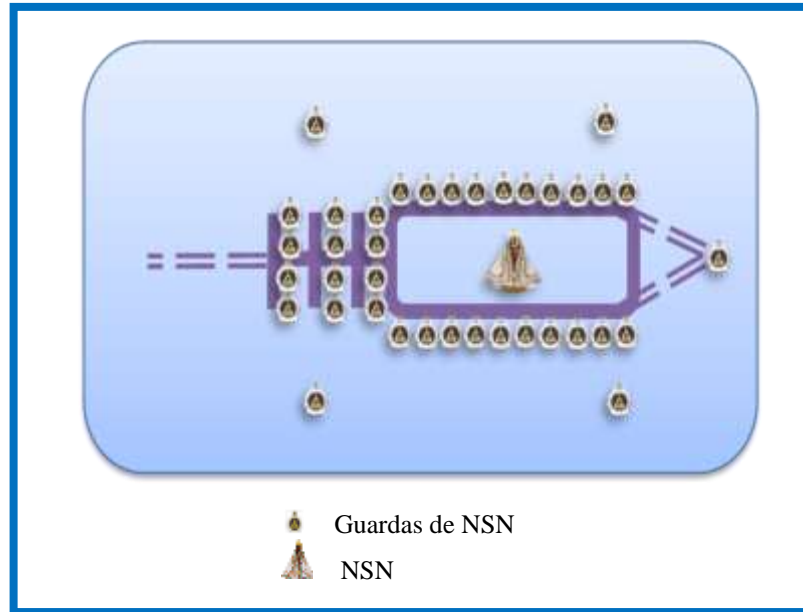


Figura 9 - Estrutura da Berlinda

E para proteger ainda mais a Berlinda há a equipe denominada RB, composta por 21,76% do total dos guardas, todos eles membros de GNSN. É a equipe mais numerosa de toda a procissão, porque além de proteger a imagem deve impedir que os devotos que estão fora da corda ou das estações invadam o espaço restrito a ela, além das autoridades religiosas e civis.

Para dar uma proteção extra aos fiéis a direção da GNSN criou desde 2015 a equipe VC, ilustrada na figura 10. Este grupamento tem o intuito de evitar o corte da corda antes do momento oficial, evitando, assim, que a segurança das pessoas fique em xeque, posto que muitos lançam-se de facas e outros objetos cortantes em meio à multidão para obter seu quinhão daquele objeto considerado milagroso, sagrado. A VC é composta por 1.89% dos guardas participantes, sendo todos pertencentes à GNSN. Ela recebe o reforço da Polícia Militar, que revista os devotos e confiscam suas facas.

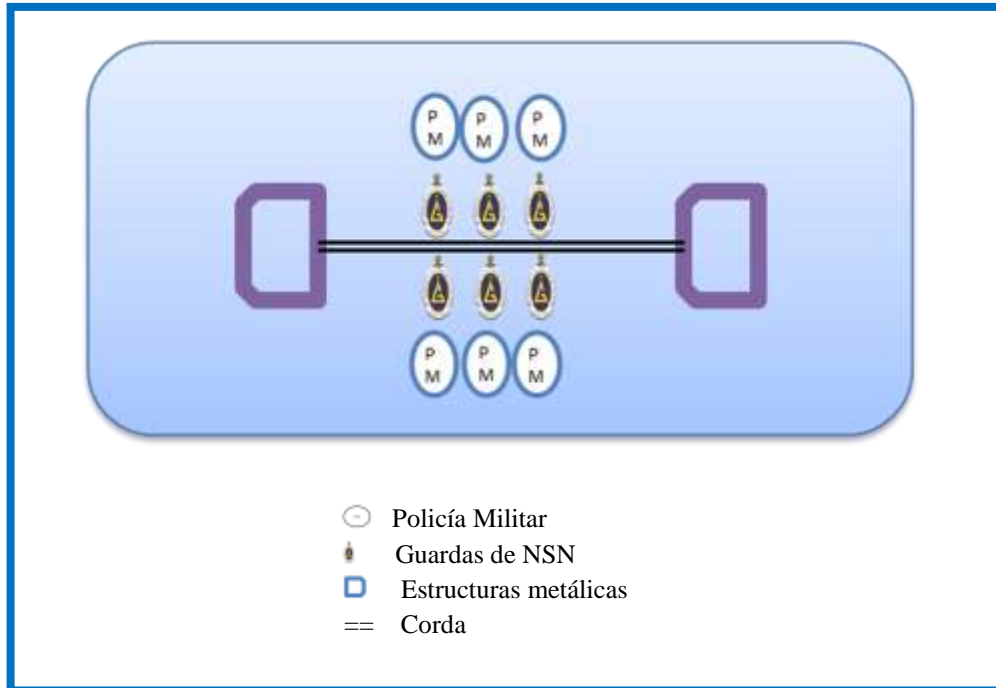


Figura 10 — Volante da Corda

A ação dos volantes da corda deixa claro quem é que tem o controle da festa do Círio, e não são, de forma alguma, os devotos e promesseiros, é a Igreja. Ainda assim os fiéis não deixam de realizar seu objetivo: levar um pedacinho de corda como testemunha do pagamento das promessas<sup>82</sup>.

As 11 equipes citadas estruturam a Trasladação e o Círio. A única diferença entre elas é o número de romeiros e promesseiros que acompanham uma e outra, o horário e o local em que acontecem. Abaixo, na Figura 11, pode-se visualizar todas as equipes de trabalho conectadas dando forma às procissões citadas.

<sup>82</sup> O corte da corda é uma tradição dos romeiros, no entanto, ainda hoje ela não é vista com bons olhos pelas autoridades eclesíásticas, visto que a corda, que não é um elemento oficial da cerimônia de louvor e honras à Santa, se tornou um elemento oficiosamente sagrado no ritual de devoção, representando também um símbolo das graças que foram ou serão alcançadas.

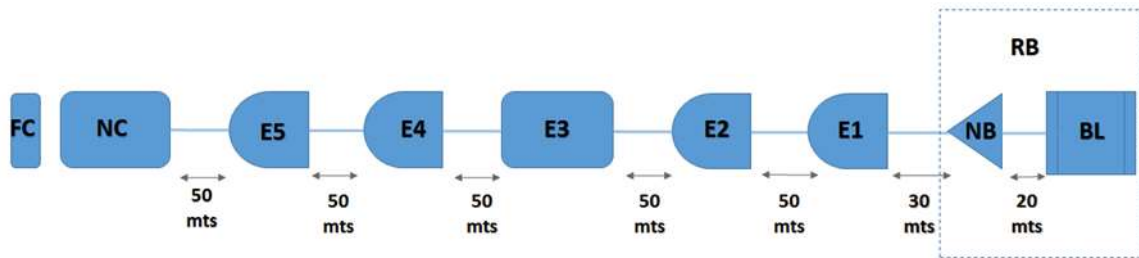


Figura 11 – Estrutura completa da Procissão: a locomotiva da Fé. Fonte: Diretoria da GNSN 2015.

Além destas, mais duas outras equipes integram esta estrutura: a de Saúde e a de Imprensa. Seus componentes seguem imiscuídos, juntos com os integrantes das outras equipes de trabalho. A primeira tem a função de dar os primeiros socorros, tanto aos guardas quanto aos promesseiros que precisarem, já a segunda tem a função de direcionar os jornalistas, a fim que cumpram seu objetivo sem atrapalhar o andamento da procissão<sup>83</sup>.

Além destas duas equipes que não aparecem na estrutura outra trabalha fora da procissão, é o pessoal do grupo Basílica Santuário<sup>84</sup>, responsável por zelar pela casa da Senhora de Nazaré e receber-lhe depois da enorme caminhada. Esta equipe, assim como a de Saúde e de Imprensa, é constituída por 8.67% dos guardas participantes. Ela tem uma atuação maior durante o fim do Círio, já que irá recepcionar os visitantes e a Santa no retorno da jornada comemorativa.

Depois de estabelecidos todos os detalhes estruturais da Trasladação e do Círio, a primeira atividade realizada para o início das procissões é a colocação das 8 peças de metal<sup>85</sup> na rua para dar forma à “locomotiva da fé”, como a denomina o diretor da GNSN, Seu Guilherme Azevedo.

Quem coordena e dirige cada “vagão” ou peça levada pelos promesseiros é o supervisor, um guarda responsável em explicar e fazer valer as regras ali. Ele se apresenta ao seus coordenados e indica o passo a passo dos procedimentos: - *“Oi pessoal, a estação é de vocês, (...) os guardas que estão aqui fazendo o isolamento são os que vão tomar conta de*

<sup>83</sup> A equipe de Imprensa foi criada por causa do porte deste evento, devido às exigências das redes de comunicação local, nacional e internacional para noticiar e não perder cada detalhe da maior festa católica da América Latina.

<sup>84</sup> Os guardas desta equipe geralmente têm alguma limitação física ou doença que os impede de participar das procissões.



*tudo. Quando chegar lá [na Estação da Docas], vocês já sabem, devem sair bonitinhos. A promessa de vocês está cumprida. Deixem que eles [os guardas] passem a assumir o controle total da estação”.*

As procissões somente têm início quando a corda, que está conectada à NB, é atrelada à Estação 1. O atrelamento é qualificado pela diretoria da GNSN como o momento mais crítico<sup>86</sup> e mais tenso de todo o cortejo. Realmente é um momento de grande confusão: alguns guardas correm, caminham, formam pequenos grupos, falam, gesticulam, dando às mãos significados e sinais que só eles próprios compreendem. Neste momento o terço é rezado entre empurrões, cotoveladas, preces e cantorias, numa mistura entre força física brutal, força espiritual e muitas vivas à Senhora de Nazaré.

Porém, em meio ao turbilhão de vozes e gritos ouve-se muito bem a voz de comando para os guardas: – “*Assegura rapaz! Assegura!*”. Seus rostos estão molhados de suor e lágrimas, não se sabe se apenas de alegria, pela imensa honra que lhes é designada, mas, provavelmente, também de dor, pelo cansaço e energia que aquela atividade exige. Apesar de todo êxtase o terço se mantém entrelaçado entre os dedos, garantindo a vitalidade do trabalho prestado à Santa.

Icoaraci, o guarda encarregado de fazer o atrelamento há 11 anos, contou-me que NSN acompanha o trabalho deles o tempo todo e tudo deve ser combinado com ela, verificado se é seu desejo ou não. É assim que ela revela, inclusive, as melhores formas para que os guardas exerçam suas atividades. Foi dessa forma, recorrendo à Santa, que Icoaraci teve uma revelação: na hora do atrelamento da berlinda, um momento de grande agitação, todos deveriam rezar em voz alta, pois isso distrairia os devotos, retirariam seus olhares da corda e permitiria que tudo fosse feito sem problemas e em menor tempo. “*Ela me disse: - Antes de fazer o atrelamento vocês têm que rezar, rezem, rezem muito. Eu tenho certeza que todo mundo vai acompanhar. Então vocês aproveitam esse momento, em que todos estão concentrados, para fazer o atrelamento. E assim foi que eu fiz tranquilo, sem sufocos o atrelamento. Tudo deu certo*”.

Depois do atrelamento o time se abraça, chora, treme, se renova, alça a corda sobre as suas cabeças e a dos promesseiros e segue em frente com relativa harmonia e organização. A partir desse momento “*o medo desaparece, sinto confiança que tudo vai sair bem*”, explica-

---

<sup>86</sup> Na trasladação isso também acontece, mas como é uma procissão com menor número de pessoas, os guardas consideram que o atrelamento do Círio é mais complexo. Não obstante serve-lhes de parâmetro comparativo e ajuda-lhes a predizer o que acontecerá durante a procissão do Círio.

me outro guarda, Seu Zé Maria, rememorando as suas infundáveis experiências de trabalho no Círio e me confirmando que a Santa é realmente quem comanda todo o trabalho.

O atrelamento é uma operação feita através de um sistema de aros e ganchos, que permite sua realização em uma média de cinco minutos, mas que pode levar até 45 minutos por causa do tumulto dos promesseiros. É este processo mais os passos dos devotos que vão na corda que determinam o ritmo da procissão. Quando se percebe que ela está muito lenta as estações começam a ser desatreladas uma das outras até que a berlinda fique sozinha e tudo possa avançar. Isso tanto pode acontecer nas imediações da Estação das Docas, quando na Trasladação, ou na frente ao clube desportivo Remo, quando no Círio – com o desatrelamento das estações se tem conseguido postergar um pouco o momento do corte da corda por parte dos romeiros e promesseiros, permitindo que a procissão siga no tempo estimado, finalizando sua jornada na praça da Basílica.

Assim, da mesma forma que os devotos comuns, os devotos da Guarda Santa também cumprem seu objetivo quando trabalham para que tudo ocorra bem nas festividades de comemoração à NSN. Sua atuação faz com que este grande ritual aconteça transmitindo valores religiosos ao povo belenense, como explica Peirano:

O ritual é um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo... rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais (2002: 9).

Esses comportamentos e valores que a igreja intenta manter e disseminar e que estão apoiadas na ação dos agentes (os guardas santos), em suas experiências e no ambiente em que atuam, se convertem em estruturas estruturadas propensas a funcionarem como

*estruturas estruturantes*, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente “regulamentadas” e “reguladas” sem que por isso sejam o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha a necessidade de projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro (Bourdieu 1994:40).

Assim, essas estruturas estruturantes, ou o *habitus*, são as disposições e as motivações, advindas com a prática, implícita ou explícita, proporcionada pela vivência do catolicismo,

que dão sentido, razão e organicidade às práticas da GNSN, de forma que se tornam uma lei imanente que orienta e disciplina cada membro deste corpo. A prova disso é que mesmo extremamente fatigados, sujos, com fome, ansiando vivenciar o Círio com seus familiares e amigos, na alegria do alimento compartilhado, não abandonam seu trabalho – o serviço à santa e aos devotos – enquanto não guardam todos os equipamentos usados ali, além da berlinda e do tapete vermelho colocado na praça, funções e atividades que definem sua existência. Há um regozijo em todo este sacrifício, como me fala, com um certo brilho nos olhos, Icoaraci, atrelador da GNSN: – *“cansado não, sujo fico. Mas se tenho que fazer tudo de novo outra vez eu faço”*.

Mas eles voltam para casa não para um descanso longo, pois, embora o Círio enquanto procissão tenha se encerrado, não se encerraram as atividades deste período de devoção a NSN, ao contrário, a festa continua, forte e diversificada. Mas será que os guardas ainda dão conta de todas essas outras atividades depois de tantos dias de trabalho intenso? Minha pergunta foi respondida quando os vi em suas posições de trabalho nas romarias das crianças, da juventude, dos ciclistas, entre outras tantas mostrando sua devoção no serviço à Santa.

### **1.5. E os Ritos Continuam**

É muito comum a presença de ciclistas em muitas das romarias oficiais, especialmente na romaria que alcança os municípios de Ananindeua e Marituba, mas, como ficavam atrapalhando o ordenamento da procissão, a Associação de Ciclistas do Estado do Pará e a Associação dos Ciclistas de Icoaraci solicitaram à diretoria da festa um espaço exclusivo para homenagear NSN, uma espécie de cortejo particular realizado em um dia de menor trânsito em que pudessem pedalar à vontade.

A imagem da Santa peregrina desta feita é escoltada por seus guardas montados em bicicletas, devidamente paramentados com capacetes, luvas, óculos de sol, porém mantendo sua honrada camisa de trabalho e com sua melhor arma entrelaçada entre os dedos, como dizem eles: o terço. Assim saem pela manhã do sábado seguinte ao Círio pedalando pelas ruas de Belém. (Anexo 4).

Já a Romaria da Juventude é uma homenagem prestada pelos jovens à Santa, um compromisso que firmam para demonstrar desde tenra idade sua devoção. A procissão

geralmente sai de uma das igrejas ligadas à paróquia de Nazaré<sup>87</sup> e se dirige, fazendo muito barulho, à Praça Santuário. Deste ponto o cortejo se dissipa.

No dia seguinte, ou seja, o terceiro domingo de outubro, outra procissão das crianças é realizada, mas esta se reduz apenas às ruas próximas a Basílica de Nazaré. Como seu nome o indica, é uma procissão voltada para o público infantil, mais especificamente para reunir pais e filhos em um ato de devoção – isso digo porque tratam-se de meninos e meninas na faixa de 0 a 12 anos, diferente da romaria da juventude, onde encontram-se mais adolescentes. Neste cortejo a imagem peregrina é colocada sobre um carro custodiado por um grupo de guardas, enquanto outros estão fazendo o isolamento de segurança juntamente com apoio da Guarda Mirim de Nossa Senhora de Nazaré.

Durante todo o mês de outubro a quantidade de guardas na Basílica é maior se comparado com os outros meses do ano. Tal fato é justificado pelos integrantes da GNSN devido ao aumento das atividades religiosas como missas, novenas, confissões, além do grande número de visitantes, devotos ou turistas, na Basílica.

Embora toda esta gama e intensidade de atividades religiosas, a entrada da segunda quinzena de outubro também é tempo de encerramento das comemorações cívicas. O segundo domingo depois do Círio é dia da GNSN acompanhar uma de suas imagens protegidas, a santa peregrina, da igreja de Nossa Senhora das Graças, na travessa Conselheiro Furtado, até a praça Santuário, realizando, desta feita, a penúltima romaria oficial denominada: Procissão da Festa. Este cortejo existe desde 1881, o que a torna quase tão antiga quanto o próprio Círio (Diretoria do Círio 2000: 24).

Na segunda-feira, depois da quinzena nazarena, a cidade de Belém então acorda com pouca movimentação: comércio, escolas e tantas outras instituições estão fechadas, tal como quando o belenense descansa da grande festa dada em homenagem a sua mãe maior. Enquanto isso um grupo de guardas chega à Basílica, ao amanhecer, para acompanhar a subida da imagem original à Glória, marcando, assim, o fim do período de sagração do povo, quando a Santa, durante duas semanas, fica perto de seus devotos. Em seguida acontece outra cerimônia, uma missa na Praça Santuário: a celebração é especial porque, além de incinerar todos os pedidos feitos a NSN durante os 15 dias de festa por escrito, e deixados no altar o

---

<sup>87</sup> Em 2015, quando a presenciei e descobri o serviço prestado à santa pela GNSN, ela saiu da igreja de São Raimundo Nonato, localizada no bairro Umarizal.

monumento da Praça Santuário, os devotos tem a oportunidade de despedir-se da imagem de NSN (a imagem peregrina).

A imagem é, então, colocada em um andor e é carregada por alguns diretores da festa do Círio e escoltada pela GNSN até o colégio Gentil Bittencourt, evento seguido de perto por milhões de devotos que, cantando, rezando, chorando e movendo sinuosamente lenços brancos, se despedem da santa já acalentando o desejo de um novo Círio. Neste mesmo momento, “*nas escadarias do colégio, acontece o encerramento do trabalho da guarda e a abertura do trabalho para o Círio do ano seguinte*”, informa-me João Batista, guarda de NSN.

Toda esta celebração, este grande espetáculo de fé, é uma das maiores da América, é um vultoso ato de devoção, ou seja, de consagração a algo ou alguém, neste caso a NSN, onde o sentimento religioso leva à prática de um culto de dedicação íntima e ou veneração especial. A respeito de quem tem este sentimento religioso, e do objeto/personalidade (com)sagrada, esclarece Geertz:

tem uma susceptibilidade a certas disposições, disposições que às vezes englobamos sob rubricas tais como ‘reverente’, ‘solene’ ou ‘devoto’. (...) As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia... Não se pode falar de apenas uma espécie de motivação chamada religiosidade, da mesma forma que não existe apenas uma espécie de inclinação que se possa chamar devoção”. (2008: 71).

É nesta perspectiva de variedade de manifestações que se delineiam o sentido e o ato da devoção, bem como para compreender como ela motiva, anima, orienta e exalta, retirando do lugar comum o devoto. Aqui, em especial, o devoto que está no serviço à Santa, os integrantes da GNSN, objetivo do próximo capítulo.

## ***CAPÍTULO II***

*Por amor, responsabilidade, respeito e dedicação a Nossa Senhora de Nazaré: a conversão dos devotos em guardas santos.*

Para entender como um devoto de Nossa Senhora de Nazaré passa a ser um escolhido para atuar na guarda santa, no serviço de proteção ao seu santuário, uma posição de prestígio e poder em relação a outros devotos, é preciso conhecer algumas histórias desta conversão. Assim, nada melhor do que conversar com alguns membros da GNSN, marcados por memórias de fé pela constante diligência com a Santa.

Como é impossível trazer o ponto de vista de todos os mais de mil membros que compõem este grupo, escolhi cinco membros desse vultoso universo. Eles são muito diferentes entre si, porém guardam em comum uma forte devoção por NSN e como prova disso gostam de servir e doar seu tempo ao seu santuário, além de falar das bênçãos recebidas. Encontrei nas conversas com meus interlocutores mais que o esclarecimento das questões que me levaram a esta investigação; encontrei a vivência da devoção e o poder da fé, que mudou suas vidas e a de suas famílias; encontrei também a ordem da devoção e tantas outras peculiaridades do serviço prestado voluntariamente à Santa.

Nesta trajetória escolhi meus interlocutores não apenas por causa do tempo de trabalho naquela irmandade ou das experiências sobre-humanas de quem aceitou aquele chamado, mas, especialmente, pelas posições que ocupam ali dentro e pela disponibilidade que mostraram em conversar, contando detalhes da sua vida íntima e esclarecendo sobre o serviço na GNSN. Nessa tessitura cinco personagens me contaram sobre suas experiências com a Santa, assim como me revelaram algumas regras ou questões ocultas, implícitas, que permeiam as ações dos membros da GNSN.

### ***2.1 Um Homem Diferente***

“*Ave Maria!*”, saudou-me Seu Guilherme naquela noite de quinta-feira. Eu já estava no escritório da GNSN quando ele chegou. Estava ansiosa para realizar a primeira conversa

com o gravador ligado. Naquele tempo, em janeiro de 2016, ele ainda não era o coordenador da GNSN, mas tudo era como se fosse.

*“Eu antigamente, antes de entrar para a guarda eu era um cara mais arrogante, era assim mais bruto com as pessoas”. Começou ele assim a se descrever logo que iniciei a gravação. Foi muito difícil de imediato dar crédito a suas palavras, porque ante mim estava um homem tranquilo, muito, quase exageradamente calmo, de voz macia e gestos suaves e lentos. Enquanto falava arrumava-se, desamassava com a mão direita a camisa, como se assegurando que tudo estava em ordem, que agora era digno de usar o uniforme que envergava. Continua: – “Desde o momento que eu aceitei ser parte da Guarda eu comecei a perceber que aqueles homens que estavam ali, eles tinham um carinho, uma devoção muito forte por Nossa Senhora. E aquela devoção que eu acreditava que tinha por Nossa Senhora era muito pouco comparada com a de outros guardas. Eu não estava dando valor a tudo o que eu alcançava na minha vida, e eu nunca retribuía, nunca agradecia. Como guarda eu mudei completamente minha visão e comecei a me dedicar às coisas da igreja”.*

Ele é um desses poucos que tiveram a oportunidade de formar-se em três universidades, conta com um trabalho estável e aparenta ter boa saúde. O respeito e a devoção por NSN é herança de família, mais propriamente da mãe, uma senhora católica muito devota, que mais lhe cobrava a presença na igreja que a ida às aulas, visto que aquele era o lugar onde podia, de fato, aprender coisas boas. Portanto, converter-se em guarda foi, segundo Seu Guilherme, o melhor presente que pôde dar a sua mãe. Mas a devoção, a entrega mesmo, foi produto do relacionamento com outros homens que já estavam há tempo dedicando sua vida ao serviço de NSN.

*– “Aquela devoção que eu vi nos guardas mexeu muito comigo, achava aquilo fantástico, fiquei pensando: – Como é que eu consigo tantas coisas e me esqueço de agradecer, de ajudar? Mas quando entrei na Guarda consegui mudar minha mentalidade e mudar totalmente a pessoa que eu era. Por exemplo, consegui enxergar aquela pessoa que estava pedindo comida ou doente. Antigamente não, não estava nem aí. Agora não, sou diferente”.*

Com essa declaração sobre sua mudança interior, Seu Guilherme me revela sua vivência de fé e devoção, a miraculosa ação de Nossa Senhora de Nazaré em sua vida, fato que foi determinante para que ele começasse a ficar admirado pelo seu poder. A emoção que o tomava enquanto falava me encantava. Eu nem me dei conta que já passava das 22 horas e da torrencial chuva que caía sobre Belém.

Pouco a pouco os guardas que estavam no escritório foram saindo, sinal que a chuva tinha parado. Apenas eu, o coordenador, o secretário e um outro guarda continuávamos ali. Isso acontece frequentemente, pois ficam trabalhando até tarde ajeitando documentos, respondendo solicitações, planejando visitas da Santa, enfim tudo o que se refere à organização das funções da Guarda, tarefas que somente podem realizar à noite, geralmente a partir das 19 horas, após a missa, após o trabalho diário.

Seu Guilherme é um homem de uns 40 e poucos anos, solteiro, alto e com um olhar triste, mas que é atenuado por seu sorriso largo, embora bastante tímido. Sua conversa é amena, com um tom amigável e sem exagero. A fala é ritmada, alterando a intensidade quando vibra e se entusiasma com alguma lembrança, fato que me ajudou a identificar os pontos mais importantes de nossa conversa. Além disso, ele tem a habilidade de ser claro, preciso e objetivo em suas colocações, provavelmente produto de sua formação em engenharia civil. Sua boca reflete sinceridade, confiança e tranquilidade, características que explicam porque é tão procurado e admirado pelos colegas.

Seu Guilherme é testemunha do amor e respeito que NSN tem não só aos católicos, mas também aos líderes de outras igrejas, como os evangélicos, e até de pessoas que aparentemente não guardam nenhuma fé nas manifestações do Divino, como aqueles que consomem algum tipo de drogas ou são infratores sociais. Isso faz ainda mais aumentar sua admiração por NSN:

– *“Até os traficantes respeitam Nossa Senhora de Nazaré. No Rio de Janeiro entramos em lugares onde a polícia não entra. E quando chegamos lá eles guardaram, esconderam [as armas]. Eles não andam armados, escondem os fuzis. Eles têm vergonha. Aquelas pessoas que ficam usando cocaína na Cracolândia quando a gente passava com a imagem próxima a eles, os que estavam fumando, eles intentavam esconder a droga, tinha gente que se ajoelhava na frente de Nossa Senhora e chorava, mesmo depois de ter acabado de fumar um cigarro de maconha. Eles se ajoelhavam. Isso a gente vê muito. Isso aconteceu”.*

Ele conta que no início era difícil de compreender a capacidade que tem a imagem de Nossa Senhora de Nazaré de gerar intensas emoções, de modificar o comportamento das pessoas, devotas ou não, dentro e fora das fronteiras do estado do Pará; não entendia como ela é capaz de aglutinar grandes multidões, diluindo suas diferenças sociais e econômicas, sujeitando-as às suas regras e aos seus desejos. A chave para clarificar tudo isso foi a



convivência com os outros guardas, a devoção deles, a entrega, algo que, na verdade, ele percebeu muito antes de entrar na guarda.

– *“As pessoas da GNSN têm a espiritualidade mais avançada, porque tem todo esse treinamento, toda essa comunhão, a participação mais ativa na igreja, que, no fim, consegue ser enxergada de forma diferente. Um policial, um homem das Forças Armadas não, não consegue ter isso. Muita gente ali está por cumprimento ou por obrigação, mas os guardas não. A gente participa no Círio por dedicação, por amor à Nossa Senhora de Nazaré. Isso aí faz com que a guarda permaneça sempre ativa: seja o que for, a situação que tiver, vamos lá e resolvemos. É diferente com o pessoal das Forças Armadas: quando o Círio demorou, oito anos atrás, se não me engano, e a procissão chegou na Basílica às 4 horas da tarde – eu era cordeiro<sup>88</sup>, não era guarda - eu só enxerguei a guarda, eu não enxerguei as Forças Armadas. Eles foram embora quando acabou o horário de trabalho. A guarda não, ficou no Círio do início ao fim”*.

Segundo Seu Guilherme, a imagem de NSN é protegida pela guarda da mesma forma que São José protegeu Maria, por isso ele o considera o primeiro guarda de nossa senhora, uma referência para todos que tentam este trabalho. Plácido também é lembrado como um devoto, justificando assim a proteção e cuidado que dedicou à Nossa Senhora de Nazaré.

– *“Grande devoto que achou a imagem [de NSN]. Quando isso aconteceu já existia nele um grão espiritual muito avançado e no momento que achou a imagem aumentou mais ainda aquele carinho, aquele amor que ele já tinha por Nossa Senhora. E é por isso que ele era um guarda também, não o primeiro guarda, mas um guarda porque teve um carinho pela imagem e a via a como se fosse um reflexo de Nossa Senhora”*.

O coordenador enfatiza que, além de cuidar da Santa, um guarda de NSN tem a incumbência de ser ponte entre aquela pessoa que tem dificuldade e a Santa, por isso suas palavras devem sempre ser um incentivo de esperança e um testemunho de fé: – *“Meu amigo vai lá. Ela te vai te atender. Ela é sua mãe. Peça, fale com ela, diga o que você está sentindo ou então agradeça. Todos os momentos de minha vida que eu precisei, eu sempre tive a ajuda dela”*. E nessa hora lembrou a época em que a saúde de sua mãe deteriorou-se e ela faleceu. Rememora o sofrimento que lhe tomou, mas também se enche de lembranças da resignação vinda da fé em NSN, que lhe deu forças para aceitar tão terrível perda e ainda servir de suporte emocional a suas irmãs. Por essa e outras razões ao chegar na igreja, diz ele, o devoto

---

<sup>88</sup> Termo usado pelos guardas para os romeiros que vão dentro da corda.

deve sempre se ajoelhar, agradecer a Deus e NSN por estar vivo, por ter recebido o dom da vida, e, somente depois disso, fazer um pedido.

É durante as orações que a Santa fala com eles: – *“Meu filho faça isso, meu filho faça aquilo. Meu filho siga esse caminho. É como se ela olhasse para cada um e dissesse: - Você é meu filho e vou te ajudar, mas você vai me ajudar”*, afirma Seu Guilherme. Portanto, os guardas estabelecem uma relação de intimidade com a imagem, a concebem como sua mãe, assim como ela também é a mãe de Jesus. E dessa forma se convertem, automaticamente, em seus filhos, tendo a responsabilidade de servi-la e amá-la para todo o sempre<sup>89</sup>.

Foi desse jeito que ele se converteu em filho de NSN. Mas o marco zero dessa conversão foi o momento que aceitou ser guarda, quando seu padrinho Luiz Alexio falou: – *“Ó Guilherme não queres ser guarda da Santa? E eu respondi: - Não, quero não. Isso não é para mim. E ele retrucou de lá: – Olha que é. Vai comigo amanhã na reunião da Guarda, no Centro Social. Eu vim, cheguei e aceitei”*. Isso foi exatamente um dia antes da apresentação dos aspirantes à GNSN.

Um ano depois de entrar na GNSN, em 2008, Guilherme Azevedo já era supervisor da igreja e dois anos mais tarde passou a fazer parte da diretoria, assumindo em 2010 o cargo de Diretor de Procissões, em 2011 o de Diretor de Igreja, em 2012 o de Diretor de Patrimônio, e, logo em seguida, o cargo de Vice Coordenador em 2015 e de Coordenador em 2016. Ele deixa claro que, embora sua alta posição dentro da instituição, não sente orgulho dela, ao contrário, seu orgulho vem da oportunidade de dirigir a caminhada dos outros guardas, de poder sentir a emoção que sentem, visto que nunca deixou de ser um deles, é uma experiência sobre-humana ou sublime. – *“Dividir emoções com os outros guardas que estão ao teu lado é entrar num sistema de êxtase. Algo assim como se estivesse flutuando, como se tivesse completamente com os pés fora da terra”*.

---

<sup>89</sup> Estar no trabalho de servir e proteger a Santa converte automática e simultaneamente o indivíduo em filho de NSN e devoto oficial.



Figura 12 – Selfie tomada por seu Raimundo com seu Guilherme Azevedo, Coordenador da GNSN – no Círio 2016

Seu Guilherme esclarece-me nessa fala o quanto as interações, os locais de sociabilidade e formas de sociação são importantes para um guarda santo. O quanto os encontros, as conversas, a observação dos gestos e falas dos membros da GNSN são não apenas inspiradoras, mas também forjadoras de um devoto oficial, de alguém que aspira a posição de guarda de NSN. Corroborando com esta minha dedução ele me conta sobre a emoção que o toma quando está numa procissão e olha a imagem de Nossa Senhora seguida pelos seus devotos ajoelhados, rezando, pedindo, chorando. Isso mexe de tal forma com sua espiritualidade que ele não consegue parar de pensar sobre sua imensa responsabilidade: – *“A gente procura ser exemplo de Cristo, exemplo para aquele devoto apaixonado, para aquele que sabemos que tem o maior amor por Nossa Senhora”*. Por isso, diz ele, um guarda sempre deve ser uma referência na sociedade e na comunidade onde atua.

## ***2.2 Uma Guarda Mulher***

Mas ser exemplo de fé e devoção não garante o ingresso fácil à GNSN ou ao serviço da Santa. Ingressar e ser parte dessa irmandade santa nem sempre é uma tarefa que requer persistência. Para Denise, por exemplo, tem sido muito difícil. Ela tem percorrido um caminho bastante árduo e está consciente que ainda precisa de paciência e constância para se manter reconhecida como portadora de tão anelado título: o de devota oficial de NSN, uma guarda da santa.

Atualmente é integrante da guarda de apoio, um grupamento suplementar da GNSN. Passar a guarda de NSN é uma admissão oficial, uma honraria suprema recebida por um devoto comum. Por isso seu empenho em manter-se fiel ao trabalho de servir à NSN e a sua guarda é constante, a fim de retribuir o vultoso gesto de reconhecimento que lhe foi dado.

Denise é uma mulher de pouco mais de 30 anos, o cabelo preto, liso e comprido, seus gestos são contínuos e serenos e inspiram tranquilidade. Sua entrega e vontade de servir são evidentes, não tem necessidade de verbalizá-los, isso já está materializado em cada uma das ações que realiza de forma silenciosa e localizada, em um cantinho pouco visível aos olhos dos que não são guardas. E foi assim que eu a encontrei na igreja Santo Antônio Zacarias<sup>90</sup>, sentada numa cadeira pouco confortável (considerando as cinco horas que fica ali). À sua frente uma mesinha e sobre esta um estetoscópio e uma mala com o símbolo da Guarda, que intuí conter algum tipo de material de saúde. Foram estes objetos que a delataram como uma profissional da área da saúde, porque ela tinha trocado seu casaco branco de enfermagem pela camisa da guarda de apoio, a qual exibia com orgulho.



Figura 13 – Denise Vale dando atenção o Osorio GNSN

---

<sup>90</sup> A igreja Santo Antônio Zacarias, em Belém, serviu de cenário durante quatro meses para o curso de formação dos guardas aspirantes.

A técnica de enfermagem me contou que trabalha como assessora em saúde para o Estado do Pará e para a Secretaria de Saúde do Município de Belém; também já foi coordenadora de uma ONG que oferecia atividades de esporte, saúde, lazer e cultura para as comunidades carentes, atividade que adorava, mas que já não desenvolve mais. Tudo isso me demonstra sua vocação para o trabalho voluntário e para a prestação de serviço à sociedade, o que explica em parte sua escolha em ser GNSN.

Como ela mesma administra sua agenda de trabalho, estabeleceu condições e horários que pudessem não coincidir ou mesmo se contrapor com o serviço prestado à GNSN, ou melhor, à Santa: – *“O tempo que dedico aos guardas é prioritário de tal forma que meus horários nos trabalhos remunerados são programados de acordo com meu compromisso com NSN, ainda que sem receber nenhuma recompensa de caráter econômico”*. Denise afirma que sua atuação naquele lugar e com aquelas pessoas é uma inspiração materna.

– *“Eu nasci em Belém, em uma família católica, sou batizada, crismada<sup>91</sup>. O amor que eu tenho por NSN é desde a maternidade, eu acho. Minha família sempre teve o costume de ver a chegada da Santa durante o Círio.... Quando era pequena, não podia ir à procissão, mas sempre vinha com toda a família assistir à chegada da Santa, à queima dos fogos, e assistia o concerto pela noite, porque naquela época o concerto era música popular. Eu lembro bem que tocava a banda Warilou, Sayonara e outros, por isso eu ficava ansiosa esperando a chegada do Círio, para assistir os artistas”*.

Foi em 1999 que ela iniciou seu curso de técnico em enfermagem, ano em que seu irmão já participava da procissão do Círio como escoteiro.

– *“Eu também queria ser escoteira só para vir na procissão, mas não conseguia. Em 1999 conheci um grupo denominado Socorrista na Ação. Foram eles que me deram um colete [para trabalhar na assistência de saúde do Círio]. Assim eu tive a primeira experiência na procissão, especificamente na retaguarda, muito próximo da berlinda, confesso que: - quase não conseguia atender ninguém, só olhava para imagem”*.

---

<sup>91</sup> Ato de confirmar um sacramento na Igreja Católica, em que o fiel recebe do bispo a unção da crisma através do óleo.



Figura 14 – Desenho de Denise Vale que ilustra posição de seu irmão e dela durante o Círio

E entre soluços e lágrimas ela me explica que a emoção em servir à NSN é muito grande, descrita em termos de semelhança com aquela experimentada na relação com sua mãe, que faleceu há 8 anos.

– “É diferente vê-la passar e ir perto dela. Eu consigo perceber o carinho que ela sente por nós”. E colocando as mãos no peito fala como se confessasse: “É uma emoção que vem da alma, a esperança mesmo do que ela pode fazer por nós”.

Denise é parte de uma família de quinze irmãos, segundo ela, todos muito unidos. A maioria deles católicos, mas somente ela e outro irmão mais novo sempre participaram ativamente na igreja, especialmente do Círio. Mas ela destaca que mesmo os irmãos que pertencem à religião evangélica participam do Círio, continuando com a tradição que herdaram da mãe. O desejo de servir à Santa também se reflete em seu marido, recentemente admitido na GNSN e com quem casou-se em 2013. Eles têm uma filha do coração (adotada) e

estão planejando ter outro filho, para completar a família e, assim, serem um exemplo digno de família cristã: pai, mãe e filhos<sup>92</sup>.

Fazer parte da GNSN, ressalta Denise, é um objetivo que muda as pessoas intimamente, que as influencia a uma mudança radical de comportamento: – *“Antes eu bebia de segunda a segunda, não tinha dia nem hora para beber, eu fazia festa por tudo: um velório, casamento, nascimento, batismo. Tudo era motivo para eu beber, e hoje não, não perco mais meus compromissos”*. Como eu poderia imaginar isso que ela me contou? Para mim ela sempre fora um modelo de profissional responsável. Essa imagem, claro, criei porque constantemente a encontrava arrumando com dedicação sua mesa de trabalho, a receber com um sorriso aos guardas que a procuram por motivos de saúde ou simplesmente para lhes dar palavras de afeto, de amizade, de apreço, vocábulos tão comuns a essa servidora de NSN.

A sua mudança, continua Denise, foi um benefício mais que individual, teve cunho social também, já que toda sua família se favoreceu com sua mudança de comportamento, posto que agora, como referência cristã, é mais carinhosa, mais atenciosa, cuidando de cada um e de todos. Seu esposo também é uma referência de cristandade, carinho e cuidado, porque além de lhe ajudar com as coisas da guarda, organizando, por exemplo, sua farda, ele também é encarregado de conferir os materiais antes e depois de cada jornada de trabalho (as procissões), inclusive sua maleta de saúde. Ela se ilumina num sorriso e completa: – *“Ele adora que eu cuide dos guardas e me elogia muito. É um incentivo para mim”*.

Há mais de 16 anos que Denise participa do Círio, dando apoio de saúde na equipe Retaguarda da Berlinda e em julho de 2015 ela e seu irmão, que mora em Santarém<sup>93</sup>, decidiram procurar a sala da guarda e apresentarem seus intentos de oficializarem seu trabalho como um serviço oficial à NSN, integrando, assim, oficialmente a GNSN. A contra-proposta da diretoria foi lhe fazer a concessão oficial de trabalho no grupo de acolhida dos romeiros<sup>94</sup>, mas a pretensão de Denise era continuar fazendo o mesmo trabalho, porém, lhe sendo reconhecida a patente de guarda da santa. O que não aconteceu naquele momento, sendo

---

<sup>92</sup> O ideal de referência cristã, católica é muito almejado entre os guardas santos; é uma responsabilidade que pesa como obrigação e que deve ser, e é realmente, expressa em todas as suas falas, visto que isso é mais um princípio de reconhecimento da devoção, da filiação que os une.

<sup>93</sup> Município do Estado do Pará, localizado a 710 quilômetros de Belém.

<sup>94</sup> Equipe de voluntários que tem como objetivo receber o romeiro durante o Círio. Esta equipe se concentra na Casa de Plácido e oferece alimentação e inclusive assistência médica aos romeiros que estiverem precisando.

postergado para um futuro próximo: – *“Fique pendente, nós vamos ligar para a senhora”*. E com isso o Coordenador da guarda encerrou a conversa.

Embora não tenha conseguido o desejado, ela voltou aos seus afazeres mais feliz, pelo menos já tinha dado um passo e tinha também conhecido o lugar de reunião dos homens que ela cuidava com tanto esmero durante o Círio: – *“Eu fiquei despreocupada, mas ao mesmo tempo ansiosa”*. No final de agosto do mesmo ano ela recebeu uma ligação do Seu Guilherme. Ele pediu para que comparecesse a uma reunião na sede da GNSN.

– *“Eu larguei tudo e fui. E ali estavam reunidos todos os diretores, que em uníssono me falaram que eu não poderia usar a camisa de guarda porque eu sou mulher e isso ia contra o estatuto e contra 1500 homens. Mas eu poderia ajudar meu irmão, porque ele, sim, ia receber o kit oficial de guarda<sup>95</sup>. E, então, respondi: – Não, tem problema não. Eu vou com a mesma emoção, com o mesmo carinho, com o mesmo amor”*.

Denise imediatamente se disponibilizou para qualquer atendimento que eles precisassem na área da saúde. Vestindo o mesmo colete vermelho de muitos anos atrás os acompanhou em todas e cada uma das procissões que se realizaram durante o mês de setembro. Por esta ação recebeu da diretoria da guarda o símbolo maior da instituição, que estava incorporado num papel adesivo. – *“Imediatamente eu coloquei na minha mochila e continuei meu objetivo”*.

A notícia do ato tão emblemático se espalhou rapidamente. Os diretores se encarregaram de divulgar que no Círio 2015 ia participar a primeira mulher guarda de apoio junto com eles. Denise acredita que tamanha alegria e honra foi fruto de sua doação, de seu amor, de seu respeito e cuidado para com a GNSN: – *“Os espaços não se doam, se conquistam. Aprontei-me, então, para conquistar a confiança dos 1500 guardas de NSN. Porém, eu percebi que os guardas adoraram a ideia e os diretores das procissões pegaram meu número de celular para convidar-me a muitas outras”*.

Em seguida nasceu a ideia de formar a equipe de saúde da GNSN, para atender aos colegas durante as maiores procissões, como a Romaria Rodoviária, a Trasladação e o Círio. E, assim, se reuniram os guardas com o coordenador, Seu Guilherme Azevedo, para realizar este propósito. Organizadas e distribuídas as funções, criaram um grupo no aplicativo de troca de mensagem de celular, o *whatsapp*, com o propósito de adiantar a comunicação no grupo,

---

<sup>95</sup> A GNSN é uma instituição eminentemente masculina, possuindo os mesmos preceitos que a Igreja Católica para escolha de seus sacerdotes e de seus emblemas, não sendo qualquer um ou uma mulher a empunhá-los.



além de comunicar a todos sobre as atividades que estavam sendo realizadas. A equipe de saúde durante as procissões se dissipa e integra todas as outras equipes, incluindo as estações da corda, a fim de poder atender a todo o corpo de homens ali trabalhando.

Já nas portas do Círio de 2015 Denise diz que vivenciou uma grande emoção, e que esta imagem jamais vai esquecer. Foi durante a realização da última reunião da GNSN, com o objetivo único de entregar o material a ser usado nas diferentes procissões; Seu Guilherme entrou na sala da guarda segurando os kits de cada um, e entregou-os aos seus devidos donos. Ele então caminhou até ela e sorrindo também lhe entregou o seu: – *“Você é a primeira mulher guarda de apoio na procissão do Círio”*. E enquanto imagino a cena, Denise pronuncia entre vívidas lembranças: *“Valorizo tanto este presente que inclusive mantenho o saco [que trazia os itens do kit] até esta data”*.

Vale destacar também que ela, apesar de sua categoria de guarda de apoio (GA), é a pessoa da equipe de saúde com maior presença nas atividades da guarda. Justamente por sua constância na sede da instituição, por nossos reiterados encontros, que ela acabou sendo uma de minhas interlocutoras, além do fato de ser reconhecida por seus colegas e pelos guardas em geral como a chefe, é dizer a responsável pela equipe da saúde, embora não oficialmente.

Todos os domingos nos horários da missa da Basílica ela dá assistência aos guardas, assim como o faz nas quartas-feiras durante a adoração, nas procissões, nas romarias, na Trasladação, no Círio, onde quer que a GNSN esteja ela também está, com sua maleta de primeiros socorros e uma vontade de servir à NSN. No entanto, o verdadeiro desejo de Denise ainda lateja forte dentro dela, em seus gestos, em suas palavras: – *“Eu gostaria de fazer a coleta e participar mais na missa, mas esta é uma atividade que só os guardas de Nossa Senhora de Nazaré podem realizar, porém eu tenho muita vontade de participar. Nas procissões eu já contribuo muito, mas eu acho que posso contribuir muito mais”*. E quando ela fala “contribuir” entende-se muito bem que isso significa: atuar naqueles espaços que lhe estão limitados pela sua identidade de gênero, sua existência como mulher.

### ***2.3. De Estivador a Guarda Santo***

Acima do desejo e da vontade de cada integrante da GNSN estão os valores cristãos, os dogmas católicos e o regulamento daquela instituição, resignando-os a respeito de seus lugares e compromissos. Exatamente por isso a constância na participação das atividades da

Basílica e a disponibilidade para o serviço de proteção e cuidado com a Santa são medidas de valor, utilizadas pelas autoridades da Basílica e pela diretoria da GNSN para dar o reconhecimento aos servidores de NSN, funcionando esse reconhecimento como um referente de prestígio.

Conscientes disso, os guardas dão prioridade às atividades religiosas e a estabelecem como um estilo de vida. Quando eles consideram que ainda põem à frente do serviço à Santa seus compromissos com a família e com o trabalho; ou se além das atividades na igreja ainda mantêm a vontade de curtir o tempo que lhes sobra após o término dos afazeres diários rezam e pedem ajuda em oração a NSN, pois ela deve ser a prioridade em suas vidas, não há outras escolhas a serem feitas para quem a ama, a serve e foi escolhido para ser seu filho.

Seu Icoaraci, guarda desde 1998, me conta que ele nunca se disponibilizava a participar de forma absoluta das atividades do Círio. Sempre colocava o trabalho acima delas, porque pensava no dinheiro, na provisão das necessidades da família. Mas um dia resolveu conversar com a Santa, confessar-lhe seus motivos e pedir sua ajuda para encarar seus compromissos com ela. Nesse momento tudo mudou, ele lembra:

*- “Eu com mais de 10 anos de guarda nunca quis participar da romaria para Ananindeua<sup>96</sup>, eu preferia trabalhar no porto. Em 2011 eu falei pra minha mulher que tinha decidido participar mais no Círio, que por isso não ia trabalhar na sexta- feira. Ela ficou aflita, porque pensou que não íamos ter dinheiro para comprar nossas coisinhas para o almoço do Círio, mas eu já tinha conversado com NSN. E aconteceu que na quinta-feira eu ganhei o suficiente para prover todo o necessário para minha família e vim na sexta, sábado e domingo trabalhar para Nossa Senhora. Você não precisa se preocupar, só tem que combinar com ela. Por isso de lá para cá nunca mais eu quis ficar fora, sempre participei”. Nada mais impede de trabalhar para Nossa Senhora.*

Seu Icoaraci é morador do Jurunas, veio do Maranhão. Chegou com a família em Belém em 1979, quando tinha apenas 13 anos de idade. Apesar de ser muito novo e do sofrimento, lembra que saiu do interior com alguns sonhos:

*- “Eu queria estudar, trabalhar, crescer. Mas o início e, sobretudo numa cidade grande, as dificuldades são as primeiras a dar as boas-vindas. Morávamos 10 pessoas num quarto de 4 m<sup>2</sup>, pequeno para todos nós. Pela noite dormíamos uns em colchões no chão e outros acima em redes. Encontrar trabalho foi difícil. Mas eu fui o primeiro que arranjei. Fui*

---

<sup>96</sup> Romaria para Ananindeua se realiza na sexta-feira antes da procissão do Círio.

*trabalhar na feira, vendia verduras e o meu pai trabalhava como carpinteiro. Saí da feira e fui trabalhar no comércio, passei por várias lojas. Não consegui conciliar trabalho e estudo, queria sair, comprar sapatos, roupa nova, enfim tanta coisa”.*

Com uma tristeza refletida no rosto, Seu Icoaraci desabafa que se tivesse continuado os estudos como queria, seria um grande engenheiro hoje, mas, devido às circunstâncias do caminho, só acabou o ensino fundamental e por seu próprio empenho aprendeu carpintaria, marcenaria e soldagem. As dificuldades que tem enfrentado desde que chegou no Pará são muitas, mas sempre se mostra como um homem forte, otimista e corajoso: se casou quando estava desempregado; para satisfazer as necessidades da sua família foi trabalhar no porto de Belém, comprando e revendendo açaí. Trabalhar como estivador no porto de São Benedito é, diz ele, um trabalho muito árduo, é: – *“um trabalho que precisa de força. Se tivesse que contabilizar eu acho que ando uma faixa de 200 quilômetros por dia, puxando um carrinho de mão com um peso de até 1200 quilos”.*

Duas décadas de trabalho pesado no porto lhe deixaram muitas marcas. Seu caráter foi fortalecido e suas mãos foi se modificando: o músculo localizado entre os dedos polegar e indicador se desenvolveu tanto que não há como passar despercebido. A força que lhe move diariamente pode ser sentida cada vez que ele estreita sua mão, pois faz isso como se estivesse pronto para enfrentar os mais de 1000 quilos de peso cotidianamente puxados. A pele dos dedos é tão áspera que mais parece que toco uma pedra bruta quando o cumprimento. Características que, segundo ele, são necessárias para realizar o trabalho digno de atrelamento da corda ao núcleo da Berlinda, durante o Círio: – *“Se eu não tivesse estas mãos assim, eu não conseguiria fazer, é um negócio muito complicado”.* E assim Seu Icoaraci justifica como seu trabalho, o caminho que a vida o levou a seguir, na verdade, o tornou digno para tão vultosa função na guarda de Nossa Senhora de Nazaré.



Figura 15 – Seu Icoaraci Castro revisando a corda dias antes do Giro 2016

A jovialidade deste homem é contagiosa, apesar de seus 51 anos de idade e seus muitos padecimentos. Sua postura é sempre de agradecimento e encanto pela vida, um felizardo, sortilégio comprovado pela consideração que os colegas lhe dispensam, saudando-o efusivamente sempre que adentram a sede da GNSN, demonstrando afeto e admiração. É um afortunado, como ele mesmo se considera, pela infinidade de bênçãos conquistadas, retribuídas sempre com uma ação que leva em conta sua devoção por NSN, através de promessas que tem prazer em realizar; como quando sofreu um acidente numa das pernas, ficou curado e sem sequelas, e por conta disso foi levar água aos promesseiros da corda.

As bênçãos recebidas também se estendem à sua família: seu filho mais novo nasceu aos seis meses de gestação, sofrendo de paralisia cerebral e muitas doenças nos primeiros tempos de vida. Para cada uma das dificuldades que passava ele procurava com fé a misericórdia de NSN, encontrando constantemente nos momentos de maior aflição a graça dela. Em decorrência de tantas atribulações, Seu Icoaraci afirma ter contraído uma dívida eterna com NSN. Por essa razão estar ao seu serviço é uma forma de pagar, em parte, o que ela tem feito por ele e por seus entes queridos – a retribuição da dádiva.

Foi isso que fez com que ele começasse a procurar como servir à Santa de forma mais comprometida, decidindo, portanto, ficar junto daqueles homens devotos que a serviam de maneira tão diligente.

– *“Formei-me como guarda no ano 1999, nossa turma era composta por uns 60 homens, fomos os primeiros a receber o curso de formação, e a partir daí me entreguei ao serviço da Santa. Depois de mais de 15 anos eu adquiri uma relação quase de dependência*

*da Santa. Eu já não me concebo ver sem a farda, e esta camisa, este manto, este negócio é meu. Não consigo entrar na igreja sem essa farda. Imagine o poder que tem ela [ a Santa]: a casa de uns dos colegas pegou fogo e só se salvou o armário onde ele guardava a roupa. A farda dele estava lá inteirinha. Exemplos como esse têm muitos. Houve uma situação no ano de 2013. Nós viemos [da romaria] duas horas adiantado de horário e a diretoria falava que íamos chegar às 18h em Ananindeua, entregar a imagem peregrina aos guardas da igreja das Graças, para nós descansar para estar pronto para as próximas romarias. Então eu disse assim: - Vocês conversaram com ela, com a dona da romaria, se ela quer chegar de dia? Porque que eu lembre, ela nunca chegou de dia. Se vocês não conversaram não adianta, ela só vai querer chegar à noite”.*

Desprende-se deste trecho de conversa que para Seu Icoaraci e para os outros guardas que a Santa tem um poder enorme sobre eles, sobre cada escaninho de suas vidas, sendo por isso uma força maior que a da instituição a que pertencem, maior do que a da igreja que lhes dá acolhida, maior que os desejos e sentimentos individuais ou do grupo. As regras e as vontades de NSN se sobrepõem a todas as outras, seu poder é maior, soberano. E eles se apresentam como signatários dela e por isso, exatamente por isso, ela, de fato, existe.

Ele conta que nesta romaria de Ananindeua, que estavam fora do horário habitual, a imagem da Santa pareceu quebrar-se no caminho. Foi um alvoroço e emoção geral: – *“Todos nos ajoelhamos, nos abraçamos e fizemos a proteção. Foi quando eu disse para eles: – Eu não falei para vocês que ela não ia chegar cedo?!”*. E por duas horas a procissão gigantesca ficou parada esperando que os batedores da polícia rodoviária voltassem da Basílica de Nazaré, no carro oficial do Círio, com a segunda imagem, a substituta da peregrina, que é chamada de prima. Tempos depois, quando o restaurador revisou a imagem descobriu que a imagem não estava quebrada, era só um parafuso frouxo. Tal situação para ele e os outros guardas é bem clara: – *“Ela não queria chegar de dia, todos os anos na romaria para Ananindeua nós devemos pegar o sol, a chuva e chegar à noite”*. Ou seja, a Santa tem suas vontades, segue uma tradição, e não quer que elas deixem de ser seguidas sem que lhe consultem.

Enquanto ele me descrevia cada uma de suas experiências, enfatizando o poder da Santa, sua fala é constantemente interrompida por soluções. No início das conversas fazia um grande esforço, como querendo ocultar os sentimentos que emergiam, mas, pouco a pouco, ganhou confiança ou não conseguiu esconder suas emoções e foi quando suas lágrimas irromperam incontrolavelmente. Quem pensaria que aquele homem forte, talvez até rude,

poderia comover-se de tal forma e sucumbiria com humildade e convicção ao poder da Santa de Nazaré, por isso lhe entregando com plena confiança sua vida e a de sua família, e em agradecimento dedicaria seu tempo ajudando aos fiéis e servindo a ela da única forma que ele estava acostumado: usando sua força física quase brutal? Mas é assim mesmo que Seu Icoaraci é: um devoto incomensurável e convicto!

## **2.4. Um Guarda com Muito Zêlo**

Quando os homens ingressam na GNSN, sabem que tem que servir de forma voluntária à Santa, mas não sabem especificamente de que forma. Inicialmente os guardas se voltam ao serviço na igreja, colaborando nas missas celebradas na Basílica de Nazaré e no decorrer do tempo, com a interação com outros colegas, vão aprendendo a servi-la de forma mais especializada.

Isso foi o que aconteceu com vários guardas e também com Zé Maria, guarda que tem servido à NSN por mais de oito anos, de formas e em espaços diferentes. – *“Desde que ingressei à Guarda tive muita presença na Basílica. Como uma forma de preencher o tempo que eu tinha ocioso e para alimentar-me espiritualmente”*. Frequentar a Basílica favoreceu para que ele fosse identificado pelos membros da diretoria, e um ano depois, no Círio 2010, foi selecionado para ser parte da equipe da Berlinda, uma das maiores pretensões de qualquer guarda de Nazaré.

Depois de receber o que ele denominou de presente, sua entrega às atividades da Basílica foi ainda maior e por isso foi chamado pelos membros da equipe de Atrelamento, nessa época denominada de equipe tática. Ele se sentiu muito honrado e por isso procurou a melhor forma para trabalhar direitinho. – *“Comecei a especializar-me em corda e aprendi a fazer laço carioca, nó paulista, de força. Eu aprendi por minha iniciativa, ficava observando os bombeiros, assistia vídeos, perguntava, enfim, aprendi tudo relacionado com corda”*.

E novamente a coordenação viu nele um homem devoto, com a disponibilidade para servir, e por isso o guarda ideal para ser diretor da E3, além de também poder assumir outras funções dignas de alguém que age com esmero e amor à NSN: – *“Outra vez me senti muito honrado quando fui selecionado. Mas as distinções não acabaram, um pouquinho depois fui*

*convidado para ser diretor do Conselho Fiscal. Oba! Eu nem sabia qual era minha função, nem sabia o que tinha que fazer, mas aceitei, e agora, nesta administração também me convidaram para ser o diretor de patrimônio.*

Isso tudo começou em 2007, quando Zé Maria assistia o Círio pela televisão: – “Vi muitos caras de branco sofrendo. – *Que esses caras fazem?* – *Me perguntei. Vou procurar que é esse movimento aí. Encontrei o Flávio..., um colega que é guarda, e ele foi que me disse: – Até hoje eu não tenho nenhum afiliado, eu vou ser teu padrinho.*

Zé Maria foi uns dos primeiros guardas a quem eu cumprimentei quando comecei a pesquisa. Ele me inspirou confiança e respeito. Tem cerca de 48 de idade. Observei que quando conversava com seus colegas tinha uma postura atenciosa, sorria o tempo todo deixando seu interlocutor à vontade. Justamente por causa disso para mim foi difícil ter um diálogo com ele: os outros guardas estavam sempre a solicitá-lo e se estava aparentemente livre logo arranjava uma tarefa para se entreter, posto que repetia reiteradamente que sua vida é o trabalho. – “*Eu trabalho desde criança. Aos meus seis anos fui bombozeiro, depois fui cavador de tumbas, lavador de carros, aos 17 anos trabalhei como office boy em vários escritórios. Nunca parei de estudar, mas como tinha pouco tempo nunca conseguia concluir meus estudos*”.



Figura 16 – Seu Zé Maria, Diretor de Patrimônio da GNSN - 2016

Sua vida começou a melhorar quando conseguiu um trabalho como agente de viagem. Nessa época terminou o ensino médio, fez um curso de inglês e em pouco tempo se formou como técnico em edificações. E com seus recursos comprou uma casa no Marco, onde mora

até hoje. Ele conta que antes de entrar na guarda estava economicamente bem, mas sua situação financeira foi se deteriorando gradualmente. – *“Eu percebi que eu tinha feito algumas coisas erradas no trabalho, por isso tive problemas com colegas em diferentes empregos e hoje eu estou desempregado. Agora eu não posso ser omissos, tenho que fazer as coisas direitinho”*.

Sua mudança nos valores morais provocou um decréscimo no aspecto econômico, enquanto sua espiritualidade se fortalecia. Mas as dificuldades econômicas se refletiam e ainda se refletem dentro de casa e, embora não passe fome, vive com muitas limitações. Ele associa o fato de sua situação financeira não ter piorado ainda mais diretamente com o seu envolvimento nas atividades religiosas: – *“Quando fui convocado para ser supervisor tive que vender a moto e quando me convidam para ser diretor do conselho fiscal fiquei totalmente desempregado. Mas eu nunca perdi a esperança e sempre lembro que eu vim aqui pelo amor. Eu acho que NSN quer ver se eu tenho realmente amor por ela. Quanto mais próxima ela está de mim mais longe eu estou economicamente [de ter uma vida com muitos recursos]”*.

Zé Maria explica com resignação que seu ponto de apoio é Nossa Senhora de Nazaré, mas não gosta de tocar a imagem. E quando o faz é porque realmente tem a necessidade de pegar nela: – *“Nesse momento eu fico bem, sabe. Ela tem um negócio de carregar a energia da gente. Se estiver cansado ela tira o cansaço da gente e fico bem, mas, em compensação, ela pede alguma coisa, como para provar se sou digno ou é só para aparecer na foto”*.

Essa declaração faz pensar que a relação com a Santa é uma relação de troca<sup>97</sup>, como a já vista na fala de Seu Icoaraci: receber uma bênção ou a simples oportunidade de se aproximar dela ou de tocá-la é um presente máximo, que pode e deve ser pago com outro a altura, porém, nunca maior, até porque um homem nunca poderá retribuir a uma divindade a dádiva que ela lhe concede. Para cada dádiva santa há um preço, ao que parece. A exigência cobrada por ter a presença de NSN em sua vida é alta, requer abstenções e renúncias, o que explica as privações e o sofrimento, além do trabalho, como provação de amor e fidelidade. A pouca estabilidade material e o bem-estar espiritual que Seu Zé Maria experimenta é o pagamento pela especialidade do trabalho que presta à Santa na GNSN. Se ele desejar mais

---

<sup>97</sup> Isso muito me lembra o sistema de prestações e contraprestações de Marcel Mauss (2003). O ato de receber determinado bem tem sempre inclusa a contrapartida da obrigação de retribuí-lo sob pena de sofrer alguma sanção. Quem recebe presentes precisa retribuí-los, pois aquele que dá sempre espera o retorno. Os presentes retribuídos devem ser semelhantes aos presentes recebidos ou ainda melhor, posto que eles são indicadores de poder e valor social. Receber e não retribuir um presente além de representar perda de poder também implica em aliança desfeita. Aquele que tem medo de retribuir um presente, ou não “está preparado”, não quer ter que prestar contas, ou ser “privado” de algo para pagar o que ganhou.



que isso, se quiser tocá-la, por exemplo, terá que empenhar novo sacrifício, nova renúncia. Compensar ou retribuir este presente, portanto, é vivenciar nova provação.

A esse respeito Seu José Maria diz que ainda não pegou a imagem original porque acha que não está bem preparado espiritualmente. – *“Não me considero um homem muito devoto. As pessoas quando tocam a imagem não pensam nas consequências, só querem aparecer, mas para mim, para tocar a imagem tem que estar preparado, deve ser uma pessoa muito fervorosa. A primeira vez que meu amigo pegou na imagem original para a descida ele perdeu o emprego. Mas devo esclarecer não é que ela seja maldosa”*. Não, completo eu, não é maldade, é um sistema de troca: se tem fé, e está apto a vivenciar as compensações da dádiva recebida, ou seja, retribuir como deve, como a Santa deseja, algo bom acontece, se não, algo se *“desarranja na vida”*, como me explica Seu Zé Maria. Ou seja: quem ganha mais (proximidade, bênçãos) é quem pede mais, quem faz mais e quem trabalha mais. Nesse sistema aquele que dá mais (de si) ganha mais: poder, prestígio, valor.

Seu Zé Maria já participou de várias equipes, iniciou na retaguarda, depois formou parte de equipe da Berlinda e há três anos que integra a Estação 3. Cada vez, segundo acredita, tem se distanciado da Santa. No Círio não a vê, só quando ela entra na praça santuário, mas é de longe, mesmo assim recebe sua dádiva: sua fadiga imediatamente se desvanece. Em retribuição ele trabalha tranquilamente para ela, mas trabalha, cumpre seu dever de guarda.

Seu José Maria me comenta que já não presta serviço como guarda na Basílica, ele prefere ir à igreja Santo Antônio Maria Zacarias. – *“Lá não tem glamour, as pessoas que se querem promover não vão para lá. Lá temos que carregar deficientes, velhinhos, é mais trabalho, mas quando se está comprometido nada é complicado”*. Sua devoção também é fortalecida rezando pela manhã e pela noite o terço da Misericórdia com sua esposa.

Ao que parece este guarda, de alguma forma, entende bem como funciona o índice de prestígio e de poder que perpassa as ações dos guardas da Basílica; por isso desempenha suas ações em outro espaço, longe das vistas das autoridades que medem a devoção de um e outro trabalhador. Suponho que já chegou à posição que queria chegar ou que tem plena consciência das implicações/provações que terá ao almejar se aproximar mais da Santa. Além disso, Seu Zé Maria toma NSN não somente como uma fonte de poder, mas também a imagina como intercessora: ela estabelece a ligação com Jesus, seu filho. E me explica isso:

- Vou te contar uma piada que um padre contou para mim. Uma vez Jesus vinha passando pela porta do céu e São Pedro falou: - Sabe que eu sou o que tenho a chave de céu, mas eu nunca entrei. Eu quero conhecê-lo. Jesus respondeu: - Tá bom, eu vou ficar aqui na portaria um pouquinho e você pode ir. São Pedro foi, entrou, olhou e voltou. Jesus perguntou: - Que você achou? - Eu achei muito bonito, coisas incríveis, só que tenho uma reclamação que fazer ao Senhor. Jesus falou: - Diga meu filho. São Pedro diz: - Tem muita gente lá que não passou aqui pela portaria. Jesus respondeu: - Ah foi? Não diga! Essas são coisas de mãe.

E com essa estorinha e muita graça Seu Zé Maria descreveu-me como ele percebe NSN, e como se percebe a relação entre eles embora seja de troca, não deixa de ser também de mãe e filho. – *“Eu não me concebo sem Nossa Senhora, ela já está dentro de mim, já cicatrizou em mim”*.<sup>98</sup>

Isso me falava enquanto caminhávamos ao lugar onde passa muitas horas de seu tempo arrumando, consertando, ou contando cada objeto pertencente à Santa. Depois de atravessar cinco portas de ferro, todas seguras com cadeados, fomos descendo pelo menos três ou quatro degraus. A curiosidade me embargava. Por fim chegamos ao que eu pensei ser as entranhas da Basílica. Sobre nós o altar maior e a homilia do padre que nesta noite ali celebrava. Eu tudo fotografava o mais rápido possível para depois apreciar com tranquilidade os detalhes; enquanto isso Seu Zé Maria me comentava quantas cadeiras, cordas, ferramentas e outras tantas outras coisas são usadas durante o Círio.

– *“Eu não queria ser diretor de patrimônio, mas quando me explicaram que era o patrimônio de Nossa Senhora e não especificamente da guarda, eu pensei: - Tenho que cuidar muito bem disso. Agora eu guardo com muito zelo porque são as coisas dela. E como sabe tudo o que eu faço não é pelo Guilherme [atual coordenador da guarda], é por ela. Quando me chamaram para ser diretor, eu pensei: - É cansativo, mas não posso dizer não. Eu penso que é ela que me está pedindo e me fala assim: - Meu filho venha aqui, fica aqui comigo, só enquanto não consigo outra pessoa. Pode ser que não seja assim, mas é minha visão.*

Depois, apreciando as fotografias que tirei rapidamente, porque não tínhamos muito tempo para que eu ficasse à vontade observando, pois ali é um espaço restrito aos diretores e,

---

<sup>98</sup> O termo “cicatrizou” novamente parece uma referência às privações, sofrimentos que a santa impinge aos seus devotos.

obviamente, às autoridades da Basílica, me dou conta que o espaço que alberga o patrimônio de NSN, além de ser um espaço seguro é muito amplo, com paredes de pedra e tijolo que refletem o passo dos anos. O espaço está dividido em vários compartimentos separados unicamente por grandes arcos, ancorados em grossas colunas que servem também para sustentar o teto abobadado. As paredes estão escuras, tudo parece tão antigo, com exceção dos objetos de uso da Santa. Em contraste com o ambiente soturno esses objetos têm um brilho único, são extremamente limpos e estão muito bem organizados, de forma que nem o cheiro da velhice eu pude ali perceber. Resplandece no lugar o cuidado e o amor de Seu Zé Maria no zelo das coisinhas de NSN.



Figura 17 – Vista parcial do interior da Basílica NSN, lugar onde guardam parte do patrimônio de NSN



Figura 18 – Outro ângulo do interior da Basílica NSN, lugar onde guardam parte do patrimônio de NSN

O amor e a devoção desse guarda nasceram da necessidade de cultivar seu espírito, sua religiosidade, o que o fez começar pela busca por uma participação cada vez mais ativa na

Igreja Católica. Em nenhum momento sua devoção foi alimentada em seu lar, ao contrário, diz ele, foi sua determinação que acordou em sua mãe o sentimento de amor e respeito por Nossa Senhora. Isso demonstra que não é somente por herança familiar ou circunstâncias penosas da vida que fazem um homem procurar sua ligação com o Divino, o Sagrado, mas também por razões outras, mais íntimas, sentimento ou necessidade de transcender a realidade, sublimá-la quem sabe, ou descobrir que o que se é ou o que se vive é um empréstimo modesto de algo bem maior.

## **2.5. O orgulho de ser um Guarda de NSN**

O caso de Seu José Maria é quase que exceção entre os que já relatei, pois muitos guardas são formados desde criança. Todos os que aqui trago o relato me falaram isso, inclusive Marcelo, um rapazote que recentemente tem integrado o corpo da GNSN. Ele fez questão de também me contar a influência de seus pais em sua devoção. Enquanto me falava manteve-se erguido, envolto em um ar de orgulho pelo fato de ser um guarda, tamanha a satisfação de pertencer a uma família católica, de ser filho de um homem que é integrante da GNSN há 24 anos. A guarda, neste caso, é negócio de família, tradição e amizade de pai e filho mediadas pela presença e ação na igreja e pelo amor à Nossa Senhora. – *“Desde criança tive um tratamento para aprender como são as coisas na igreja, o comportamento, o que é o Círio, a simbologia, tudo isso. A minha fé começou desde pequeno, mas aos 18 anos foi necessário fazer um curso para tornar-me guarda”*.

Fala isso como se este ato fosse a coroação de sua educação religiosa e de sua fé. Em seguida enfatiza: *“Eu tinha opção de participar ou não, porque meus pais nunca me obrigaram nada, eu que quis. Nunca fui obrigado a ir à missa, se eu não quisesse ir não ia. Mas claro que isso é parte da minha consciência. Não existe obrigação, é a vontade de ir”*.

Com 21 anos de idade ele tem participado muito nas atividades da igreja. Iniciou sua peregrinação aos 12 anos como Guarda Mirim<sup>99</sup>, quando começou a desejar veementemente seguir os passos de devoto oficial de seu pai, o que somente ocorreu aos 18 anos. Ele faz

---

<sup>99</sup> Movimento orientado para os jovens que frequentam a Basílica de Nazaré. Sua função é a formação espiritual de jovens na faixa etária de 8 a 17 anos, por meio da reza do terço, da leitura da bíblia, da participação nas missas e do conhecimento da liturgia.

questão de quantificar sua participação na igreja pelas contas de anos de trabalho doados e serviço da Santa: nove anos no Círio, cinco anos de Guarda Mirim e quatro anos como GNSN. De todo este tempo o mais importante foi o que atuou junto a seu pai, em 2015. Ele lembra que na sexta-feira anterior à Trasladação participou da romaria para Ananindeua, em 12 desgastantes horas de procissão, embora no momento nada sentisse por conta da emoção. Não estava preocupado se tinha perdido a unha de pé, se estava machucado, sua única preocupação era servir. – *“E não é que eu seja um super-homem, não. É que eu não senti dor mesmo. O que se passa é que a fé é maior. A dor é só depois, quando acaba tudo”*.

Marcelo me relata como grandes proezas as atividades que já fez durante o Círio, desde levantar os fios com uma vara para não atrapalhar o passo da Berlinda, até abrir espaço entre a multidão para que uma autoridade da Basílica ingressasse ao centro da procissão. Ele argumenta que não tem preferência em fazer uma atividade em particular, mas que faz o que a diretoria indica, porque está ali para servir.

Cada conversa que mantínhamos era uma narração de grandes histórias de sua atuação na GNSN, cada uma delas lhe enche de amor-próprio. *“Já acompanhei a imagem peregrina ao Rio de Janeiro, também fui com ela a Breves<sup>100</sup>. Foram viagens únicas. O dinheiro pode pagar uma viagem de helicóptero, mas não pode pagar uma viagem junto com a imagem de NSN”*. E com estas palavras Marcelo me comprova novamente o que já venho há muito desconfiada: que a devoção é também resultado do orgulho, mas também das interações com a alta administração da guarda e da igreja. Quanto mais devocional o indivíduo se mostra mais prestígio ele consegue; e quanto melhores relações estabelece (ou padrinhos tem), melhores posições ocupa e funções desempenham. Assim, fica claro aqui que a satisfação em realizar atividades tão louváveis e almejadas por tantos outros guardas não é somente resultado de fé, amor, cuidado e devoção por NSN, ao contrário, é uma necessidade de reconhecimento no grupo que participa.

Desses fatos tão gloriosos mostrou-me ele vídeos e fotos, algumas revelavam uma paisagem natural encantadora e outras manifestações de fé, imagens que com muita perícia captou. De súbito se deteve numa foto e começou a contar: *“Foi uma viagem muito gratificante, foi uma emoção diferente. Quando bati a foto, o lugar me fez lembrar a música da Ave Maria. Este momento foi meu, e foi único, não posso esquecê-lo, pois não é qualquer um que tem essa oportunidade”*.

---

<sup>100</sup> Município brasileiro do estado do Pará, localizado no norte brasileiro ao sudoeste na Ilha de Marajó.

Marcelo é solteiro, mora com seus pais e uma irmã. Ele é advogado e trabalha como auxiliar do Desembargador<sup>101</sup> no Tribunal de Justiça do Estado do Pará, também cursa outra graduação. Mas mesmo assim não deixa de ir à sede da guarda, onde se reúne com os outros guardas. – *Às vezes não temos nada para fazer, absolutamente nada. Ficamos conversando, batendo papo. A gente vem por gostar do ambiente, do que todos compartilhamos: a devoção por Maria. Todos nós amamos Nossa Senhora e cada um tem sua forma de demonstrar*”.



Figura 19 - GNSN batendo papo

Para Marcelo o ingresso e permanência na GNSN são determinados pelo amor que tem pela Santa: “*Se não tem amor a ela não dá certo. Pode ficar aqui [como guarda] um, dois, três anos, mas em determinado momento vai sair*”. Ele afirma que para ser guarda não é preciso um conhecimento específico ou uma habilidade em particular, a única coisa que se requer é o amor por Maria, porque quando se está ali a habilidade que precisam para servi-la é dada pela convivência. Ou seja, é na interação social que se aprende a ser guarda, é através da socialização que se forja um devoto oficial, assim como se forja seu reconhecimento, seu prestígio e seu poder.

E como os outros, Marcelo também faz sua confissão de mudança íntima:

– *Mudei minha mentalidade, minha forma de agir. Por exemplo, eu tinha muitas reclamações para com Deus. Quando as coisas não saíam como eu queria eu ficava revoltado. E uma forma de mudar esse comportamento foi rezando. Portanto, eu tenho como meta fazer pelo menos um terço diariamente, usando aqueles momentos em que minha mente está desocupada, como quando vou para o trabalho, ou quando tenho tempo ocioso. Rezar é uma boa ação para preencher esses tempos.*

<sup>101</sup> Segundo Marcelo, o Desembargador é um juiz de segundo grau, que tem como função julgar recursos processuais e os atos das autoridades, como governador do Estado, prefeitos e deputados.

E novamente demonstra que se sente muito orgulhoso em participar daquele grupo, que tanto tem ares de instituição como de irmandade; daquele serviço que tanto demonstra dispêndio de tempo, cobra renúncias e tem provações, como também revela ter uma aura sobre-humana, sublime e transcendental. – *“Um dos contatos que eu tive com a imagem de NSN, e que eu lembro muito bem foi em 2014, no momento da descida. Eu estava lá pertinho e por isso tive a oportunidade de tocar nela um momentinho. Foram muitas emoções no mesmo instante, o tempo parou, minha pele se arrepiou, chorei, não podia controlar minhas emoções”*.

Assim como na conversa com Marcelo e na de outros interlocutores, eu pude perceber a grande devoção que os Guardas têm por NSN, demonstrada de diversas formas, pondo-se ao serviço dela o que cada um tem, como tempo, força física, conhecimento e/ou habilidades. Todos estão na GNSN com a finalidade de servir. Sendo a devoção produto da tradição familiar, ou gerada a partir do alcance de alguma graça, o que todos de forma clara expressam é que não imaginam suas vidas afastadas do amor da Senhora de Nazaré, ou fora da Guarda, porque na convivência eles também fortalecem o amor por NSN.

Experiências como estas e outras vivenciadas pelos guardas, umas de caráter obrigatório e outras por merecimento, vão ser aprofundadas no capítulo seguinte. Para explicar de que forma estas vivências-rituais, ritos ou celebrações acontecem, como são experimentadas pelos guardas, terei que me debruçar sobre as formas de influência e sobre a ação de uns sobre os outros, como requer Simmel (1983). Além dessa proposta pretende-se discutir a ação desses indivíduos como produtos das relações sociais e efeito da interiorização dos valores, das normas e dos princípios da GNSN, que são asseguradas para a sua reprodução e para que se reengendrem (Ortiz 1983).

## ***CAPÍTULO III***

### *Formando e Forjando o Guarda Santo*

O que se pretende aqui é discutir e analisar a formação dos guardas de NSN, ou melhor dizendo, apresentar como está estruturado esse grupamento e como seus membros são forjados através das interações sociais, da sociabilidade, a partir das relações criadas pelo serviço de devoção à Nossa Senhora de Nazaré.

Os guardas santos são considerados a segunda maior guarda católica do mundo, sendo apenas menor que a guarda do Vaticano. É uma instituição, pois possui uma estrutura social relativamente permanente, marcada por padrões de comportamentos e delimitada por normas e valores específicos, além de ter claramente definida sua finalidade, o trabalho de proteção à Santa e aos seus devotos. Explica Simmel (1983: 91), ao referir-se a esse tipo de grupamento grande de pessoas, que ele somente pode se constituir como uma unidade a partir da existência de uma complexa divisão interna do trabalho. E isto não acontece apenas em razão de uma prática econômica, mas também do fato de que esse tipo de divisão das atividades sociais é capaz de produzir uma “interpenetração” e uma “interdependência” entre os elementos de um grupo e de causar uma conexão que extrapola a relação direta que previamente estabeleceram.

A GNSN tem uma estrutura eminentemente hierárquica, em vista que as decisões sobre ela são feitas pelo Reitor da Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré<sup>102</sup>, que exerce também a função de seu Presidente, o que acaba por lhe instituir como uma entidade de caráter religioso. O Reitor tem o poder de nomear e destituir qualquer membro da diretoria, quando for apropriado ou de seu entendimento. É ele quem designa o guarda que irá coordenar o grupamento e que, juntamente com este Coordenador, convocará os membros para compor as diretorias (RGI 2016).

O Presidente tem muito poder e de nenhuma forma é uma figura representativa, pois tem a missão de resolver assuntos omissos no Regimento Interno, assim como tem ele “toda a

---

<sup>102</sup> No mesmo nível da GNSN existem outras instituições dentro da estrutura da Igreja (ver anexo), todas igualmente comandadas pelo Reitor.



potestade de aplicar a seu critério, a membro da Guarda de Nazaré, depois de garantido contraditório e ampla defesa, qualquer das punições previstas no art. 35<sup>103</sup> e incisos deste Regimento, considerando a gravidade do ato praticado, independentemente de qualquer parecer de comissão disciplinar ou da diretoria da Guarda de Nazaré” (Cap. III do RIG 2016). Assim, quem assume esta função tem autoridade máxima e necessária para a preservação da ordem hierárquica que os originou. Desta pessoa brotam as normas, os valores, os conselhos e as punições.

Para além da hierarquia da Basílica, a GNSN é uma irmandade ou confraternidade de homens laicos, devido à forma e ao conteúdo das interações sociais entre seus membros, baseadas nas regras, devoção e vivências no Catolicismo, que os faz estabelecer relações afetuosas, de confiança e de intimidade. Porém, do ponto de vista institucional ela se estrutura em vários subgrupos, com divisão de funções, linhas de autoridade e responsabilidades diversas e com canais de comunicação específicos, demonstrando, dessa forma, a relação existente entre as diversas diretorias ou níveis de mando. O organograma (figura abaixo), onde isso está disposto, apresenta uma rigidez estrutural. Porém, na prática, essa rigidez é flexionada pelas relações de confraternidade e pelas situações inusitadas do cotidiano, de forma que o definido como rígido em outro momento pode se tornar flexível ou vice-versa.

---

<sup>103</sup> **Art. XXXV** - Serão considerados atos de indisciplina todas as atitudes que estiverem em desacordo com o presente Regimento Interno.

**Único** – Após análise do ato de indisciplina pela Diretoria ou por Comissão por ela nomeada e, atestado o cometimento do ato pelo guarda, será emitido pela Instância Julgadora, parecer técnico opinativo que deverá ser apresentado ao Presidente para fins de decisão final acerca da punição a ser aplicada, devendo posteriormente ser registrada na ficha – cadastro do Guarda.

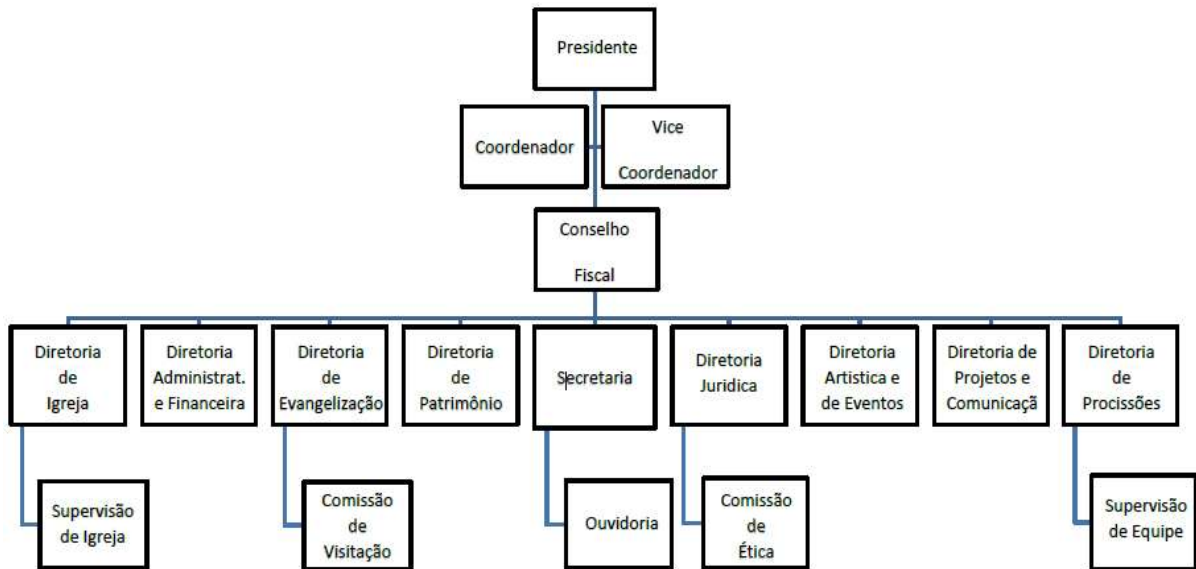


Figura 20 – Organograma da GNSN 2016. Fonte: Arquivos da Diretoria da GNSN 2016.

Segundo este esquema hierárquico as relações entre coordenador, vice coordenador e as diferentes diretorias são do tipo vertical. A verticalidade é especialmente perceptível quando se trata de ordenanças provenientes da autoridade máxima da GNSN: o Presidente. Entre os outros níveis e diretorias a camaradagem e a igualdade de tratamento prevalecem entre seus membros, mesmo em ocasiões oficiais. O mesmo acontece quando as decisões são comunicadas aos guardas em geral, seja em reuniões ou em conversações informais, como, por exemplo, quando um guarda procura informação com qualquer dos diretores.

A direção da GNSN também é composta pelo Conselho Fiscal e 9 Diretorias, constituídas cada uma por 5 membros que são responsáveis por cada setor dentro da instituição, como se visualiza na figura 20. Ligada às diretorias há cinco subcategorias que dão apoio às diretorias e que são constituídas por quantos integrantes seus diretores considerarem necessários.

Assim como a estrutura hierárquica é o elemento organizador que possibilita oficialmente a relação entre os membros da diretoria, a finalidade do trabalho que executam é o elemento agregador, que arregimenta os homens no serviço voluntário de proteção à Santa. A responsabilidade que carregam está exposta no art. 1º do Regimento Interno da GNSN, que dispõe que todo guarda

tem por obrigação através de seu trabalho voluntário, cuidar com amor, responsabilidade, respeito e dedicação da berlinda de Nossa Senhora de Nazaré, das procissões e peregrinações que estiver presente a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, em harmonia com a Diretoria da Festa do Círio de Nazaré e com os Padres e Irmãos Barnabitas.

Para estar apto a esse serviço o indivíduo tem que ter uma vida exemplar, ser modelo em suas atividades e funções em qualquer ambiente em que se encontre, sendo testemunha viva do Evangelho, ao qual deve se comprometer a conhecer e a praticar (RIG 2016). Isso significa dizer que aquele que se voluntaria ao serviço da guarda santa é mais que um devoto ou simples católico, é um homem que está disponível a servir aos desígnios dos sacerdotes da Igreja Católica, a quem devem respeito e obediência, e dispostos a atender e cuidar dos paroquianos, seus irmãos pela devoção à Santa, tendo a responsabilidade de agir com postura moral inabalável – tudo isso reduzido na premissa de amor incondicional à NSN e no cuidado do seu santuário.

Portanto, um guarda é um devoto diferenciado, pois tem o desejo de servir e de entregar tudo que lhe pertence ao serviço de NSN. Sendo, portanto, a devoção um ato decidido e determinado pela vontade.<sup>104</sup> Este ato de vontade provoca um sentimento, uma alegria, um júbilo interior de quem realmente está fazendo algo para o bem próprio e de outrem. Este é um atributo muito destacado e, provavelmente, um dos critérios mais reconhecidos ante os olhos das autoridades da Basílica Santuário Nossa Senhora de Nazaré.

A disposição e a disponibilidade demonstradas pelos guardas são fatores determinantes para que sejam reconhecidos e merecedores de um cargo com maior responsabilidade ou funções, e, claro, de maior destaque ou poder, como se pode constatar nas posições específicas e especialmente vinculadas à imagem da Santa, em sua proximidade ou ainda relacionados com o patrimônio ou com os vigários da Basílica.

É fácil perceber que os membros da Guarda que têm maior contato com padres, bispos e outras autoridades da Igreja são os diretores. Quem deseja ter este prestígio deve trabalhar muito, servir com o coração, explica Seu Guilherme Azevedo, coordenador da GNSN no ano corrente. Ele orienta que para

*alcançar a liderança no meio dos mais de 1500 homens tem que assistir à igreja. Este é o cenário exequível para que todos possam ser visibilizados e reconhecidos ante as autoridades religiosas ou pela diretoria. Se vocês assistem à missa com frequência eles começam a olharem-te com outros*

---

<sup>104</sup> Discurso pronunciado pelo o Reitor da Basílica P. Assis, no último dia do curso de formatura dos guardas aspirantes. 25 de julho 2016. Notas diário de campo.

*olhos, começam a enxergar em ti a capacidade para estar em cargos de maior responsabilidade e ou confiança.*

Dessa forma, todos têm a oportunidade de se sobressair. O fato é que isso não é o que acontece na prática. Uma observação de alguns fatores que revelam as condições sociais, e conseqüentemente econômica, dos guardas pode indicar como se dá ou como se escolhe algum membro desta irmandade para assumir posições de liderança ou responsabilidades que demonstram seu reconhecimento como um devoto e servidor da Santa exemplar.

### **3.1. Um Perfil da GNSN em 2015**

Para iniciar na Guarda Santa é preciso ser homem, ter 18 anos ou mais, porém, não há idade limite para permanecer no serviço à Nossa Senhora de Nazaré, o que faz com que os 1121 integrantes desta irmandade (até dezembro 2015) estejam segmentados em vários grupos etários, prevalecendo o segmento de homens entre 36 e 55 anos de idade, como mostra o **Gráfico 1**.

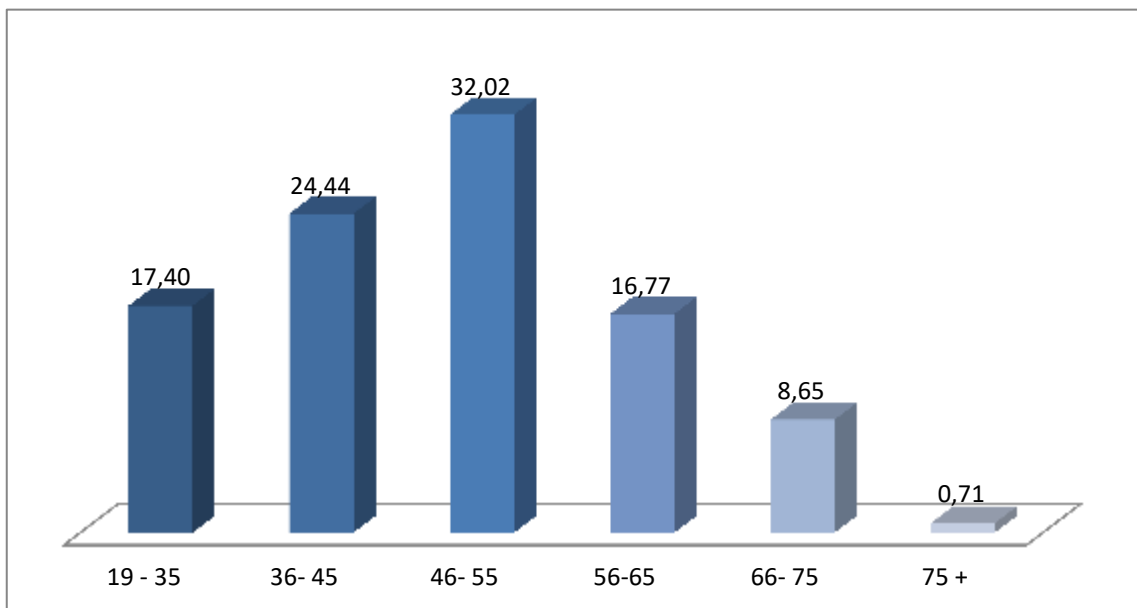


Figura - 21 Gráfico: Faixa etária dos guardas em 2015. Fonte: dados da Secretaria da GNSN.

Os guardas da GNSN residem em diversas áreas do município de Belém, que oficialmente está dividido em 71 bairros, distribuídos em 8 regiões<sup>105</sup>. Uma das regiões mais populosas e pobres é a região do Guamá, ali residem cerca de 31,13% de membros da GNSN, depois está o Distrito Administrativo de Belém, onde residem 21,86% dos guardas, em seguida está a região da Sacramenta, que é a residência de 15,08%, e as regiões do Bengui e do Entroncamento, locais de moradia de quase 23% dos membros desta irmandade. Apenas as duas primeiras regiões estão próximas à Basílica Santuário. Mas a proximidade física não é necessariamente um fator determinante para ser membro da GNSN, tendo em vista que cerca de 40% moram distante do local do trabalho voluntário.

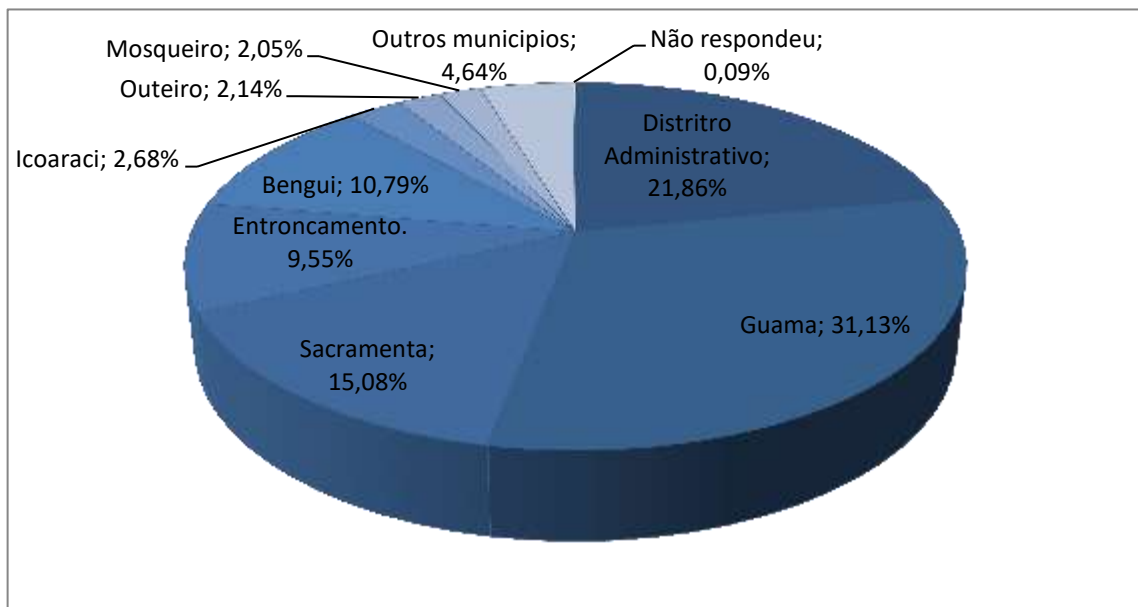


Figura 22- Gráfico 2 - Local de moradia dos guardas. Fonte: dados da Secretaria da GNSN.

No tocante aos anos de serviço na Guarda, o **Gráfico 3** mostra que a maioria dos integrantes, cerca de 60%, tem estado no serviço da Guarda Santa entre 1 e 15 anos, e menos de 1% por 40 anos – ainda que seja uma porcentagem mínima, esta parcela é muito

<sup>105</sup> **1. Distrito Administrativo de Belém:** Umarizal, Marco, São Brás, Nazaré, Batista Campos, Cidade Velha, Campina, Reduto. **2. Guamá:** Terra Firme, Canudos, Guamá, Cremação, Condor, Jurunas; **3. Sacramenta:** Fátima, Sacramenta, Barreiro, Telégrafo, Pedreira, Maracangalha, Miramar; **4. Entroncamento:** Vals de Cans, Mangueirão, Marambaia, Souza, Universitário, Águas Lindas, Aurá, Guarambara, Curió – Utinga, Castanheira. **5. Bengui:** Parque Verde, Coqueiro, Cabanagem, Pratinha, Tapanã, Benguí. **6. Icoaraci:** Uma, Icoaraci, Agulha, Aguas Negras, Marcacuera, Paracuri, Tenoné, Cruceiro, Ponta Gross. **7. Outeiro:** Outeiro, Agua Boa, Itaiteua, Brasília, São Joao, Ilhas baia de Guajará. **8. Mosqueiro:** Vila, Aeroporto, Marcajá, Natal do Marubira, Praia Grande, Farol, Bonfim, Ariramba, Marahu, Mangueiras, São Francisco, Carananduba, Sucurijuquara, Carvara, Baia do Sol, Mosqueiro, Paraiso. **9. Outros municípios:** Ananindegua, Breves, Marituba e Benavides.

significativa, pois foram estes guardas que fundaram a instituição nos anos 70 e que até hoje a mantêm, por compartilharem seus interesses, necessidades e motivações.

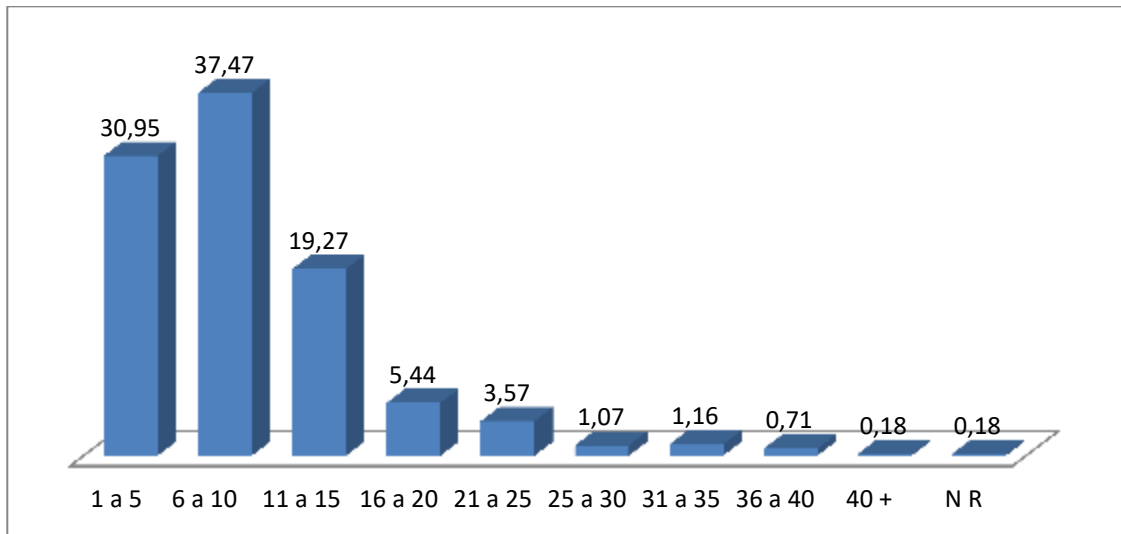


Figura 23-Gráfico 3: percentagem dos guardas por anos de serviço na GNSN. Fonte: dados da Secretaria da GNSN.

No referente à profissão e/ou emprego se utilizou a mesma categorização apresentada pela Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, que é o documento normalizador do reconhecimento, da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro, agrupados em dez grandes grupos por nível de competência e similaridade nas atividades executadas. As categorias aposentado e estudante, que representam as pessoas fora do mercado de trabalho, também estão nessa classificação, estando a primeira delas com 2,94% de integrantes e a segunda com 9,81% respectivamente, o que pode ser observado no **Gráfico 4**.

A categoria mais representada nessa perspectiva é a formada por trabalhadores de serviços do comércio, com 25,78% de integrantes, em seguida estão os trabalhadores de serviços administrativos, contando com 19,54% de integrantes. Pouco mais de 20% exercem profissões de grande destaque na sociedade, como membros superiores do Poder Público, membros das Forças Armadas e professores. Interessante salientar que justamente estes tem posições de maior destaque dentro da GNSN.

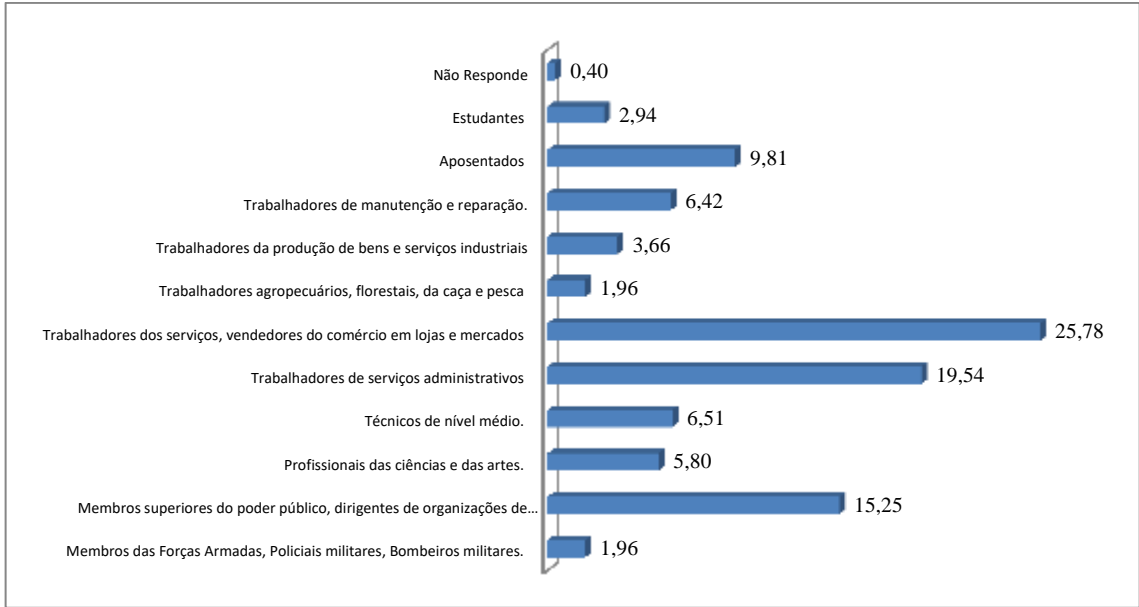


Figura 24- Gráfico 4: Porcentagem dos GNSN por área de profissão ou emprego. Fonte: dados da Secretaria da GNSN.

E no referente ao estado civil dos membros da GNSN, os dados indicam que 59% são casados, 35% são solteiros e 6% ou estão em relacionamentos com compromisso, ou separados, ou divorciados ou viúvos.

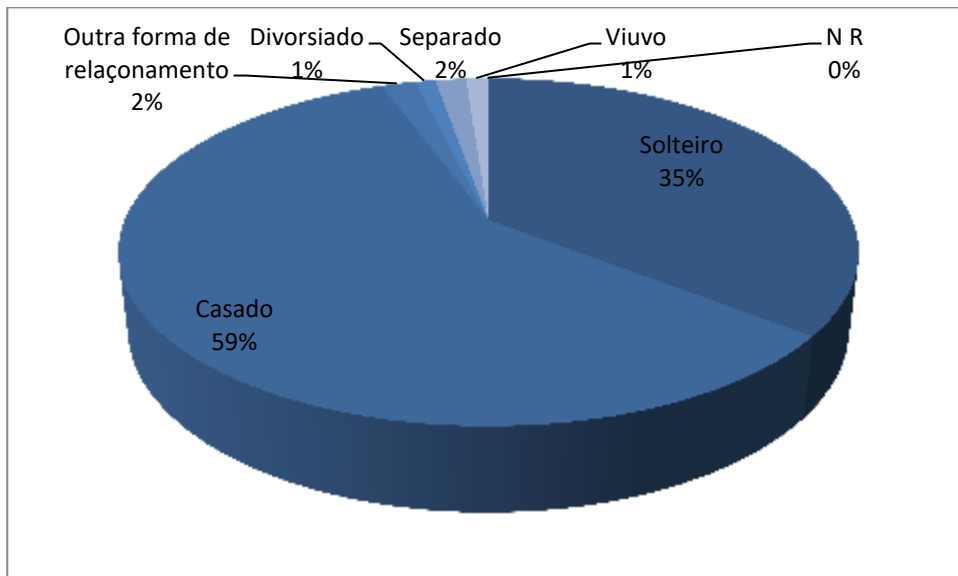


Figura 25 -Gráfico 5- Porcentagem do Estado Civil dos GNSN. Fonte: dados da Secretaria da GNSN.

Quanto à paternidade, os dados indicam que 85% dos GNSN são pais de família e tem cerca de 1 a 2 filhos, apenas 8% não tem nenhum filho. Estes dados informam se o devoto segue o modelo da Sagrada Família, exemplo máximo da devoção aos preceitos católicos.

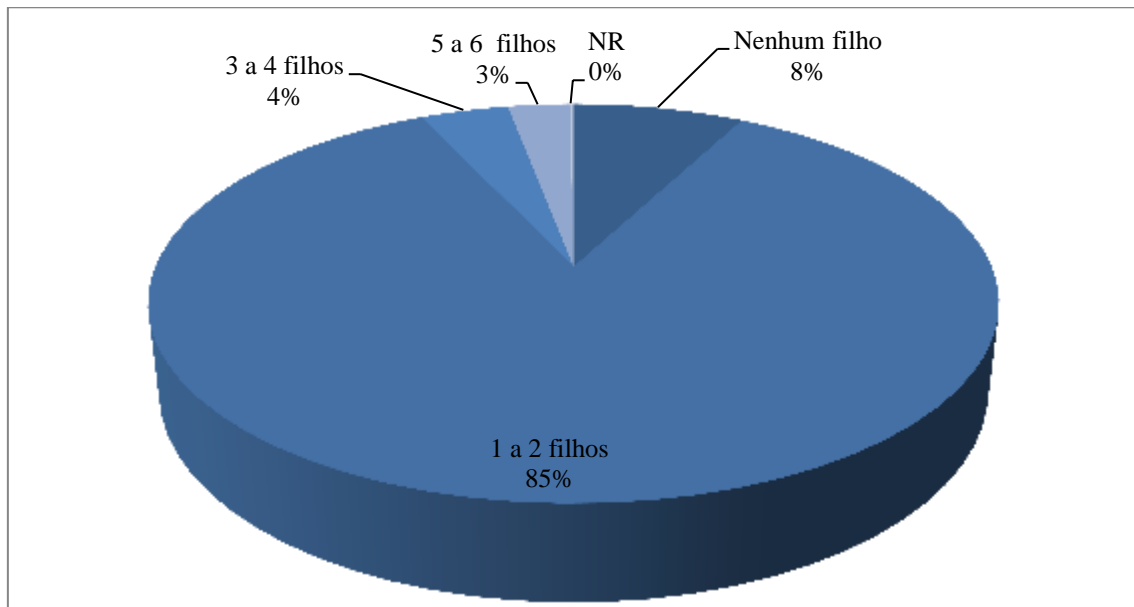


Figura 26- Gráfico 6- Porcentagem dos GNSN por número de filhos. Fonte: dados da Secretaria da GNSN.

Os dados acima revelam que se está ante um grupo de homens relativamente distintos, pertencentes a diferentes classes sociais e econômicas. Mas observa-se uma concentração na idade entre 36 a 55 anos, ou seja, homens adultos; em sua maioria empregados na área de serviços, morando em bairros pouco verticalizados, localizados no entorno da Região Administrativa do Belém, casados, pais de poucos filhos, etc. Isso tudo demonstra que se trata de certa classe média baixa, a mesma classe que foi beneficiada pelas políticas sociais e de consumo implementadas no Brasil na última década. Segundo Eduardo Fagnani (2015), entre 2002 e 2014, mais de 25 milhões de empregos formais foram criados no Brasil, a taxa de desemprego caiu para menos da metade (de 12,3% para 5,5%) e o salário mínimo real cresceu mais de 70%.

Da mesma forma o ratificam Antônio José Alves Jr. e Lucas Teixeira, (2016), que manifestam que a geração de empregos formais no período 2003-2014 contribuiu na diminuição da desigualdade da distribuição de renda, o consumo das famílias aumentou o investimento também cresceu e as reservas internacionais aumentaram na ordem de dez vezes.



Mas se percebe que os guardas atribuem estes benefícios a Deus e a NSN, justificando sua grande necessidade de agradecer pelo que consideram graças outorgadas.

Também existe uma porcentagem mínima desta povoação que pertencem a classes sociais e/ou econômicas diferentes, porém estas são mascaradas pela farda e pelo serviço de amor e devoção à NSN. Levando em consideração este elemento aglutinador e o número de integrantes, é importante saber como um guarda forja um lugar de destaque entre tantos outros homens, portanto é preciso conhecer alguns espaços e a forma como eles os vão conquistando até alcançar um lugar privilegiado, situação que os incluirá como abençoados por NSN, seus eleitos ou escolhidos.

### ***3.2. Formando Guardas para Nossa Senhora de Nazaré***

A jornada que forja um membro da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré começa no curso de formação de guardas, que é organizado pela Diretoria de Evangelização. Os membros desta diretoria selecionam desde o lugar onde será administrado o curso até as atividades que serão oferecidas aos aspirantes todos os sábados durante quatro meses. As atividades teóricas incluem palestras oferecidas por Sacerdotes e Diáconos das paróquias de Belém, e testemunhos de membros mais antigos da GNSN; já as atividades práticas incluem a participação em procissões, missas e reconhecimento de instrumentos utilizados durante o Círio.



Figura 27 – GNSN e guardas em formação participando duma atividade pratica: reconhecimento de instrumentos utilizados durante o Círio.

No mês de fevereiro se iniciam as inscrições na sala da Guarda. Os interessados para poderem se inscrever devem preencher os requisitos mínimos, como ser maior de 18 anos,

batizado, ter a primeira comunhão e ser crismado. É necessário anexar na ficha de inscrição a cópia de documentos pessoais e o atestado de antecedentes criminais – o que parece comprovar que se está apto a ser um exemplo de moral e cristandade.

Além disso, no ato da inscrição também é imprescindível indicar o nome do seu padrinho dentro daquela irmandade. O padrinho deve ser um guarda ativo, com dois anos ou mais de serviços prestados e que não sofreu nenhum tipo de punição. Interessante ressaltar que a escolha do padrinho não necessariamente está pautada em sentimentos de amizade ou de confiança, isso afirmo porque encontrei vários exemplos de que os aspirantes procuraram um guarda como padrinho sem conhecer-lhe, pela necessidade de cumprir o requisito.

Depois da ficha preenchida e iniciado o curso, o padrinho sela o compromisso com seu afilhado e assume a responsabilidade de transmitir o que é ser um verdadeiro filho de NSN, acompanhando espiritualmente seu afilhado e o motivando na participação constante nas atividades da Igreja. Desta forma cada guarda é um agente produtor e reproduzidor de *habitus*; porque este é o resultado das relações sociais que asseguram a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o produziram (Bourdieu 1983:15).

O curso de formação de guardas tem início no primeiro sábado de março, às 15h, quando padrinhos e afilhados vão à Casa de Plácido<sup>106</sup> para se apresentarem ante todos membros da guarda. Eles anelam, então naquele momento, o vínculo entre eles, garantindo diante da plateia que ele é permanente e para toda a vida. A partir daí todos os sábados no mesmo horário os aspirantes se congregam para receberem o reconhecimento necessário ao serviço devocional que aspiram.

A coordenação junto com a Diretoria de Evangelização faz a seleção das temáticas, palestrantes e do material a ser utilizado. Além disso, com o apoio da Secretaria realizam o controle de presença, que é registrada pela assinatura do cursista na lista de frequência logo quando chega na sala de aula. Nos primeiros encontros é perceptível a pouca flexibilidade com o horário de entrada, sendo a tolerância de atraso de quinze minutos. Uma vez que as autoridades da Guarda percebem que os aspirantes já entenderam as “regras do jogo”, eles a flexibilizam.

---

<sup>106</sup> A casa de Plácido é um espaço de mil metros quadrados de área, localizado no térreo do Centro Social de Nazaré, ao lado do Arraial. Foi construído com o objetivo de acolher aos romeiros, devotos e turistas que vêm visitar o Santuário antes, durante e depois da grande festividade do segundo domingo de outubro.

Nas palestras os aspirantes recebem orientação sobre seu comportamento na igreja, nas procissões, na vida pública e privada, sobre o uso do uniforme. Em palavras de Bourdieu (2008) o agente aprende socialmente a partir da participação que ações são permitidas ou aceitáveis dentro desse campo. Também aproveitam este momento para reforçar sua fé e sua devoção. Embora muitos deles já estejam convencidos do poder da Santa, é necessário ainda afinar, polir os seus corações até convertê-los em verdadeiros filhos de NSN. Todos os 16 encontros se inicia com uma oração, seguido da leitura e comentário do Evangelho, palestras e testemunhos oferecidos por guardas em serviço. Para encerrar a atividade é feita a oração final e dados os avisos necessários.

As palestras<sup>107</sup> oferecidas são principalmente ministradas por membros da Basílica Santuário, a fim de deixar clara a autoridade de cada um, especialmente a dos Sacerdotes e a hierarquia daquela instituição. Os testemunhos a que assistem os aspirantes são dados por guardas que foram escolhidos previamente pela Diretoria de Evangelização, homens que além de terem uma história memorável pelas inúmeras graças recebidas<sup>108</sup> e pela demonstração de devoção incondicional à Santa, têm a capacidade comover a plateia, levando os presentes a manifestarem suas emoções de forma que as lágrimas começam a rolar por todos os rostos. Uma estratégia que leva ao convencimento de que a escolha feita é mesmo correta e sublime.

A forma como palestrantes e testemunhas se portam, se remetem ao público e usam as palavras também revelam o nível/posição que têm dentro da hierarquia da Igreja. Isso tem um objetivo claro: reforçar a fé e a devoção dos aspirantes e inculcar as regras dessa irmandade, tanto as formais quanto as informais. A estrutura vertical e a rigidez que se vivencia ali se verifica especialmente na fala dos Sacerdotes e outras autoridades do Clero ou da Paróquia que ali compareçam, por outro lado, embora um guarda mais velho ou que ocupe a posição de diretor esteja acima dos outros guardas, é possível verificar a horizontalidade e flexibilidade das relações pela forma como eles realizam sua apresentação.

É bem possível que essa inflexibilidade e hierarquização marcada, incida no índice de desistência de aspirantes, assim como é possível que sejam justamente as relações amistosas, quentes, as interações afetuosas e emotivas entre os guardas que incidam sobre o índice de

---

<sup>107</sup> Os temas das palestras giram especialmente em torno do comportamento do guarda na igreja, acentuando aquilo que considera virtude, procurando normatizar os comportamentos, além de abordarem a Liturgia, os símbolos, os gestos, os espaços de celebração, as vestes e objetos sagrados, a missa, o ano litúrgico, Maria e a Igreja, Eucaristia, segurança e primeiros socorros, turismo religioso, visitação no santuário e o Círio.

<sup>108</sup> Um guarda manifestou que ele sofreu um acidente de helicóptero, ficou na cadeira de rodas, mas ele é feliz de estar vivo e servindo à NSN. Outro expressou que era dependente químico e morador de rua, mas que graças à NSN é um homem diferente. Os testemunhos, como se pode ver, tem um caráter de resignação, de crença na salvação e no poder transformador do sagrado.

cerca de 70% de novos guardas formados a cada biênio. Isso é o que assegura a continuidade do grupo<sup>109</sup> e a manutenção de sua tradição.

No décimo sexto sábado, ou seja, no último dia do curso ou na formatura dos novos guardas, que se dá no mês de junho, a Secretaria já tem contabilizado os aspirantes que estão aptos ao serviço devocional, de forma que os diplomas, as carteirinhas de GNSN, os bonés e as camisas estão todos prontos para serem entregues, logo após a mensagem do Presidente da Guarda, um discurso sobre o exemplo de cristandade que devem sempre dar, sobre o uso do terço diária e continuamente, pois é ele a melhor arma para enfrentar todas as dificuldades, e sobre os resultados desta vida de entrega à NSN, a alegria, a paz e a possibilidade de um dia ser também um membro dirigente daquela nobre instituição.



Figura 28 Novos guardas apresentando sua camisa de GNSN.



Figura 29 Novo guarda apresentando seu diploma de GNSN.

---

<sup>109</sup> A entrada dos novos opera-se tão progressivamente que o grupo dá a impressão de ser o mesmo o tempo todo. No entanto, constituem os recém chegados, a cada momento, uma minoria ínfima com relação àqueles que já compunham a sociedade no momento anterior, é o fato que permite ao grupo continuar idêntico a si mesmo (Simmel 1983:52)

A missa de formatura é o ritual final, que parece entregar mais que novos guardas à sociedade, entrega novos homens à sociedade. A condição adquirida/instituída por estes indivíduos me remete ao que Bourdieu denominou de rito de instituição. “Falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural um limite arbitrário, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço.(...) A separação levada a cabo durante o ritual (ele mesmo operando uma separação) exerce um efeito de consagração” (Bourdieu 2008:98, 99).

Ela é organizada pela diretoria e pela coordenação da Guarda e, obviamente, dirigida pelas autoridades eclesiais daquela Paróquia. Os aspirantes são convocados às 9h30m no terceiro andar do Centro Social da Igreja para que vistam pela primeira vez o uniforme da GNSN, momento em que os cumprimentos, abraços, as fotografias, a emoção não se faz esperar. Ali os aspirantes recebem as últimas instruções sobre seu comportamento no ritual, diante da Basílica abarrotada de fiéis para assistir à missa especial das 10h.

Uma hora depois, os aspirantes sob o olhar atento da multidão e do sol ardente dos trópicos, já estão organizados em duas filas na praça Santuário, portando na mão uma rosa vermelha. Depois de quase quarenta minutos de espera eles se dirigem até a entrada lateral direita da Basílica custodiados por uma fileira de guardas ativos, fotógrafos e familiares, que também procuram o melhor ângulo para captar uma boa imagem. Seguindo instruções do Reitor, entram pela porta da Misericórdia<sup>110</sup> e logo se encaminham pela nave central do prédio até o altar maior, onde estão os vasos para colocar as rosas.

Os aspirantes são instalados nos bancos mais próximos do altar maior por mais ou menos 10 guardas, que os têm acompanhado durante todo o ritual e que permanecerão assim durante todo o período de adaptação como novos guardas, melhor dizendo, enquanto aprendem o comportamento e as regras de sua sociedade. Na realidade, explica Simmel (1983:52) os membros que compõem o grupo, a um dado momento, nele permanecem

---

<sup>110</sup> A Porta da Misericórdia é uma Porta Santa especial que se abre a cada 25 anos para possibilitar que cada geração vivesse pelo menos um ano santo. Até hoje foram realizados 26 anos santos ordinários, o último foi no ano 2000. Mas também se têm ocasiões extraordinários e são proclamados pelo Papa para celebrar algum evento de particular reverência, como o de 2016, onde o Papa Francisco explica que escolheu a data de início em 8 de dezembro 2015, em honor a Maria e por coincidir com o 50º aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II, que derrubou as muralhas que muito tempo mantiveram a Igreja fechada, como se fosse uma cidadela privilegiada. O significado para a Igreja é um perdão geral, uma indulgência aberta a todos e uma possibilidade de renovar a relação com Deus (Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Papa Francisco, 11 abril 2015).

invariavelmente durante um tempo que lhes baste para poderem amoldar seus sucessores a sua imagem, ou seja, em conformidade com o espírito e as tendências da sociedade.



Figura 30 Novos Guardas esperando a missa de Formatura 2016

Os bancos localizados imediatamente atrás dos aspirantes são reservados para os familiares (Anexo 5). O cenário, a ambientação, tudo é tecnicamente organizado para despertar nas pessoas respeito e adoração, e nos aspirantes a importância do passo que estão dando. O ritual é solene, desde os vigários da igreja que entraram com um grande séquito de ministros e caminham rumo ao altar, com passos lentos ao som do canto de entrada, até as vestimentas muito elegantes dos presentes, que indicam que aquele é um dia extraordinário.

O Presidente da Guarda e Reitor da Basílica dirige o rito, segundo Bourdieu (2008) os ritos são maneiras ordenadas e oficiais de manifestar publicamente um sistema de condições, por tanto para que ele funcione é preciso que seja oficiado por alguém reconhecido e percebido como legítimo, neste fato a autoridade legítima e reconhecida para os aspirantes é o reitor, quem ratifica em sua homilia que é um dia de festa para toda a comunidade católica, que está contente por estes novos homens que ali se formam. E novamente fala do comportamento de um bom cristão, os exorta a serem humildes e obedientes a Deus, NSN e com as autoridades da Igreja, devendo sempre respeitar e honrar o uniforme que envergam. Neste momento ele abençoa a camisa em nome de NSN: – *“A camisa será a couraça e proteção para cada um de vocês, devotos e filhos de Nossa Senhora de Nazaré”*. Para que o

ritual funcione e opere, primeiro é preciso que ele se apresente e seja percebido como legítimo, pois o simbolismo estereotipado contribui exatamente para evidenciar que o agente age na qualidade de depositário provido de um mandato e não em seu próprio nome ou de sua própria autoridade (Bourdieu 2008:93).

As palavras vertidas pelo Presidente têm um peso muito grande para os aspirantes e para todos os presentes, porque, como argumenta Bourdieu (2008:100), institui, atribui uma essência, uma competência, que é o mesmo que impor um direito de ser que é também simultaneamente um dever ser (ou um dever de ser). Assim as palavras pronunciadas têm o poder de fazer ver a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade. O clímax do ritual de instituição, dessa forma, se dá nesse momento, quando produz os efeitos mais reais:

quando aquele que é instituído sente-se intimado a ser conforme à sua definição, à altura de sua função, de forma que é reconhecido e tratado como tal por todo o grupo, a começar por sua família, e esse tratamento diferente e distintivo tende a encorajá-lo a realizar sua essência, a viver conforme sua natureza social (Bourdieu 2008:101).

É por isso que as instituições são necessárias na estrutura dos GNSN, aliás, são as que mantêm uma determinada ordem social ao predeterminar quem pode ser consagrado, e quem nunca será, como no fato das mulheres. Denise, GA, por exemplo, ainda que tenha internalizado os valores da Guarda, ou tenha incorporado esquemas de pensamento que orientem sua conduta, ou seja o *habitus* (Bourdieu 1983:15). Ela está consciente que não pode ser uma GNSN, de fato.

Esta conformidade ou cumplicidade de parte das mulheres de aceitar com resignação sua posição produz inclusive um sentimento de inferioridade, a qual compensam oferecendo maior esforço e dedicação nas atividades permitidas de forma arbitrária para elas. É por isso que Bourdieu enfatiza que os indivíduos pertencentes às classes dominantes não exercem o poder completamente senão em comum convênio com a classe dominada. Daí define como poder simbólico este poder invisível (Bourdieu, 1983:25). Nesta assertiva, percebe-se a necessidade de legitimação do poder pelo outro para que surta efeito.

Os rituais de instituição são uma forma de controle social, e são eficientes porque assegura a manutenção do poder e a legitimação de lugares sociais que embora não sejam instituídos eternamente, pois pode haver alguma discordância, no geral há a legitimação e instituição do ritual. É o que acontece ao grupo de aspirantes, todos estes homens abandonam o grupo de devotos comuns e passam a integrar o grupo de devotos oficiais, verdadeiros filhos

legítimos de NSN: “ ‘Torne-se o que você é’, eis a fórmula que subentende a magia performativa de todos os atos de instituição” (Bourdieu 2008:101). E automaticamente eles são elevados a um *status* maior, comparando-se com sua anterior posição. E assim o ritual da missa continua entre orações e cantos, desta vez entoados pelo coral da GNSN.

Esta é a missa mais longa de todas as que comumente se celebram em Belém. Somente quase depois de três horas os novos guardas de NSN começam a sair pela porta principal, agora mais encorajados e mais devotos, sobretudo porque vão guiados pela imagem de NSN, que vai à frente do grupo assegurada entre as mãos do subcoordenador da Guarda.

Pouco a pouco os guardas vão se encontrando para regozijarem-se com seus parentes e amigos, que lhes expressam seu carinho e admiração através de largos sorrisos e fortes abraços, além das inúmeras poses para fotos e mais fotos, que servem para marcar o momento.

### ***3.3. A Missa: Ritual e Espaço de Sociabilidade***

A Basílica é o espaço onde se dão as primeiras interações sociais entre os guardas, sendo as missas o espaço-tempo do encontro obrigatório. Tem este caráter porque, segundo o coordenador, a missa é um ritual completo: têm a celebração, a presença de Deus, a oportunidade de ter um contato mais íntimo com Cristo através da Eucaristia; tudo isto contribui com o crescimento espiritual e, em consequência, refletirá na construção da postura digna de um guarda santo.

A primeira ação que todo guarda deve realizar ao chegar à Basílica é inclinar-se, de frente ao altar maior, e rezar, pedindo a bênção de NSN; em seguida deve procurar o guarda Supervisor de Igreja para assinar a lista de presença, momento em que conhecerá a função que desempenhará naquele dia.

Entre as funções que os guardas realizam estão o acompanhamento do Sacerdote e seus ministros durante a entrada inicial para celebração da missa (esta ação necessita pelo menos de dois guardas, que se posicionam atrás da comitiva até que cheguem ao altar maior); guardar a entrada do santuário e acolher aos fiéis, saudando-os e oferecendo o boletim litúrgico, bem como também, ao fim da celebração, despedi-los organizadamente; auxiliar as pessoas que tem alguma necessidade durante todo o momento que ali estiverem; impedir o acesso dos fiéis aos espaços considerados sagrados ou de uso exclusivo dos sacerdotes e



outras autoridades (os guardas nesta função devem ficar todo o tempo do ritual de pé em frente do altar); organizar a fila do confessorário e auxiliar o Sacerdote, caso necessário, durante as confissões.

Uma das atividades que podem demandar maior número de guardas é o recolhimento das doações. – “O supervisor por experiência deve saber quais missas têm maior afluência de fiéis”, me explicou Oscar Filho, Supervisor de Igreja. Os guardas escolhidos para essa tarefa se organizam em fila. Eles entram pela porta lateral esquerda e se dirigem para o altar, onde fazem uma reverência, depois dirigem-se para onde estão os fiéis para pegar as oferendas. Ao fim disso todos se colocam novamente em fila na entrada da Basílica e fazem novamente a reverência, daí, dirigidos pelo Supervisor, entregam as sacolinhas ao Sacristão. Durante todo o processo eles seguram a sacola com a mão esquerda enquanto a mão direita permanece para trás, colada às costas.

Outra função destacável praticada pelos guardas é acompanhar os Sacerdotes ou ministros durante a Comunhão. Nesse momento as instruções são claras por parte da diretoria da Igreja: se um Ministro precisa de ajuda para descer do altar, eles devem pegar o braço, não a mão, porque nesse momento as mãos dos ministros estão purificadas, prontas para fazer a entrega da hóstia. Além disso, devem cuidar para que a hóstia seja consumida exclusivamente no local do culto, impedindo que os fiéis se dirijam para locais particulares durante este período. Somente após todos estarem de volta aos seus lugares os guardas podem, então, comungar.

A missa é um espaço de convivência entre o sagrado e o profano, onde os guardas e católicos leigos<sup>111</sup> renovam seus compromissos com a divindade e se visibilizam ante as autoridades da Igreja e da Guarda, portanto, é um lugar onde se engendram as hierarquias e se distribui o poder. Conscientes disto os guardas aceitam participar na missa em qualquer atividade que o Supervisor designe. As funções, no entanto, não são fixas. A rotatividade na execução das tarefas durante as celebrações garantem que todos tenham a oportunidade de participar e se destacar.

Além disso, para se destacar diante de seus superiores os guardas devem ser (e são) muito cuidadosos com seus uniformes, não apenas por ser o signo exterior, o distintivo de sua posição social (Bourdieu 2008:103), não só na missa, e sim em todos os rituais da Igreja, mas

---

<sup>111</sup> O termo católico leigo ou simplesmente leigo tem origem no meio religioso e se refere ao membro de uma Igreja ou culto que não possui os conhecimentos suficientes para funções de alta autoridade dentro da organização religiosa a que pertence, mas que assume outros compromissos que também os diferencia dos fiéis comuns.

também porque é uma obrigação, uma responsabilidade assumida desde quando se tornou um devoto oficial de NSN. Assim, a camisa de cores amarela, branca e azuis e com a imagem de NSN na parte superior direita e o logo da Guarda no esquerdo<sup>112</sup>, a calça azul marinho, os sapatos, as meias, e o cinto, todos pretos, devem ser sempre uma preocupação para seu portador, devendo estarem sempre bem cuidados e limpos.



Figura 31 Guarda uniformado entregando boletins na entrada da Basílica de Nazaré.

Antes de iniciar a missa ou depois dela os guardas se reúnem para bater um papo, seja nos portões do santuário, local mais requisitado, ou no corredor lateral esquerdo, que dá acesso à sacristia. Nesse espaço de socialização as conversas geralmente giram em torno de temas religiosos e das experiências no serviço à Santa, o que demonstra que o objetivo da sociabilidade é demonstrar sua dedicação à igreja e estar sempre atualizado sobre o que acontece naquele ambiente. Durante as missas de domingo, que é o dia mais descontraído, especialmente por não ter o peso do cansaço do trabalho formal, a afluência de guardas é muito maior, inclusive é comum também encontrar pequenos grupos de guardas se demorando em longas conversas na cantina da Basílica, tomando um cafezinho, especialmente os mais velhos. O lugar parece funcionar como uma extensão do ritual religioso.

---

<sup>112</sup> Estou descrevendo a camisa usada no Círio 2015, ano em que iniciei a pesquisa.

As conversas e bate-papos tanto servem para demonstrar os interesses que permeiam o grupo e confirmar a irmandade, como também apresentam as regras do grupo, não importando se estão reunidos em um grande grupo ou em grupos pequenos, na sede da GNSN ou nos diversos espaços da Basílica. Isso exemplifica a afirmação de Simmel (1983) sobre a existência da sociedade onde quer que seus integrantes entrem em interação. As interações significam que os indivíduos, de acordo com seus interesses e finalidades<sup>113</sup>, foram por eles levados a unir-se, convertendo-se numa unidade, numa sociação. O mesmo autor expressa que: “Nem a fome nem o amor, nem o trabalho, nem a religiosidade, nem a técnica, nem as funções e obras da inteligência constituem ainda sociação quando se dão imediatamente e em seu sentido puro” (Simmel 1983:58), isso porque a sociação é exclusivamente obra da convivência.

Pode-se depreender daí que a unidade pode ter diversos graus, segundo a espécie e a intimidade que tenha a interação: desde uma união efêmera, para dar um passeio, até a família; desde as relações por prazo indeterminado até o pertencimento a um mesmo Estado. Tudo isso sempre vai ser sociação (Simmel 1983:64). A manutenção da coesão social, que é a alma do grupo, depende da dotação por parte de seus integrantes, de um conjunto de crenças comuns que exprima a consciência e o sentimento de existência dessa coletividade. E isso é claramente visível entre os guardas de NSN.

A sociabilidade dos guardas santos é expressamente mais notável na sala da GNSN todas as noites, especialmente depois da missa das 18 horas, a qual muitos guardas assistem após cumprirem sua jornada laboral diária, que acontece de segunda à sexta-feira. O lugar é mais que a sede da instituição, é um local de manifestação da irmandade, da fraternidade que lhes organiza e dá *status* de devotos oficiais, leigos escolhidos, e por isso mesmo é mais que um ponto de encontro. Encontrar-se ali faz parte de um ritual, da (re)atualização das posições que envergam, os lembram de suas responsabilidades, para com a igreja e entre si. Eles chegam, se cumprimentam, se informam sobre as novas atividades da guarda, as missas, as procissões e então se despedem.

Dessa forma, a sede da GNSN é mais que um lugar, é um entre-lugar<sup>114</sup>, que é vivenciado não apenas porque se gosta de frequentar e porque ali estão os amigos e

---

<sup>113</sup> Interesses e finalidades, assim como tudo que habita intimamente os indivíduos, tais como o instinto, a inclinação, o estado ou movimento psíquico e tudo que seja capaz de originar ação sobre outros ou a recepção de sua influência, são os conteúdos ou a matéria da sociação (Simmel 1983).

<sup>114</sup> Homi Bhabha (1998) chama de entre-lugar o local que está entre significados distintos, porém que convergem, forjando um espaço mestiço, um lugar entre as várias formas que se pode ser, uma fronteira.

companheiros de trabalho santo, mas também porque só pode e só deve ser frequentado por pessoas que têm um certa posição dentro da Igreja, um *status* estimável. Ou seja, este espaço é o resultado de uma fusão das suas vivências; é nele que “são liberados de todos os laços com os conteúdos” e passam a existir pelo prazer da relação. “Este processo gera, por consequência, o fenômeno da sociabilidade” (Simmel 2006: 168).

Existem guardas que por razões várias, como compromissos de trabalho, familiares e ou econômicos, têm dificuldades de ter mais presença nos espaços de interação, limitando-se somente a cumprirem com a quantidade de missas e reuniões estipuladas no regimento interno da GNSN. Esta ausência é compensada pela presença nas redes sociais (presença virtual<sup>115</sup>), enviando bênçãos e orações pelo *whatsapp* ou curtindo a página da guarda no *facebook* – os meios de comunicação dão, portanto, subsídio para que o território da GNSN se expanda para o espaço eletrônico e nenhum devoto oficial se veja reduzido em sua capacidade de sociabilidade e de trabalho.

Assim, a união espiritual dos homens, diz Simmel, triunfa sobre a separação do espaço. Entre os seres separados pelo espaço, a unidade resulta das ações e das reações que eles permitam entre si, isso porque a unidade de um todo complexo não significa outra coisa senão a coesão dos elementos e essa só pode ser obtida através do concurso mútuo das formas presentes. Ou seja, a presença não produz por si só a permanência da unidade social (1983:50-51), ao contrário, é a ideia de unidade, é o sentimento de pertencimento que permite a presença e a continuidade num grupo ou sociedade.

O ponto de encontro geral dos guardas são as duas reuniões que acontecem mensalmente de novembro a julho no Centro Social da Basílica. De agosto a outubro estas reuniões se intensificam e se realizam semanalmente, a fim de planejarem e darem andamento às atividades do Círio. Elas acontecem na quinta-feira depois da missa das 18 horas. Assim como estas reuniões, somente as procissões conseguem coadunar todos os guardas, embora não com a mesma atmosfera e nem com o mesmo objetivo. As primeiras eram aglutinações para fazer prospecções sobre o trabalho e as últimas já é o trabalho, portanto, é o momento crucial da criação da irmandade, do grupo.

Os tipos de sociações e os locais de sociabilidade dos guardas de NSN podem ser entendidos como “atos de instituição”, posto que reforçam nos indivíduos que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para algo maior, divino

---

<sup>115</sup> Pierre Lévy (2005) afirma que o virtual nada mais é do que a atualização ou uma outra representação do real.

(Bourdieu 2008:106). E é exatamente isso o que se percebe quando os guardas manifestam a disposição para participar em quase todas as atividades religiosas relacionadas com NSN.

### ***3.4. Acompanhando NSN: Um Ato de Devoção e de Reconhecimento***

Durante o ano todo a Santa tem compromissos agendados, são visitas a outras paróquias, hospitais, instituições públicas, privadas, tanto em Belém, quanto no interior do Pará ou em outros estados do Brasil<sup>116</sup> – à medida em que o Círio se aproxima as visitas se intensificam. A Diretoria da Festa planifica o calendário de visitação da imagem peregrina e a Secretaria da GNSN faz a divulgação semanalmente das visitas através de mensagens de texto enviadas para os guardas.

Oficialmente a imagem é acompanhada pelo Diretor da Festa e por um ou dois guardas, previamente selecionados pelo Coordenador da Guarda, considerando critérios como participação nas atividades da Igreja, além da sua disponibilidade de tempo. Os guardas escolhidos são custeados pela instituição que fez o convite, o que faz com que outros guardas que queiram acompanhar a comitiva arquem com os gastos da viagem. E isso é muito comum de acontecer, especialmente se a visitação for em Belém mesmo ou numa cidade próxima.

No dia 11 de setembro 2016 a imagem de NSN visitou a Paróquia de Lourdes, localizada entre o bairro 40 horas e o bairro Coqueiro, ambos na cidade de Ananindeua. A comitiva que acompanhava a imagem chegou ao local às 11h, tal como se tinha programado. O Pároco junto com os fiéis espera a imagem na estrada principal, como se mostra na figura 32. Os foguetes anunciam a presença da Santa. Do carro desceram os guardas e depois o Diretor da Festa com a imagem peregrina entre as mãos, a fim de entregá-la ao Padre anfitrião.

---

<sup>116</sup> Para que isto aconteça é preciso que alguém, a título pessoal ou institucional, solicite à Diretoria da Festa a presença da Santa.



Figura 32 Acompanhando a NSN na peregrinação no bairro 40 horas.

Na igreja esperam outros, que se unem à alegria. Foram 3 horas que NSN esteve com os moradores do bairro 40 horas, todos tiveram tempo para serem abençoados, cumprimentar a imagem e estar próximo dela, mas não tão próximo, porque o tempo todo os guardas estiveram em pé junto à Santa, como fiéis guardiões, protegendo seu tesouro até que a imagem volte ao seu santuário. O mesmo aconteceu quando visitaram o *Shopping Boulevard*, localizado no bairro Umarizal em Belém. Nesta ocasião participaram pelo menos 50 guardas, organizados na frente do prédio para fazer a proteção da imagem assim que ela chegasse e durante todo o tempo que ali passasse.

As diferenças entre os dois lugares são evidentes porque o primeiro é um bairro localizado na periferia da Grande Belém, com problemas na infraestrutura, segurança e limitado acesso de transporte público. O segundo, localizado num bairro rico, utilizado e de fácil acesso. Considero que pelas facilidades de acesso, o número de guardas que participaram da atividade no *Shopping Boulevard* foi maior, porém em ambos os lugares o zelo deles para com a imagem de NSN foi o mesmo.



Figura 33- Guarda junto com NSN em sua visita paróquia de Lourdes, bairro 40 Horas. Belém do Pará.

Em todas estas visitas os guardas que não estão na comitiva somente se sentem livres para abandonar o local de visita, após a assinatura da lista de presença, a fim de garantirem que conste registro de sua participação na atividade. Para selar a presença e testemunhar a devoção diante de sua irmandade, muitas fotos são tiradas, a fim de serem posteriormente postadas nas redes sociais, como mais uma prova do compromisso com NSN, mais especificamente com a intenção de se tornarem mais visíveis, a fim de receberem reconhecimento.

Os guardas sempre estão atentos às atividades promovidas pela coordenação, a fim não somente de cumprirem com a cota de devoção exigida no Regimento Interno, o que lhes garante a participação no Círio, como de demonstrarem sua fé e devoção à NSN. Além disso, cada atividade que os guardas participam são sempre de conhecimento dos superiores e das autoridades da Igreja, o que significa dizer que há aí a possibilidade de serem vistos e reconhecidos pelas autoridades da Igreja e ou da Guarda, obtendo como recompensa mais responsabilidades, o que os torna mais dignos de confiança, podendo, inclusive, serem chamados a participar em rituais mais restritos e significativos, uma mostra do prestígio conquistado.

Uns desses rituais é a descida da imagem original da “Glória”, que acontece só duas vezes por ano: o realizado no mês de maio é de responsabilidade exclusiva da Guarda, o outro, que acontece no mês de outubro, especificamente antes da Trasladação, exige apenas dos guardas a proteção da imagem original e a organização dos fiéis que querem lhe pedir bênçãos.

O ritual da descida da imagem acontece especificamente no dia 24 de maio, justamente quando se comemora a data em que a Basílica foi declarada Santuário Mariano da

Arquidiocese de Belém. Este é um dia de festa, a iluminação é maior que o normal, visto que todas as portas do exterior ficam abertas. O altar nesse dia é também cuidadosamente adornado com orquídeas brancas sobre um leito de folhas de um verde tão intenso quanto a floresta que nos rodeia; é a própria Amazônia que ali está representada. Às 17h o terço é rezado e os guardas preparam a descida da Santa. Cerca de uns 20 homens trabalham sigilosamente atrás do altar maior, entram e saem por uma pequenina porta que lhes conduz até ao interior do altar maior, por onde mais tarde colocarão uma escada de uns 5 metros para baixar a imagem.

Esses guardas que ali estão são membros da coordenação, da diretoria da Igreja, da Evangelização, etc., que foram escolhidos previamente pelo Coordenador para participar deste ritual. São homens felizardos, pois foram selecionados entre mais de mil outros. O que oficialmente lhes garante serem escolhidos é a frequente participação nas atividades religiosas, como missas, terços e procissões, onde demonstram toda sua solicitude e devoção. Mas há também a possibilidade de serem selecionados por suas necessidades espirituais, ou seja, por precisarem do contato direto com NSN.



Figura 34 - Guardas participantes do ritual da descida de imagem original de NSN da gloria – Maio 2016

Depois de rezar nem sei quantos terços, cantar nem sei quantos cantos, a missa das 18h se inicia. Primeiramente entra um inumerável séquito eclesial, todos com vestes impecáveis caminhando em direção ao altar para dar começo ao ritual da missa. Nesta ocasião a celebração geralmente é presidida pelo Bispo de Belém, que é quem anuncia que a imagem estará mais perto dos fiéis durante cinco dias. Nessa hora os guardas escolhidos calçam as mãos com luvas brancas, fazem uma prece entre lágrimas, e sobem a escada. O guarda que chega ao topo pega a coroa com muito cuidado, a mostra aos sacerdotes e fiéis, que estão de olhos fixos em sua direção. Eles, então, batem palmas em sinal de aprovação. A coroa é,



então, entregue a outro guarda e a outro e outro, até que por fim chegue às mãos do Diretor da Festa e ele possa entregá-la ao Bispo.



Figura 35 - Ritual da descida de imagem original de NSN da gloria, maio 2016.

Apenas o bispo, coberto dos atributos sagrados e institucionalmente ordenado para essa função, naquele momento, um homem divinizado, possui competência e poder para pegar a imagem e seus acessórios sem nenhuma proteção, com as mãos nuas; só ele pode estar em contato direto com a Santa e seus pertences. Após a coroa, desce-se o manto e a imagem – com esses objetos também se repete o mesmo ritual. Nesse último instante um silêncio absoluto se apodera da Basílica, somente se ouvem os cliques das câmaras fotográficas, anunciando o registro do solene momento. Uma vez que o Clero cumprimenta a imagem o Bispo a coloca na caixinha de vidro, ornamentada com as orquídeas do Pará, à espera dos olhares apaixonados dos fiéis.

Esse e os outros rituais são registrados por Gabriel Buenaño França e Breno Nascimento Rodrigues, guardas que desde 2015 assumiram por iniciativa própria o registro oficial das atividades da GNSN, fotografando e filmando tudo que é feito pelos guardas ou dos eventos em que participam, bem como criando conteúdos que divulguem o trabalho da GNSN nas mídias locais e monitorando as redes sociais a respeito de qualquer assunto que lhes diga respeito.

O trabalho do estudante de jornalismo e do estudante de computação não para. De dia ou à noite eles vêm e vão de um lado para o outro, captando pelas lentes das câmeras os melhores momentos das atividades da Guarda Santa. Essa é uma outra forma de demonstrar sua fé e devoção à NSN, assim como também uma forma de se sobressair nesse grupo tão numeroso, sem necessariamente opacar ao outro, como muito bem explica Simmel:

Este tipo de competição consiste em que cada concorrente busca a meta por si mesmo, sem usar sua força contra o adversário (...) em intensidade e

esforço apaixonado, esse tipo de competição é igual a outro tipo de competições (...) mas, cada parte combate seu adversário sem se voltar contra ele, sem tocá-lo, por assim dizer e a vitória só pode ser conseguida pela concomitância de benefícios para o perdedor (Simmel 1983: 136-137).

Simmel coloca como exemplo o que acontece no campo da ciência, explicando: a ambiciosa competição no campo da ciência não visa apenas o adversário, mas a meta comum, na suposição de que o conhecimento adquirido também é ganho e vantagem para o perdedor. Simmel identifica, ainda, outra aparente competição que acontece no interior dos grupos religiosos: é a ciumenta paixão de ultrapassar os outros na realização dos valores mais altos. Esta paixão frequentemente intensifica o cumprimento da obediência à regras, de trabalhos meritórios, de devoção, ascetismo, de orações, de donativos. A competição é, então, estimulada dentro da Guarda pelo fato de que eles têm de ser cada vez mais visíveis ante aos olhos das autoridades religiosas ou dos seus superiores, obtendo, assim, a graça de estarem mais perto da Santa ou de seu patrimônio, além de serem considerados dignos de ocupar cargos de maior responsabilidade e confiança.

Obviamente que a estrutura organizativa da Guarda limita este tipo de competição com a premissa que nesta sociedade os esforços de todos se dirigem para um objetivo que é o mesmo para todos, o que faz parecer que não há competição, porque quando um membro atinge o objetivo, todos são beneficiários. No entanto, assinala Simmel: “Na concepção cristã, a casa de Deus tem lugar para todos e a graça não se aparta de uns enquanto se dá a outros, por meio disso se prova a inutilidade da competição” (2008:145). A esse tipo de situação Simmel denomina de competição passiva, isto é, competição por um prêmio, porém falta aí a essência da competição: a diferença entre as energias individuais como base da vitória ou da derrota.

Assim, podemos definir a GNSN como uma sociedade micro, um grupamento com várias características de instituição social, mas, especialmente, com valores de uma irmandade, que é aguçada por esse caráter de competição passiva que invade as relações entre seus membros. Os constantes rituais aos que eles estão expostos, por obrigação ou por satisfação, ajudam a que eles pouco a pouco internalizem os valores, o *habitus* e o que forma e forja o ideal de devoto oficial de NSN. Tornam-se, também, garantia da permanência e continuidade desta instituição, sendo ainda mais visível naqueles guardas que estão experimentando os benefícios gerados pelo cumprimento das regras da instituição, ao ocupar posições de maior responsabilidade e confiança como por exemplo, ser parte da diretoria, porque o concebem como uma grande benção de NSN.

Eu estou consciente que outros vieses também podem ser trazidos para a discussão das interações sociais que estruturam a organização social da Guarda Santa, no entanto, coube-me, a partir do olhar atento e subsidiado por Simmel e Bourdieu, estas breves considerações de uma antropóloga estrangeira que adotou o Brasil e Belém do Pará não somente como um novo campo de estudos, mas como um lugar de crescimento profissional e espiritual, especialmente no que tange a este estudo, que me permitiu entrar em contato com homens tão fervorosos em sua religiosidade e tão marcantes no convívio.

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

A GNSN é um grupo formado atualmente (até outubro de 2016) por 1519 homens voluntários que trabalham durante todo o Círio de Nazaré. Ela existe justamente para que a festa aconteça, mas isso não significa dizer que durante o período que precede ou sucede a festa eles não tenham trabalho. Têm. E têm muito. Desde manter a irmandade e a sociabilidade que lhes caracteriza, até garantir a proteção direta da Santa e a segurança geral do seu santuário. Assim, a atuação da Guarda é permanente e não se restringe ao Círio, pelo ao contrário, está inclusive muito voltada para atividades outras, que extrapolam o cotidiano da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré.

As atividades relacionadas à Santa, ou em seu nome são exercidas de forma voluntária, porém, tem a finalidade de obter uma recompensa, manifestada em forma de bênçãos. Para obter a recompensa por servir à Nossa Senhora de Nazaré não basta vestir a farda de guarda ou doar seu tempo ao seu santuário, cada um tem que cumprir uma cota de trabalho estipulada em lei, para serem considerados permanentes devotos oficiais. Isso de forma automática lhes garante a participação direta (habilitação) no evento-ritual do Círio, que é o ponto culminante de todo trabalho que exercem, o momento de reconhecimento e prestígio.

Porém, essas obrigações nem sempre existiram. Inicialmente, em 1974 quando foi criada a GNSN, se contava apenas com 28 voluntários que tinham o propósito de ajudar a Diretoria da Festa de Nossa Senhora de Nazaré na sua organização e desenvolvimento. Como o número de voluntários aumentou consideravelmente em 42 anos, a Igreja viu-se obrigada não só a criar outras atividades para que a guarda estivesse ativa o ano todo como também a criar estratégias orientadas à coesão e manutenção da tradição do grupo, ou melhor dizendo, acrescentar a devoção como requisito para a participação como membro e ferramenta de avaliação individual.

A criação da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré também correspondeu a uma visível tentativa da Igreja de organizar um corpo que se encarregaria manter a ordem e a segurança dos sacerdotes e da Santa nos dois eventos mais importantes do catolicismo paraense, ou até amazônico: a Trasladação e o Círio – atividade que foi antes, e por muito tempo, exercida pela Polícia Militar e pelo Exército. O resultado disso foi um

corpo de vigilantes formados por homens exclusivamente católicos, que tem a intenção de tirar do Estado um papel que cabe, na verdade, aos devotos. Exatamente por isso sua ação não pode (e não deve) se confundir com uma ação repressora, posto que sua função é harmonizar o ambiente, conter as manifestações de desordem. Por isso que para ser guarda, além da força espiritual, da fé católica, é necessário ter força física, embora este seja o atributo menos destacado e, possivelmente, um dos critérios excludentes para a participação das mulheres.

A igreja, através destes agentes controladores da disciplina, envia uma mensagem de demonstração de poder político e revela sua tentativa de controlar o ritual do Círio, de mantê-lo unicamente em sua dimensão religiosa, o que se opõe à dimensão popular ou mundano que assumiu, posto que o povo paraense a tem não apenas como um evento sagrado, mas também uma comemoração da solidariedade e alegria festeira que lhe é característica.

De fato, o propósito da existência da GNSN está além das atividades do Círio ou da Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, ele também se baseia na disseminação do Evangelho pelas famílias e comunidades belenenses, manifestado através de obras de caridade, como visita aos doentes, doação de sangue, de alimentos, dentre outras atividades assistenciais. É possível inferir que para os guardas estas atividades realmente não são tomadas como uma obrigação, mas como um trabalho de prestígio, que lhes confere uma dignidade superior, posto que estão a serviço de sua religião e da Santa, uma personalidade suprema.

Levando em consideração os dados quantitativos se pode deduzir que este corpo de voluntários é relativamente homogêneo em quanto a faixa etária, nível de escolaridade, ocupação, etc. Embora existam algumas exceções, estas são neutralizadas pelo fato de compartilhar o mesmo objetivo devocional, que é orientado pelo mesmo amor e devoção que deve usualmente ser demonstrado, ocultando ou sobrepujando suas diferenças individuais, além de estar regidos pelas mesmas regras e cobertos pela farda.

Para assegurar ou garantir o respeito e o cumprimento das regras que fazem de um homem um guarda santo a Igreja, a partir de 1998, criou um curso de formação de guardas de NSN, onde, de forma sistemática e planejada, as autoridades eclesiais manifestam os valores e comportamento cristãos que devem constituir o comportamento público, e até privado, desses homens. Durante quatro meses se incutem os ideais

necessários à formação devocional, dissolvidas entre mensagens de profundo amor, respeito e cuidado à NSN.

É neste momento que praticamente que inicia a interiorização da exterioridade e adequa a forma de atuar de cada agente dentro de seu campo, ou seja, o *habitus*. O *habitus* concede ao sujeito formas de pensar, sentir e atuar, no sentido em que o sujeito apreende as regras, valores que já estão definidas na estrutura em sua condição objetiva e as internaliza em sua subjetividade. Na medida em que o Guarda participa, vai aprendendo que ações são aceitáveis dentro desta instituição, além de neutralizar qualquer diferença social, produto de classe social ou profissão, adquirindo e reforçando a forma de agir idealizada pela Igreja. Por serem católicos suas próprias categorias de percepção os vão ajudar a compreender e a ajustar seu comportamento às práticas próprias da instituição que se estão aderindo.

Este processo é legitimado pela nova posição social que se adquire e pela nova postura que se enverga, que, tanto realça a existência de categorias de escolha como de distinção, em um ato preferivelmente cerimonioso e oficializado por alguém reconhecido e percebido como legítimo, que exerce o efeito de consagração como o expressa Bourdieu (2008). Esse rito de instituição tem a função social de separar aqueles que se identificam dos que se estranham, fato somente possível por existir duas realidades distintas que coexistem num mesmo espaço (Bourdieu 2008:98).

Segundo Bourdieu a investidura aí determinada consiste em sancionar e em santificar uma diferença (preexistente ou não), fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais. Portanto, os guardas ao receber esta investidura saem transformados, mais confiantes, mais devotos, ou seja, com maior disposição de servir os desígnios de NSN e da Igreja.

A partir deste momento os guardas, muito motivados, começam a participar das atividades programadas pelas autoridades, como a missa, procissões, reuniões, atividades sociais, todas as que servem para demonstrar e acrescentar algo mais na sua devoção por NSN. Essa devoção é, assim, o conteúdo ou matéria-prima da sociação, da criação de espaços onde os guardas santos, os homens consagrados ao trabalho divino, possam interatuar, onde acham que podem influenciar e também serem influenciados nas coisas boas, onde está a satisfação de sua necessidade religiosa.

A sociação dos atores sociais da GNSN em certo momento se converte em sociabilidade, porque é visível a satisfação, o prazer que eles manifestam ao estarem juntos, mesmo sem ter nada para ali fazer, mas, especificamente, pelo fato de gostar do ambiente.

Seguindo esta mesma perspectiva, também está a preocupação em participar de todas as atividades, ainda que se tenha cumprido a cota de devoção individual, o interesse e esforço em adquirir conhecimentos e técnicas novas, como o exemplo de seu Zé Maria que aprendeu a fazer nós paulistas e cariocas, para poder aplicar em seu trabalho santo, ou como os dois moços que usam a fotografia e as tecnologias da comunicação e da informação para difundir os melhores momentos da GNSN. Tudo para demonstrar sua fé e devoção, embora sem opacar ninguém.

A recompensa maior está na participação no Círio de Nazaré, no grande ritual que anualmente reatualiza o passado e o sentido da identidade paraense e brasileira, que de uma forma imensurável, única, grandiosa louva à NSN. É dessa forma justificável o desejo tão intenso dos guardas de participarem e de serem protagonistas neste evento magno, não simplesmente participando, mas servindo, trabalhando: organizando, dirigindo, cuidando. Estas posições, portanto, são memoráveis, marcantes, no entanto, obtê-las dependerá do grau de devoção demonstrado, comprovado, dependerá da visibilidade e da projeção das coisas que fazem e a que se submetem para serem considerados, destacados, prestigiados entre os mais de 1500 homens devotos oficiais de NSN. Então, só por isso, e exatamente por isso, é válido realizar quaisquer e todas as atividades que possam, num futuro próximo, fornecer glória e reconhecimento entre seus pares e na sociedade. E estes parecem ser o fundamento real da estrutura, da organicidade da GNSN, assim como a motivação e amálgama deste grupo.

Estas apreciações são o resultado das longas conversas e a convivência que eu tive com este grupo de guardas, permitindo-me compreender em parte os motivos mais íntimos que levam a este grupo de homens dedicarem tempo, esforço e muitos sacrifícios para poder serem devotos oficiais de NSN. Se a Igreja, ao criar essa instituição teve como finalidade manter o controle do ritual do Círio de Nazaré, mascarando na ideia de conseguir uma melhor organização para que os participantes alcancem um verdadeiro espírito religioso, acabou por conseguir, sem ter planejado, a

criação de profundos laços de amizade e solidariedade, baseados no amor e devoção por NSN.

Tentar conhecer a GNSN foi um grande desafio. Afinal, a guarda é predominantemente masculina e eu mulher e estrangeira. Foram necessárias diversas adaptações de conduta e linguística. Para além dos dados apresentados nesta pesquisa, ressalto que a relação que mantive com esses guardas me transformou diretamente, tendo aprendido com eles um pouco sobre a fé manifestada em um ambiente Amazônico.

Estou ciente que ficam muitas questões para serem exploradas. Por exemplo, não aprofundi a exclusão feminina dentro da GNSN. Mesmo quando foram aceitas guardas mulheres, ainda que eles estejam conscientes do aporte que podem oferecer as mulheres, tomando como referência a Denise, esta continua como uma guarda de apoio.

Elaborei uma base de dados que não explorei em toda a sua potencialidade. Esses dados podem servir de referência, inclusive, para a mesma Guarda, para que eles a partir de dados estatísticos (e etnográficos) adotem melhores decisões, como na organização das equipes de trabalho. Os dados, entretanto, estão desatualizados, necessitando-se a inclusão dos 398 guardas que ingressaram no ano de 2016.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Alves, I. 1980. *O carnaval devoto. Um Estudo da Festa de Nazaré em Belém*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.

\_\_\_\_\_. 2005. A Festiva Devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. *Estudos Avançados* 19: 315-331.

Amaral, R. 1998. As Mediações Culturais da Festa. *Rev. Mediações* 3(1): 13-22.

Araujo, C. 2015. Luso-Romano-Brasileiro: Uma Interpretação da Formação do Catolicismo Popular. *Revista de Ciber Teologia* 50. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wpcontent/uploads/downloads/2015/06/luso-romano-brasileiro.pdf>. Acesso em: 1 junho 2016.

Ávila, C. 2008. Honduras - Brasil: Un siglo de afinidades electivas, de solidaridad y de cooperación para el desarrollo. *Diálogos: Revista electrónica de História* 9(1). Disponível em: <http://revistas.ucr.ac.cr/index.php/dialogos/article/view/6142>. Acesso em 7 dec. 2015.

Basílica de Nazaré. Disponível em: [http://www.basilicadenazare.com.br/pagina/parouquia\\_de\\_nazare](http://www.basilicadenazare.com.br/pagina/parouquia_de_nazare). Acesso em: 1 nov. 2015.

Bonna, M. 1993. *Dois Séculos de Fé*. Belém: Editora CEJUP.

Bourdieu, P. 1983. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Org. Renato Ortiz [tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi]. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_.1983. [1975]. Alta Costura e Alta Cultura, in *Questões de Sociologia*. Bourdieu, P. pp. 154-161. Rio de Janeiro: Marco Zero.

\_\_\_\_\_. 1994. Esboço de Uma Teoria da Prática, in *A sociologia de Pierre Bourdieu*. Editado por R. Ortiz (Org.), pp. 46-81. São Paulo: Editora Ática.

\_\_\_\_\_. 2002. *O Poder Simbólico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. 2004. Gênese e Estrutura do Campo Religioso, in *Bourdieu, Pierre*. Editado por S. Micelli (Org.), pp. 29-83. São Paulo: Editora Perspectiva.

\_\_\_\_\_. 2007. *Economia das Trocas Simbólicas 1932 – 2002*. Perspectiva: São Paulo.

\_\_\_\_\_. 2008. *Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer, 1932 – 2002*. 2. ed. São Paulo: EDUSP.

\_\_\_\_\_. 2013 [1978]. Capital simbólico e Classes Sociais. *Novos Estudos – CEBRAP* 96: 105-115.

Cardoso de Oliveira, R. 2006. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp/ Paralelo 15.

Carrijo de Oliviera, A. 2011. *Língua Portuguesa- Dicionário*. Blumenau: Vale das Letras.

Castro, M. 1995. Contribuições da Sociologia Clássica e Contemporânea para a Análise das Relações de Poder na Escola: Um Estudo do Poder em Weber e em Bourdieu. *Educação e sociedade* 16(50): 105-43.

DaMatta, R. 1997. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6º ed. Rio de Janeiro: Rocco.

Dias, S. 2001. *Capital Social e Violência: Uma Análise Comparada em Duas Vilas de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Dossiê IPHAN I. 2006. *Círio de Nazaré*. Ministério de Cultura. Rio de Janeiro.

Durkheim, E. 2008 [1912]. *As formas elementares de vida religiosa*. 3. ed. São Paulo: Paulus. 536p.

Fagnani, E. 2015. Política Social e Desenvolvimento. *Rev. Plataforma Política Social* (3). Disponível em: [http://plataformapoliticasocial.com.br/wp-content/uploads/2015/12/revista-pps-26\\_L4.compressed.pdf](http://plataformapoliticasocial.com.br/wp-content/uploads/2015/12/revista-pps-26_L4.compressed.pdf). Acesso em 22 nov. 2016.

Ferreira, S. 2015. O Sagrado e o Profano em Émile Durkheim. *Revista - E – FAPPE* 9(1): 1-19.

Fontes, I. 2015. *Origem do Rosário*. Disponível em: <<http://www.paravc.com.br/Irene/palestras/origem-rosario.pdf>> Acesso em 10 dec. 2015.

Geertz, C. 2008 [1923]. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Guarda de Nossa Senhora de Nazaré. 2016. *Regimento interno*. Gráfica Alves.

Gusmão, L. 2013. *Cartografia dos Distritos Administrativos de Belém/PA com Google Earth*. Disponível em: <http://geocartografiadigital.blogspot.com.br/2013/05/cartografia-dos-distritos.html>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Henrique, M. 2011. Do ponto de vista do pesquisador: O processo de Registro do Círio de Nazaré como Patrimônio Cultural Brasileiro. *Amazônica* 3 (2): 324-346.

- Hobsbawn, E. e T. Ranger. 1978. *A invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lanna, M. 2000. Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio Sobre a Dádiva. *Revista de Sociologia e Política* 14: 173-194.
- Leach, E. 1983. *Edmund Leach: antropologia*. Roberto DaMatta (Org.). São Paulo: Editora Ática.
- Leach, R. 1995. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia. Um Estudo da Estrutura Social Kachin*. São Paulo: Edusp.
- Lévi-Strauss, C. 2008. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papiros Editora.
- Lima, D. 1999. A Construção Histórica do Termo Caboclo Sobre Estruturas e Representações Sociais no Meio Rural Amazônico. *Novos Cadernos NAEA* 2(2): 5-32.
- Lins de Oliveira, P. 2010. *O Terço Católico e as Materialidades da Devoção*. Entrevista de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/32925-o-terco-catolico-e-as-materialidades-da-devocao-entrevista-especial-com-paola-lins-de-oliveira>> Acesso em 4 nov. 2015.
- Lopes, R. 2011. Círio de Nazaré: Agenciamentos, Conflitos e Negociação da Identidade Amazônica. *Religião e Sociedade* 31(1): 155-181.
- Malinowski, B. 1978. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa, in *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. Malinowski, B, 17-34. São Paulo: abril Cultural.
- Manzini, E. J. *Considerações sobre a transcrição de entrevistas*. Disponível em: [http://www.oneesp.ufscar.br/texto\\_orientacao\\_transcricao\\_entrevista](http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista). Acesso em jan.2016.
- Maués, R. 1995. *Padres, Pajés, Santos e Festas*. Belém: Cejup.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Uma Outra "Invenção" da Amazônia: Religiões, Histórias, Identidades*. Belém: CEJUP.
- Mauss, M. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Mello, N. 01/10/2012. *Padroeira dos Paraenses Conta com Guarda de Proteção Movida pela Fé*. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2012/noticia/2012/10/padroeira-dos-paraenses-conta-com-guarda-de-protecao-movida-pela-fe.html> Acesso em: 3 nov. 2015.
- Melo, I. 2012. *Imaginaria em Colégios, Fazendas e Missões Jesuíticas no Nordeste Paraense*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

Ministério do Trabalho e Emprego. 2010. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Estrutura, tábua de conversão e índice de títulos. Vol. 3. 3a Edição: - Brasília.

Museu Histórico Nacional. Site oficial. *Do móvel ao automóvel: Transitando pela História*. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2015.

Nascimento, F. 1995. *Dinâmica da Distribuição dos Poluentes Metálicos e Orgânicos nos Sedimentos de Fundo dos Canais de Drenagem de Belém – PA*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geologia e Geoquímica, Universidade Federal do Pará, Belém.

Nicolau, T. 02/10/2015. *Guarda da Santa terá 1,2 mil homens no Círio*. Diário de Para. Sexta-Feira, Disponível em: <http://www.diarioonline.com.br/hotsite/cirio/noticiainterna.php?nIdNoticia=345966>. Acesso em: 24 out. 2015.

Oleszkiewicz, M. 1998. Los Cultos Marianos Nacionales en América Latina: Guadalupe/Tonantzin y Aparecida/Iemanjá. *Revista Iberoamericana*. 182-183: 241-252. Disponível em: URL: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/6161/6337>. Acesso em 25 dec. 2015.

Pantoja, V. 2006. *Negócios Sagrados: Reciprocidade e Mercado no Círio de Nazaré*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, Belém.

Pantoja, V & Maués R. 1999. *Cultura e Natureza sobre Representações e Identidades na Amazônia Brasileira*. Belém: Cejup.

Peirano, M. (Org.). 2002. *O Dito e o Feito: Ensaio De Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Peirano, M. 2002. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Zahar.

Perez, L. 2002. *Dionísio nos trópicos: Festa religiosa e barroquização do mundo. Por uma antropologia das efervescências coletivas*, in *A festa na vida: significado e imagens*. Editado por M. Passos, pp. 15-58. Petrópolis: Vozes.

Ramos, A & Peirano, M. 1973. O Simbolismo da Caça em dois Rituais de Nominação. *Série antropologia* 4. Disponível em: URL: [http://www.marizapeirano.com.br/artigos/simbolismo\\_da\\_caca.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/artigos/simbolismo_da_caca.pdf). Acesso em 4 dec. 2015.

Ribeiro, M. 2015. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha. Da Chiquita!” Notas Etnográficas da Festa da Chiquita Em Belém-PA. *Ponto Urbe* 16. Disponível em < <http://pontourbe.revues.org/2646>>. Acesso em 27 de novembro.

Riegl, A. 1984. *Le Culte Moderne des Monuments*. Trad. Daniel Wiczorek, Paris, Seuiul.

Rocque, C. 1981. *História de Círio e da Festa de Nazaré*. Belém, do Pará: Mitograph editora.

Silva R. 2012. Edmund Ronald Leach e a Dimensão do Desequilíbrio. *Ponto Urbe* 11. Disponível em < <http://pontourbe.revues.org/165>>. Acesso em 7 dec. 2015.

Silveira, J. 2011. Desenhos Setecentistas na Sé de Belém. *Anais do Museu Paulista* 19(2):107-127. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v19n2/a04v19n2.pdf>>. Acesso em 7 set. 2016.

Simmel, G. 1983. *Sociologia. 1858 -1918*. Org. Evaristo de Moraes Filho, [trad. Carlos Alberto Pavanelli]. São Paulo: Ática.

Simmel, G. 2006. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal, in *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Tavares, M. G. A Formação Territorial do Espaço Paraense: Dos Fortes à Criação de Municípios. *Revista ACTA Geográfica* 3: 59-83.

Teixeira, L. & Alves, A. 2016. As diferenças entre as Políticas Econômicas dos Períodos FHC e Lula-Dilma. *Rev. Brasil Debate*. Disponível em <<http://brasildebate.com.br/928/>>. Aceso em 22 nov. 2016.

Turner, V. 2005. *Floresta de símbolos*. Niterói: EDUFF.

Vianna, A. 1968. Festas Populares do Pará. *Anais da Biblioteca e arquivo público do Pará*. Tomo III.

Wacquant, L. 2006. Seguindo Pierre Bourdieu no Campo. *Revista de Sociologia e Política* (26): 13-29.

William, R. 2011 *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp.

# ANEXOS

## Anexo 1 Romaria Ananindeua



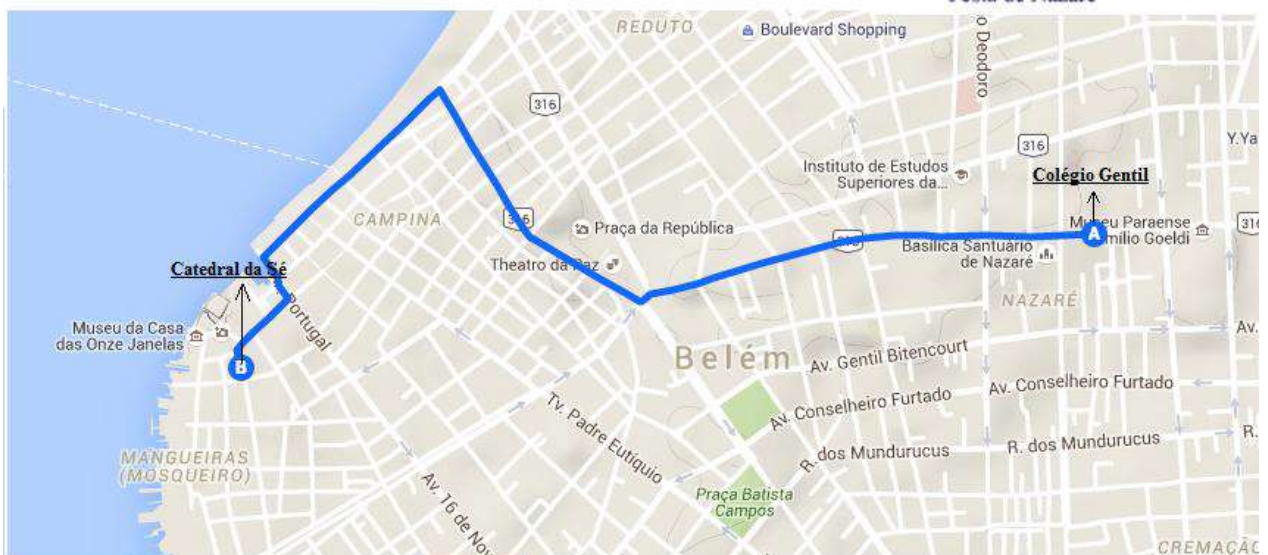
## Anexo 2

### Trasladação

Saída: Colégio Gentil

Hora: 18:00h

Extensão: 3,750 km





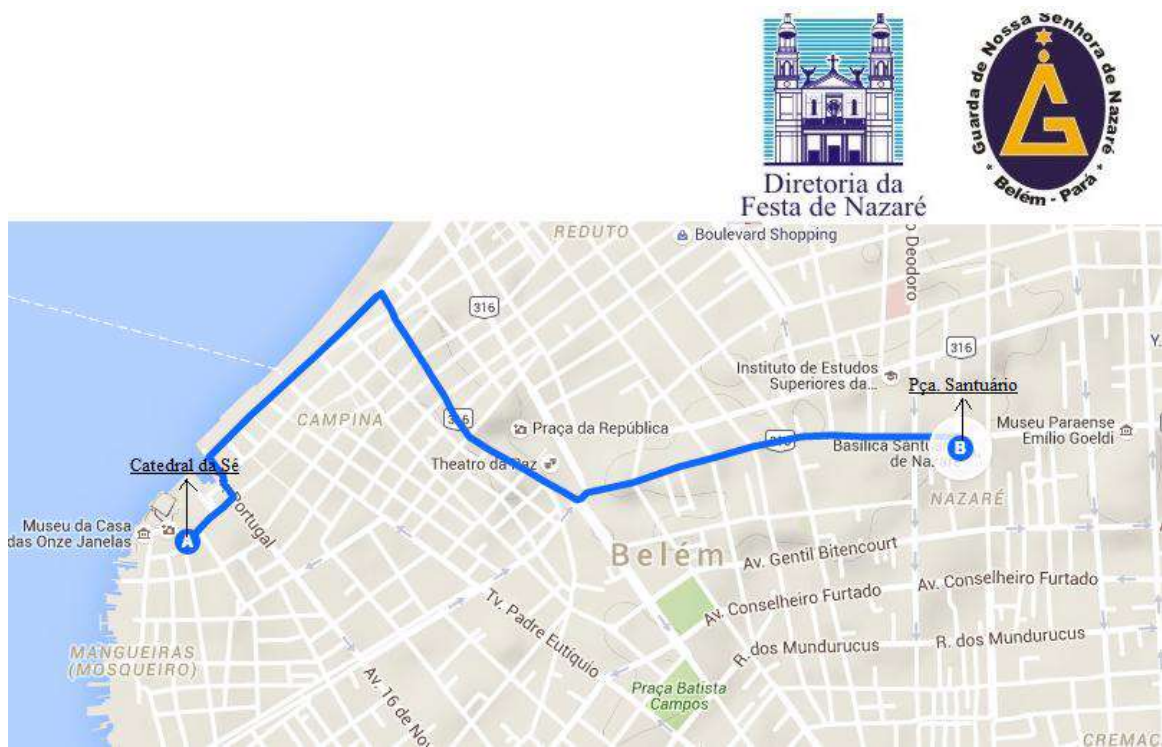
## Anexo 3

### Círio

Saída: Catedral da Sé

Hora 6:00h

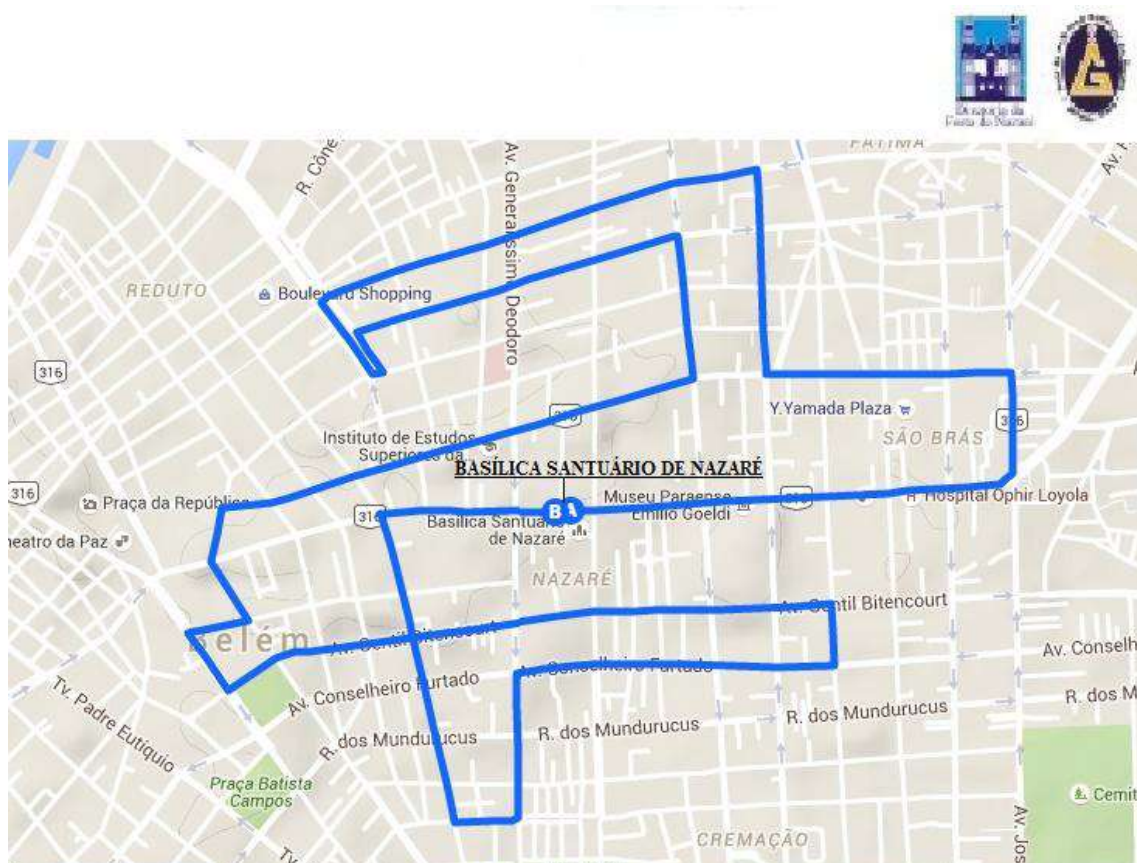
Extensão: 3,600 km





## Anexo 4

**Ciclo Romaria**  
**Saída: Praça Santuário**  
**Hora: 08:00 h**  
**Extensão: 13,800 km**



## Anexo 5

### Organização na missa de formatura

GNSN – 2016

